REVISTA DA SEMANA

Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro

N.º 20 ★ 19-5-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NESTE NÚMERO: ÀS MARGENS DO MONDEGO — PARA SALVAR OS PRÉ-NASCIDOS

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

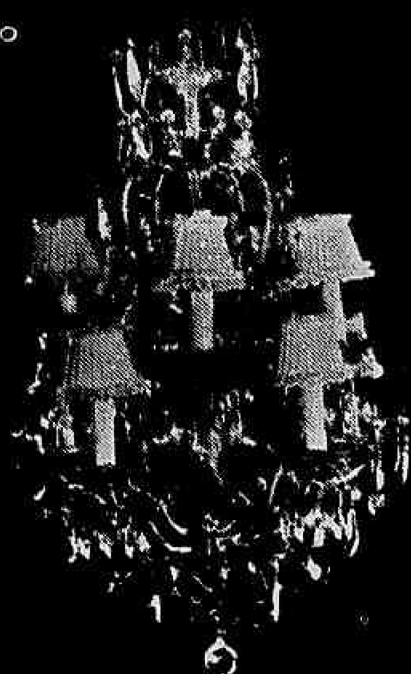
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

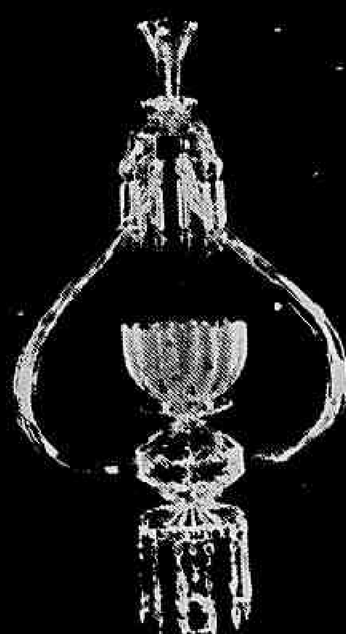
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

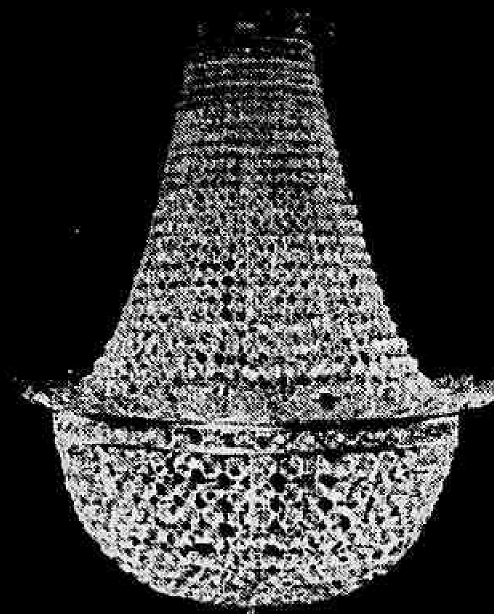
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

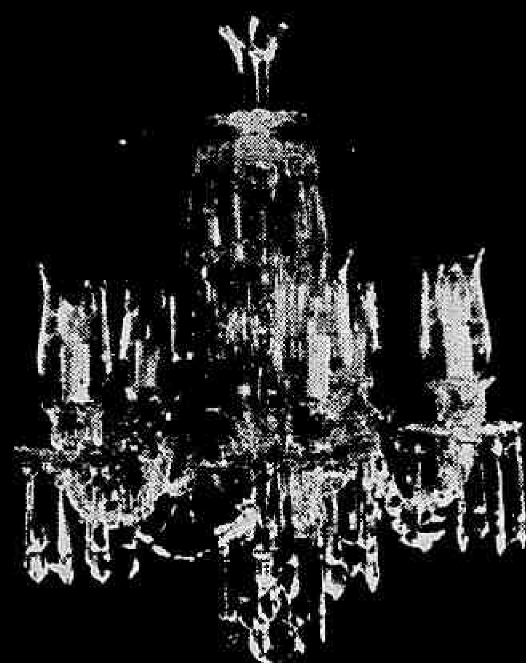
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

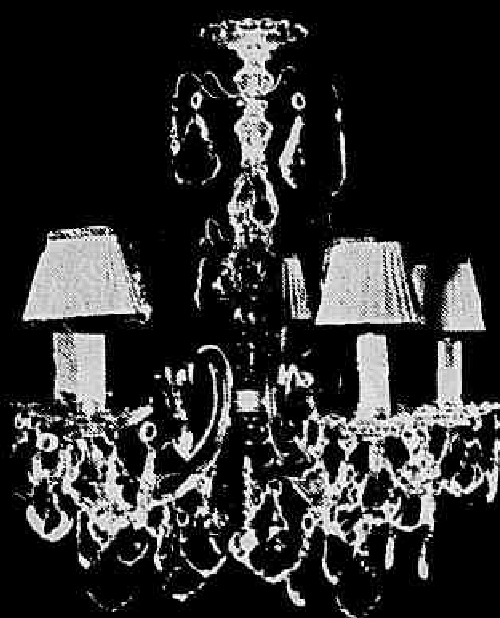

1

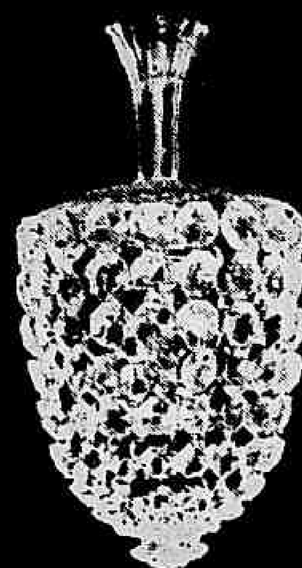

2

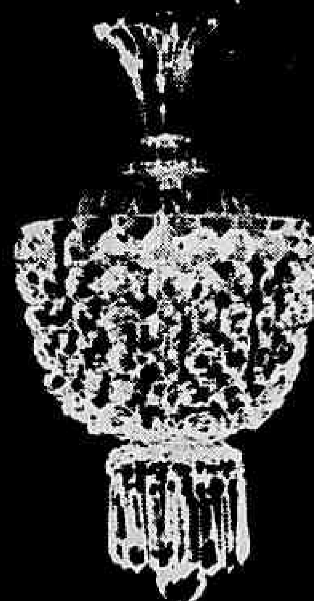

3

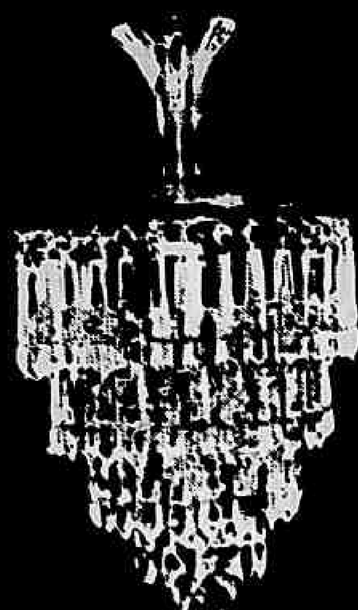

4

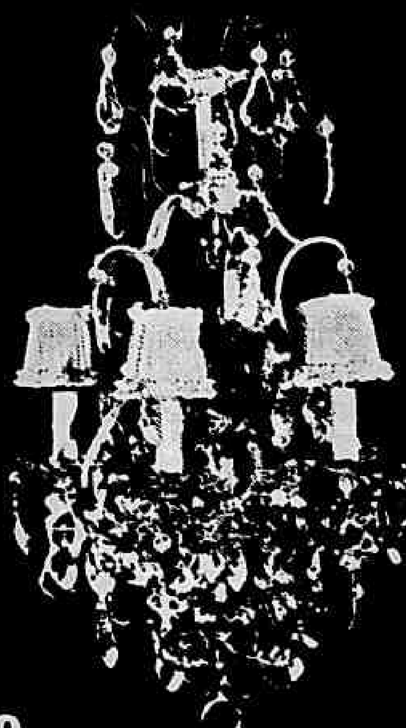

5

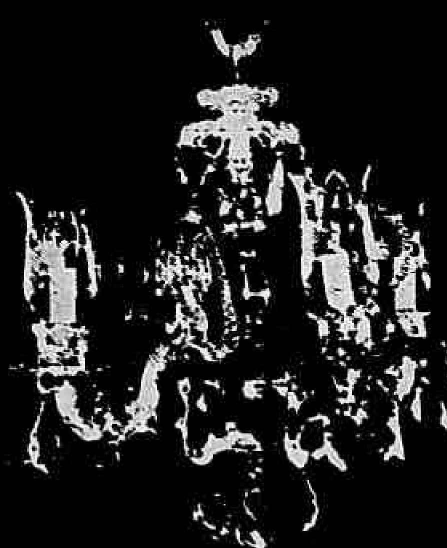

6

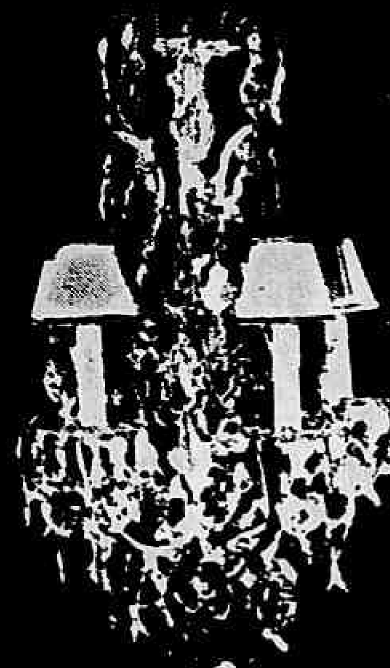

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

ÁS MARGENS DO MONDEGO

UM DOMINGO DE PRIMAVERA EM COIMBRA ★ "ARRUFADAS, BÔLOS DE SANTA CLARA E DE SANTANA, PASTÉIS DE TENTÚGAL, QUEM QUER?" ★ AS LAVADEIRAS LAVAM ASSIM... ★ MERENDAS E PICNICS NO CHOUPAL ★ E AS TRICANAS, POR ONDE ANDAM? ★ ONDE O FADO É DIFERENTE ★ VIRAS À BEIRA-RIO ★ POR ALI PASSARAM E AMARAM FADISTAS, ESTUDANTES E HOMENS ILUSTRES...



REPORTAGEM NAS PÁGS. 11 A 16

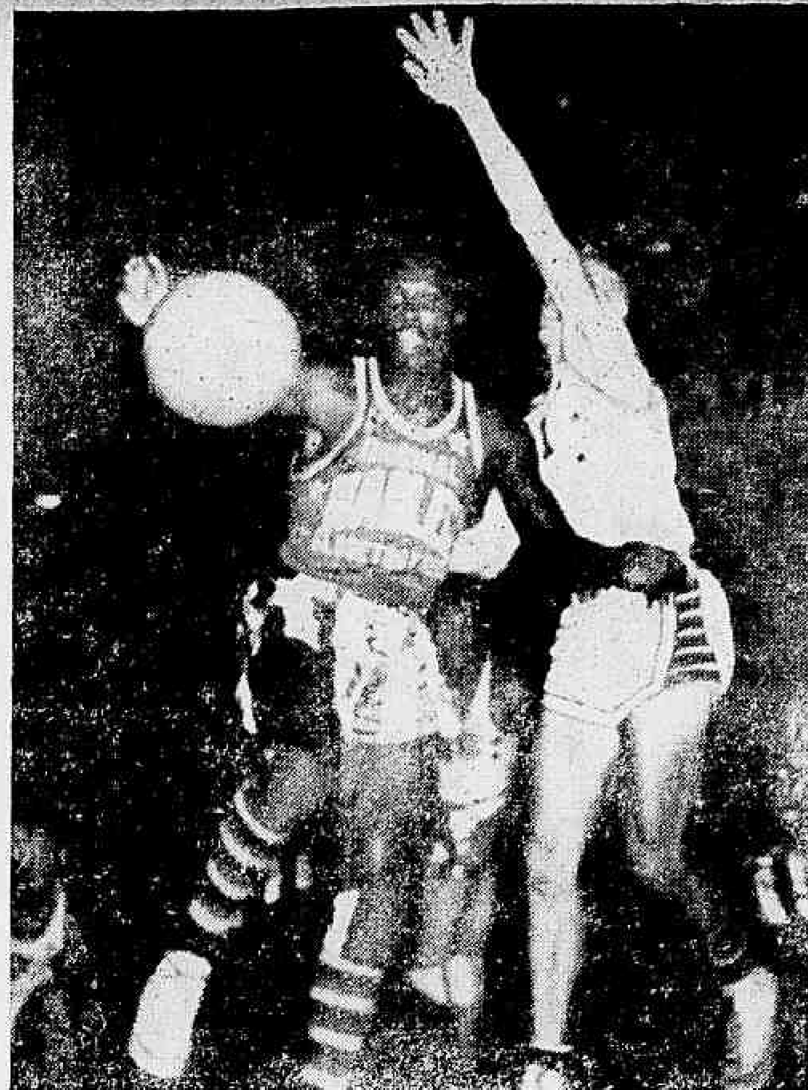
O JUIZ PAT KENNEDY era "o maior"! Gritava, esperneava... era, sòzinho, um espetáculo!



O SHOW DOS "GLOBE-TROTTERS"

PROFISSIONAIS NORTE-AMERICANOS DE DUAS FAMOSAS EQUIPES DE JOGADORES DE BASQUETE EXIBIRAM-SE NO RIO, EMPOLGANDO PELO MALABARISMO DAS JAGADAS.

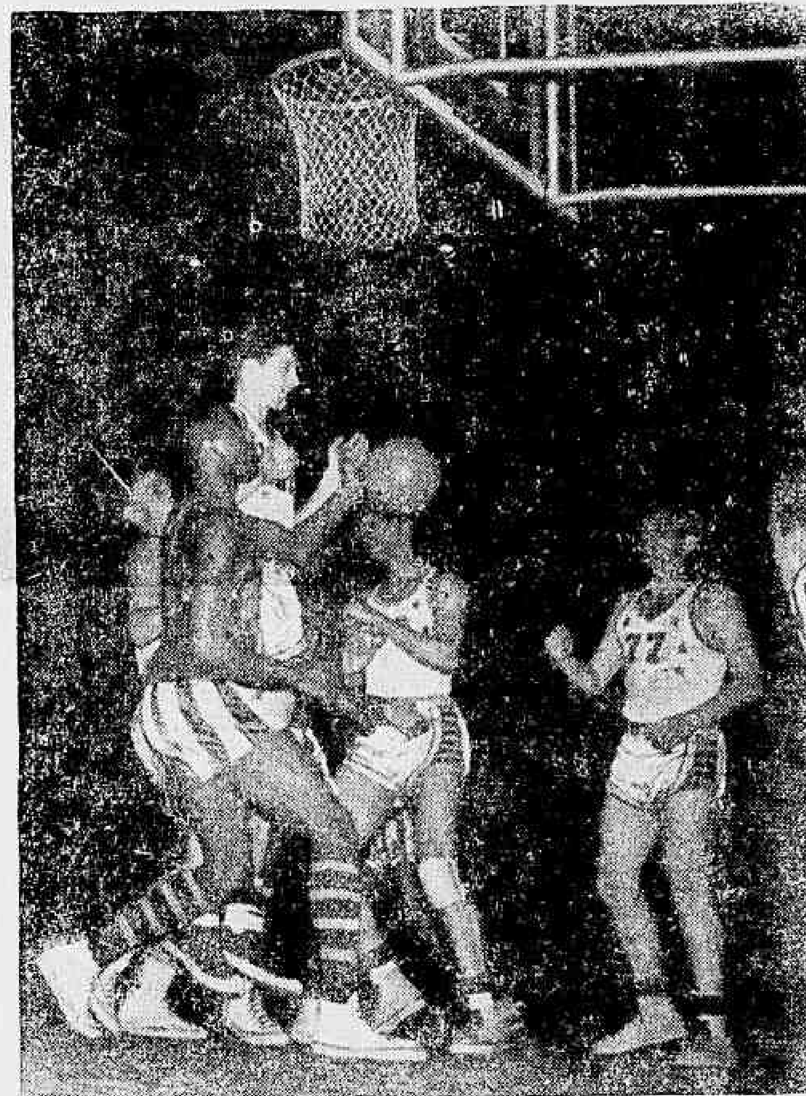
HÁ muito que vinha sendo prometida a exibição em nosso país de dois conjuntos norte-americanos de basquete. Estavam êles fazendo uma *tournée* pelos países da Europa e, finalmente, chegaram e estrearam num rápido quadrangular com o Flamengo e a Atlética do Grajaú, locais. Estrearam e abafaram. Verdadeiros mestres, senhores absolutos em tamanho, técnica, agilidade, truques e hilariantes jogadas, Sim, hilariantes, pois são êles profissionais há longo tempo, fazendo das exibições dos "shows" que apresentam no mundo inteiro, o ganha-pão de suas vidas. Todos sabíamos disso, mesmo antes da chegada dêles, pois houve quem não gostasse das surras levadas pelos nossos, taxando de "palhaçadas" o jôgo principalmente dos pretos do "Harlem Globetrotters". Além de saber jogar, o que foi sobejamente demonstrado em todos os jogos pelas amplas margens que os distanciavam dos competidores, também fizeram alarde do virtuosismo que conseguem praticar com uma bola de basquete. Do princípio ao fim, desde a cinematográfica entrada no tablado, através de um disco de papel em que estava escrito o nome do conjunto, ao número extra, de malabarismo com luvas e bola fosforescente, de efeitos inéditos para a platéia carioca, com todo o Maracanã às escuras; dos rápidos, inesperados e maravilhosos "passes" aos pulos e cestas surpreendentes; das brincadeiras entre êles mesmos, com o juiz Pat Kennedy, gesticulador e berrante, ou com os adversários, ao jôgo rápido e eficiente que sabiam mostrar sempre que quisessem avantajar-se no "placard". Coadjuvando o conjunto dos pretos veio também o de judeus do "All Stars", ótimo quadro, superior a qualquer um dos nossos, mesmo sem praticar truques. Acertou quem os trouxe ao Brasil, acertaram escolhendo o Maracanã para palco dos jogos, pois não haveria ginásio nenhum capaz de suportar os 40.000 espectadores de sábado, 5 do corrente, nem teria sido possível arrecadar quantia que beirou o milhão de cruzeiros numa só noite. Espetáculo digno de ser visto por todos, apreciem ou não o basquete. Desconfiamos que, de agora em diante, vai ser um tal de aparecer malabaristas entre os nossos jogadores!... Não custa nada esperar...



A TURMA do All Stars passou mal com os globetrotters. Vejam o golpe errado dêsse branco: a bola não estava ali...



E OS «COLORED» DO HARLEM iam surgindo no tablado, como em passo de mágica, varando aquêle grande disco forrado a papel, uns após outros, cada qual mais simpático. Desde o primeiro contacto com o público, dominavam o ambiente e faziam furor.



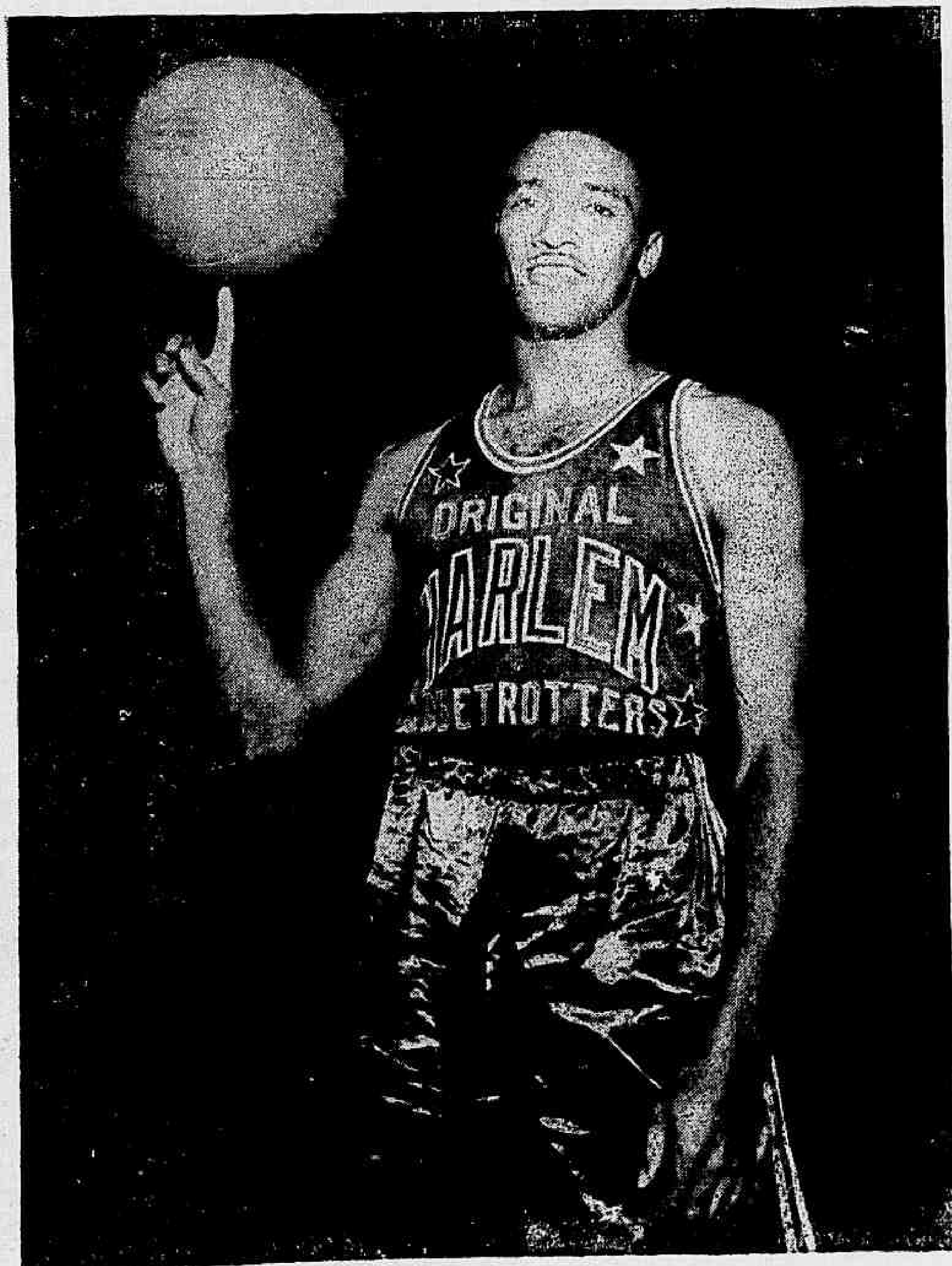
BOLA MANDADA, bola na cesta e ponto marcado para os simpáticos negros. Parecia que a cesta possuía imã...



AS PELEJAS MAIS sensacionais foram as travadas entre as duas equipes norte-americanas. E os trucs continuavam!



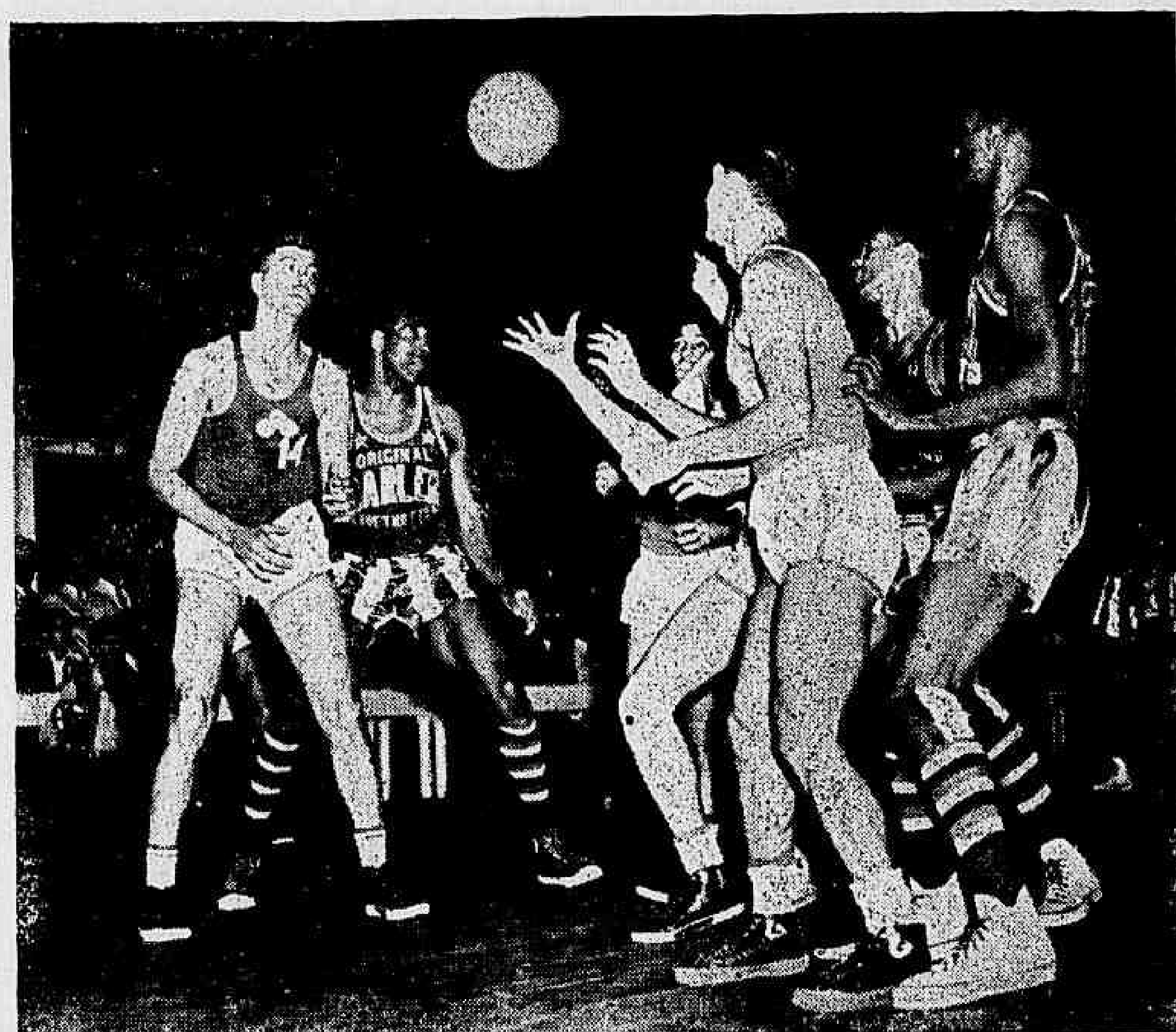
ALTOS, FEIOS, CORPULENTOS mas simpáticos, os Globetrotters sabem o que se pode fazer com uma bola.



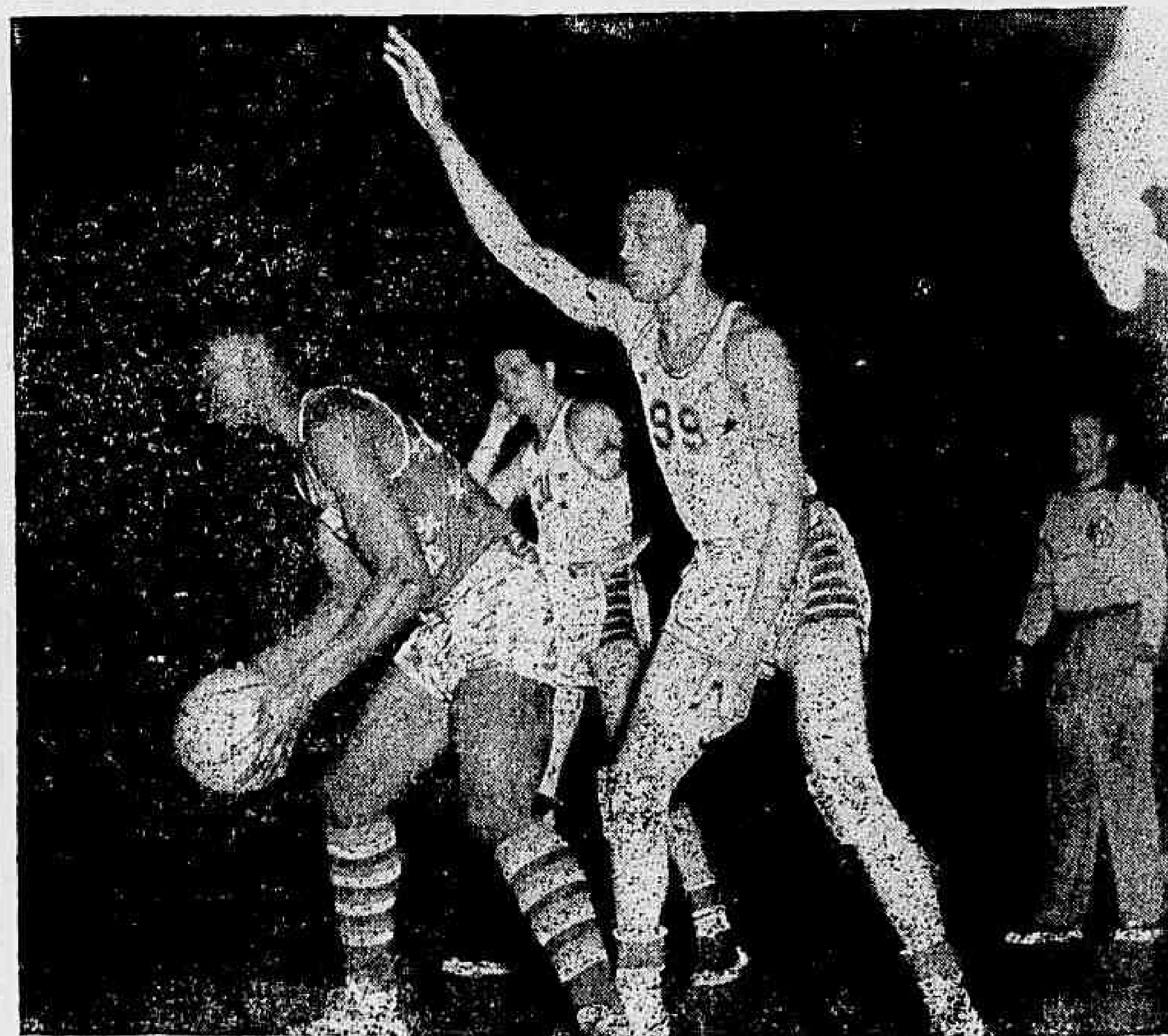
VEJAM ESSE! E' capaz de fazê-lo em pleno jôgo, enquanto os companheiros lhe guardam as costas.



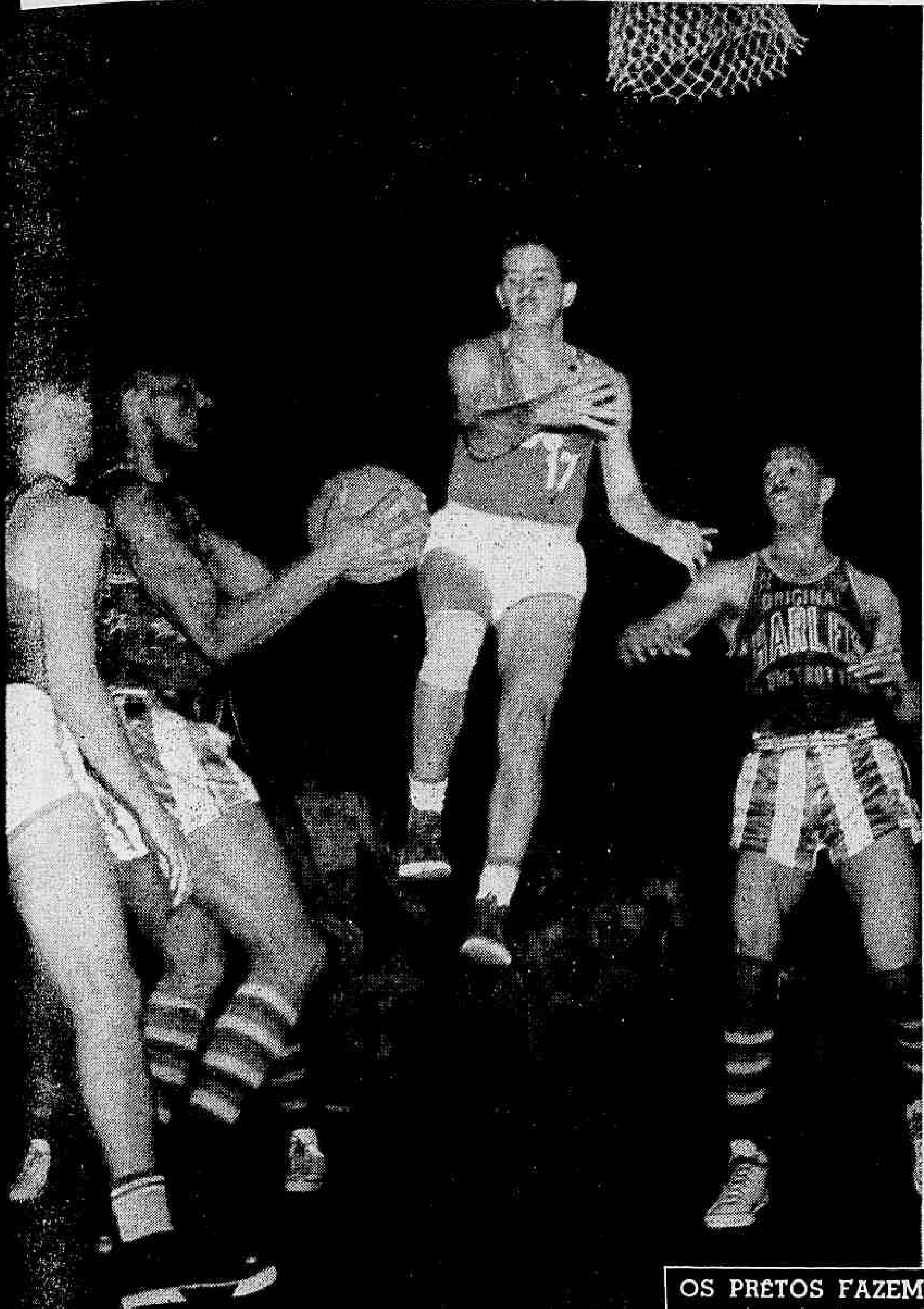
EXIBIÇÃO COM LUVAS e bola fosforescente, fora do jôgo. A luz do flash mata o efeito, só visível no escuro.

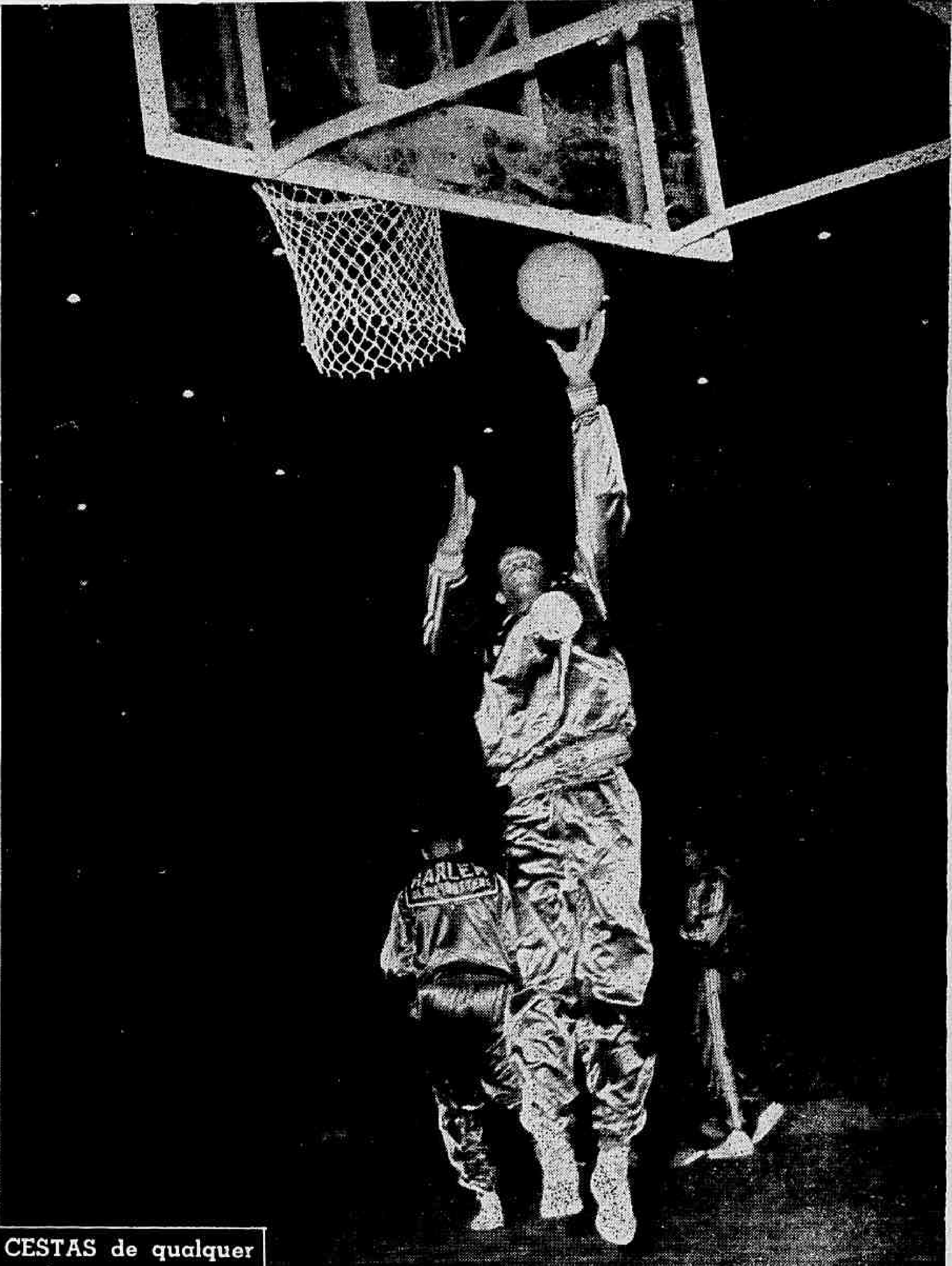


A BOLA SUBIA, DESCIA, DESAPARECIA, mas poucas vêzes saía das mãos dos infernais rapazes (!) do Harlém.

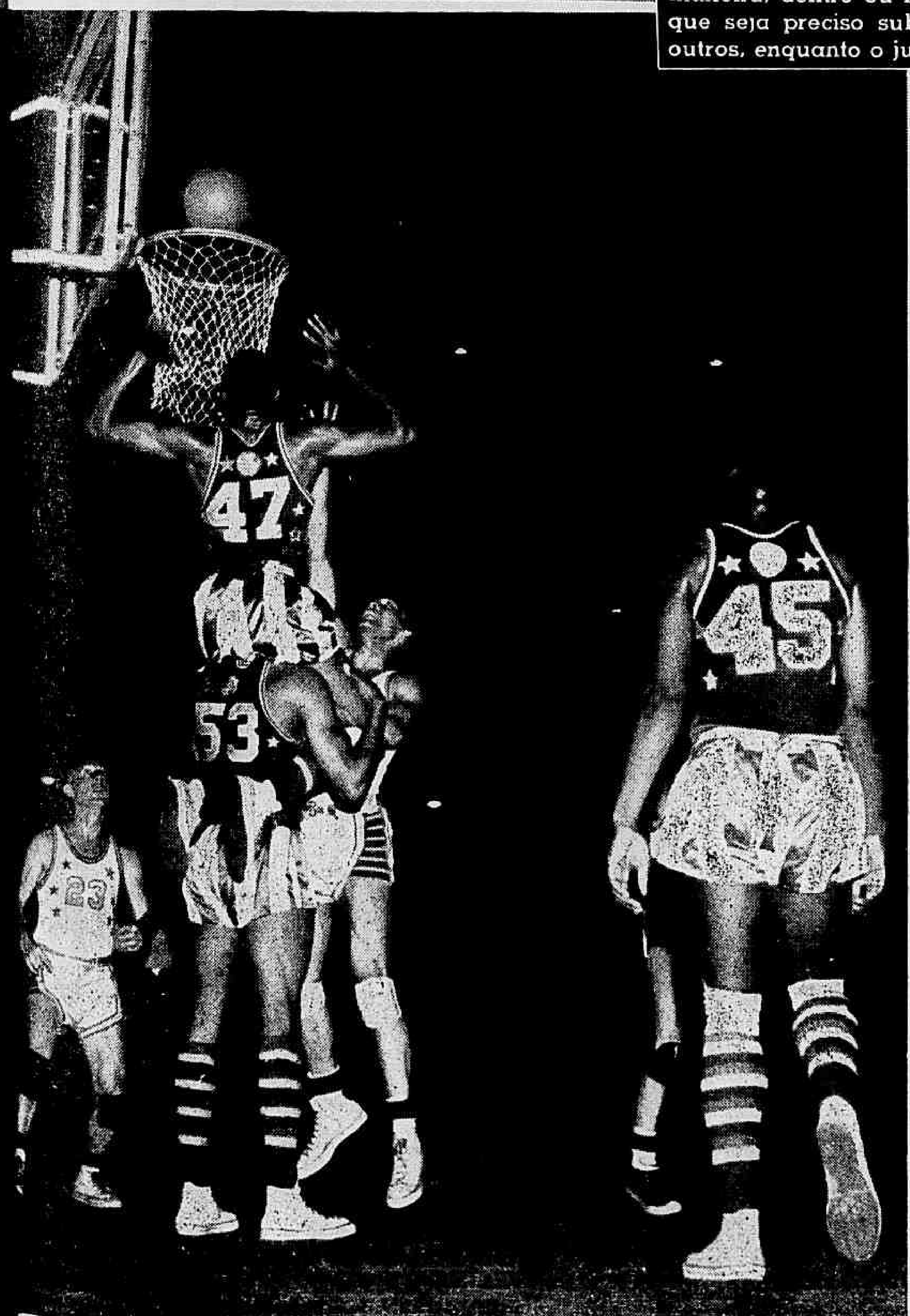


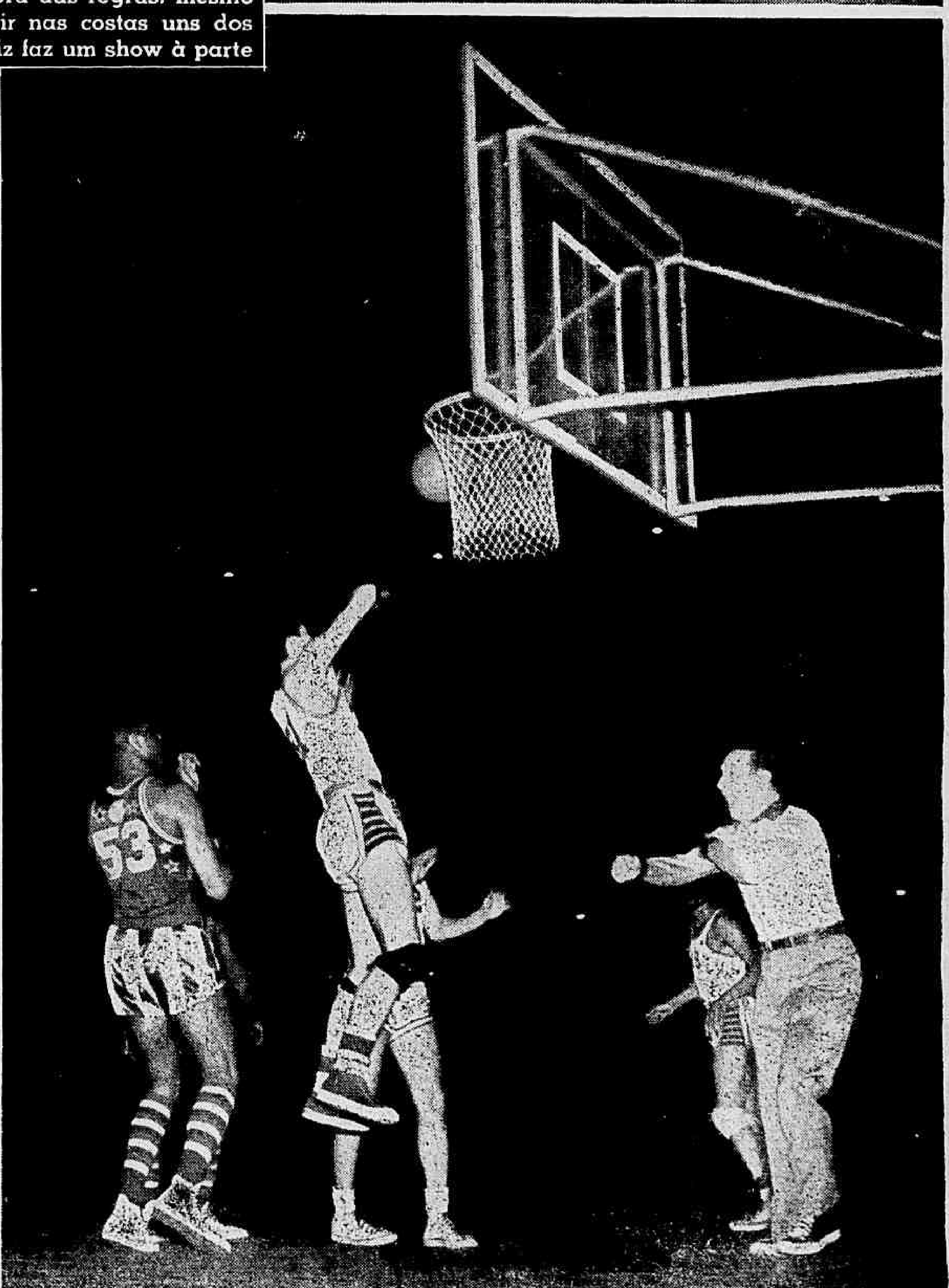
NEM OS ÓTIMOS JOGADORES judeus do «All Stars» conseguem vencer o conjunto dos prêtos. Em tamanho rivalizavam.





OS PRÊTOS FAZEM CESTAS de qualquer maneira, dentro ou fora das regras, mesmo que seja preciso subir nas costas uns dos outros, enquanto o juiz faz um show à parte





OS MALABARISTAS...







Os malabaristás da pelota fizeram furor na Europa. Os europeus ainda

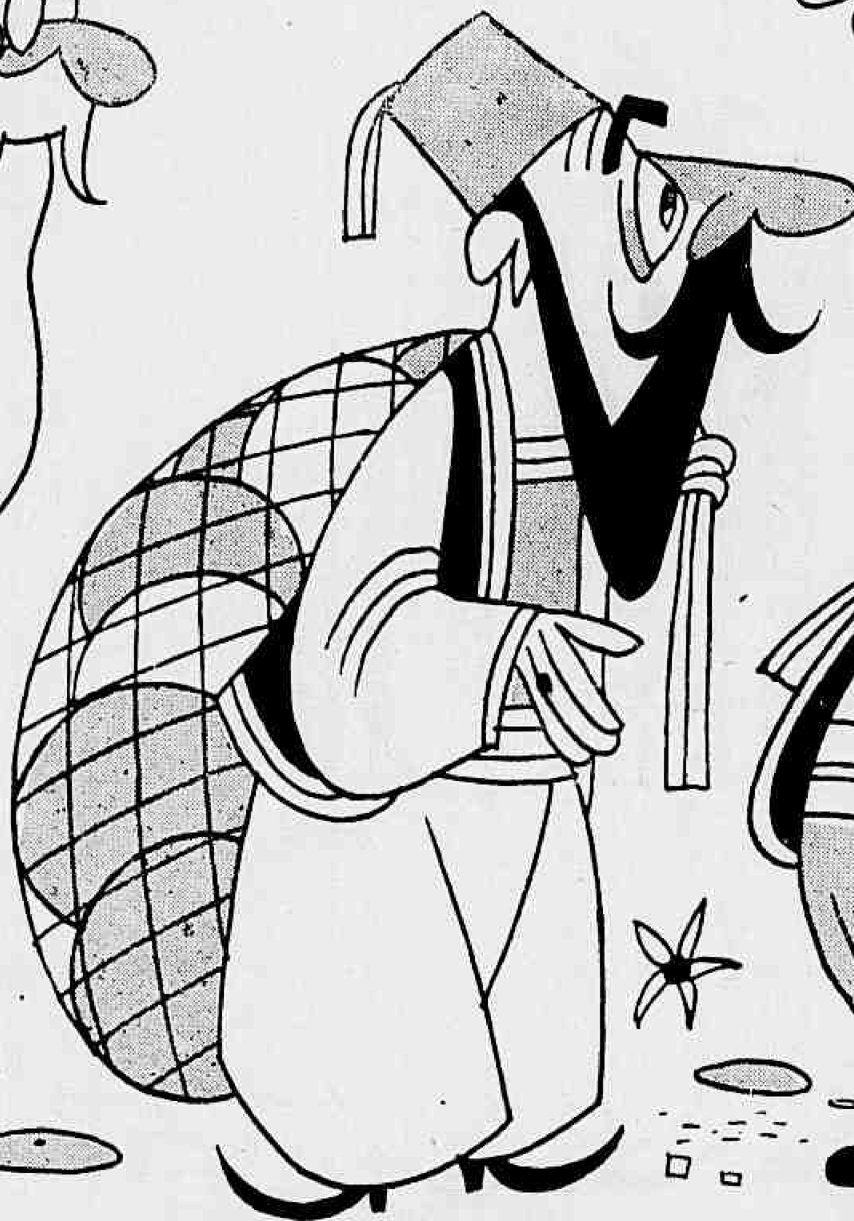
se lembravam da bicicleta de Leônidas há quinze anos passados e ligaram,

com espírito, a habilidade dos mulatinhos rosados do Bangu à equilibrismo das vóvós bahianas...

(A diplomacia ficou no chinelo).

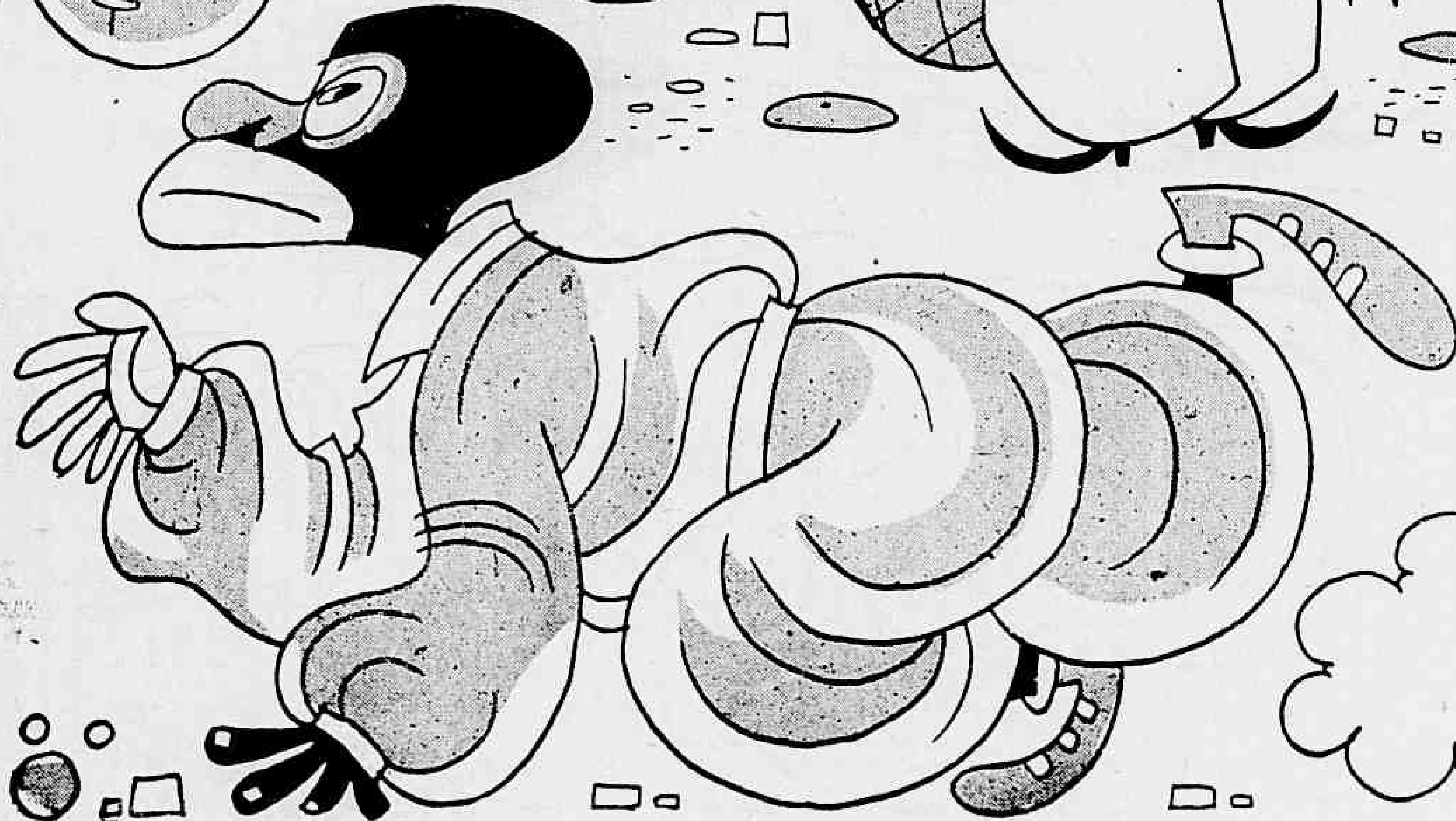


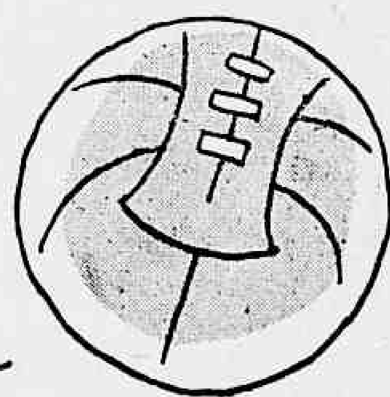






Encheram de goals as rêdes do velho continente, mas quando voltaram à terra, ficaram de queixo caído ante o malabarismo dos negros norte-americanos do Globetratters...





PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — DE QUEM É A SENTENÇA: «NÃO FAZER AOS OUTROS O QUE NÃO QUEREMOS QUE OS OUTROS FAÇAM A NÓS»:

De Cristo?
De Maomé?
De Confúcio?

2 — QUEM ESCREVEU «A DIVINA COMÉDIA»:

Dante Alighieri?
Torquato Tasso?
Luís de Camões?

3 — QUE PROFISSÃO EXERCIA O LITERATO BOCCACIO:

Advocacia?
Medicina?
Ou era caixeiro-viajante?

4 — DE QUEM HERDOU FRANÇOIS VILLON ÊSTE SOBRENOME:

Do pai?
De um padre que o criou?
Do avô materno?

5 — QUAL A MAIS DIVERTIDA HISTÓRIA DE AVENTURAS DE TODOS OS TEMPOS:

«Dom Quixote»?
«As Mil e uma Noites»?
«Alice no país das maravilhas»?

6 — QUAIS OS ÚNICOS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL COM OS QUAIS O BRASIL NÃO SE LIMITA:

Peru e Bolívia?
Equador e Chile?
Colombia e Venezuela?

7 — QUE NOME TEM A CORDILHEIRA QUE SEPARA A FRANÇA DA ESPANHA:

Alpes?
Apeninos?
Pirineus?

8 — QUAL O PONTO DE PARTIDA DE TÔDAS AS LENDAS REFERENTES À EXISTÊNCIA DA HIPOTÉTICA ATLÂNTIDA:

Escritos de Ptolomeu?
Obras de Platão?
Discursos de Aristóteles?

9 — QUAL O VULCÃO QUE SOTERROU POMPÉIA:

O Vesúvio?
O Etna?
O Strômboli?

10 — COMO SE CHAMOU O PINTOR QUE CRIOU O «NU ARTÍSTICO»:

Miguel Ângelo?
Giotto?
Masaccio?

11 — EM QUE ANO LEONARDO DA VINCI TERMINOU O SEU QUADRO «A ÚLTIMA CEIA»:

1420?
1580?
1499?

12 — QUAL O MAIOR ASTRO DO SAPATEADO:

Bill Robinson?
Fred Astaire?
Clark Gable?

13 — QUAL O BRASILEIRO QUE MORREU TRAGADO PELA CRATERA DO VESUVIO:

Cézar Zama?
Vieira Fazenda?
Silva Jardim?

14 — QUAL A MAIOR AVE DO MUNDO:

A águia?
O avestruz?
O jaburu?

15 — QUE NOME SE DÁ AO FENÔMENO DE LAGARTA TRANSFORMAR-SE EM BORBOLETA:

Metempsicose?
Simbiose?
Metamorfose?

16 — PARA QUE SERVE O PÓLEN DAS FLÔRES:

Para fecundação das plantas?
Para secretar o nectar?
Para atrair insetos?

17 — QUAL O NOME DA SEIVA LEITOSA DA SERINGUEIRA:

Utriculária?
Latex?
Hévea?

18 — ATÉ QUE IDADE PODE CHEGAR UM CROCODILO:

Um século?
Cinqüenta anos?
Século e meio?

19 — QUAL A MAIS ALTA CACHOEIRA DO MUNDO:

Niágara?
Paulo Afonso?
Kaieteur?

20 — QUAL A MAIOR CACHOEIRA DO MUNDO:

A «Vitória»?
A de Santa Maria do Iguaçu?
A de Itaparica?

Respostas na página 50



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira.**

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser [illegible]

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 20 ★ 19-5-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150.00
Seis meses	Cr$ 75.00
Registrada — Um ano	Cr$ 180.00
Seis meses	Cr$ 90.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulso custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3.50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

COM OS MOTORISTAS



A atuação do major Menezes Côrtes à frente do Serviço de Trânsito do Departamento Federal de Segurança Pública vem-se acentuando pelas providências mais necessárias como base à disciplina e ao bom andamento de veículos e de pedestres no Distrito Federal, especialmente nas zonas de maior movimento. Nossa capital, pela sua configuração geográfica, tôda ela apertada entre estreitos vales e morros por todos os lados, sempre constituiu tremendo «abacaxi» para os responsáveis pela segurança do tráfego. Essa angústia cresceu e se multiplicou de 1930 para cá, quando o número de veículos no Rio de Janeiro começou a subir de maneira assombrosa. Em 1930 não tínhamos mais de uns 25 a 28 mil carros motores, de todos os tipos. Hoje vamos já na casa dos oitenta mil, e a cidade apenas se beneficou com a abertura da Avenida Presidente Vargas e alguns túneis. O mais permanece no mesmo. Para a zona sul, a via de escoamento tem que ser pela rua do Catete ou praia do Flamengo, o que, de quando em quando proporciona engarrafamentos que já se tornaram conhecidos no estrangeiro pelo seu ineditismo. O Major Côrtes, seguindo planejamento de pessoas conhecedoras dos problemas do tráfego no Rio, modificou completamente o sentido do movimento de veículos no centro da cidade. Tendo feito a inovação a título de experiência, esta, pelo que parece, deu certo, e foi mantido o novo regime. Agora, porém, o Major Côrtes deu expressão ao que determina o Art. 25 do Código Nacional de Trânsito criado pelo Decreto-lei 3651, de 25 de setembro de 1941, interpretando o que sejam os sinais dos inspetores de trânsito, com «braço estendido». Os senhores guardas do tráfego e motoristas precisam estar bem a par do que sejam os sinais e o modo correto por que têm de ser executados, uma vez que, disso, resulta a maior segurança e se baseia em resoluções de convênios internacionais das quais é o Brasil um dos signatários.

★

PARA DESCOBRIR OVOS



Vem-nos de Broomfield, New Jersey, Estados Unidos, uma notícia bastante oportuna: engenheiros electricistas da conhecida Westinghouse Eletric Corporation provaram que, por meio da mágica «radiação negra» pode-se descobrir um ôvo velho em menos tempo do que a gente leva para quebrá-lo. Efetivamente, sob a ação dos invisíveis «ráios ultravioleta» que emitem a radiação negra, o ôvo velho apresenta-se côr de púrpura, ao passo que o ôvo fresco oferece uma côr escarlate. A casca de um ôvo de galinha e o seu revestimento de proteína são fluorescentes, a isso se devendo a brilhante côr com que se mostram quando submetidos à irradiação ultra-violeta. Segundo o dr. Willet R. Wilson, engenheiro da seção de lâmpadas da citada emprêsa, é provável que a alteração da côr se verifique quando a oxidação produz a alteração química da casca o ôvo. De ordinário, diz êsse técnico, os ovos não refrigerados e que se mantêm à temperatura e humidade habituais, passam do escarlate fluorescente ao púrpura, de oito a dez dias; mas os ovos devidamente refrigerados mantêm por mais tempo sua frescura e a fluorescência escarlate. A inspeção feita pela «radiação negra» pode permitir aos comerciantes de ovos a varejo uma demonstração prática e objetiva aos seus fregueses mais desconfiados, que os ovos que lhes estão sendo vendidos são fresquinhos como se apanhados naquele instante no terreiro do aviário. Aqui no Rio, já se usou um processo muito eficiente. Nada de «radiação negra» ou ráios ultra-violeta. A experimentação era feita mesmo à luz de uma lâmpada comum e umas vinte e cinco velas colocada dentro de uma caixa de papelão tipo das de sapato. Acesa a lâmpada e colocado o ôvo contra seu jato, podia-se ver perfeitamente o estado interno do ôvo. Hoje, porém, de ovos só há os da Páscoa. Os outros a que se refere o sr. Wilson, não estão na área da irradiação negra e sim no câmbio da mesma côr funesta!

★

DE DIVERSÃO A SAUDADE



Há numa das eminências orográficas de Petrópolis, majestoso edifício em forma de «castelo» medieval, emprestando ao ambiente os ares da região do País de Gales. Deram-lhe o nome de «Castelo das Nuvens», pelo fato de estar em considerável elevação sôbre o nível do mar, dominando os píncaros adjacentes. O famoso palacete pertencia à baronesa de Icaraí, veneranda senhora Eugênia Leon de Barros. Como não lhe servisse mais de lar, foi o mesmo arrendado a uma emprêsa de diversões públicas e ali funcionava um «Night-Club» muito frequentado pelos visitantes de Petrópolis e seus moradores mais bem postos na vida». O «Night-Club» do «Castelo das Nuvens» era dotado de tudo o que de melhor se pudesse desejar para oferecer aos seus frequentadores umas noitadas de alegria e diversão. Excelente bar, boas artistas, boa mesa e recomendável cozinha, tudo num ambiente requintado. Ir a Petrópolis e não ir ao «Castelo das Nuvens», era ato desabonador do bom gôsto e espírito requintado do turista que cometesse tal pecado. Pois tudo isso agora mudou. Ou vai mudar brevemente. Sua proprietária acaba de doar o «Castelo das Nuvens» à Prefeitura de Petrópolis para que ali seja instalado um asilo para a velhice desamparada. Seu valor, calculado pelos que entendem dessas imobiliárias, vai acima de um milhão e quinhentos mil cruzeiros. O assunto merece especial registro e denota o mais belo espírito de filantropia por parte da baronesa de Icaraí em favor dos que não podem mais divertir-se entre as expansões espumosas dos «Night-Clubs» e só vivem voltados para a saudade. E, dentro em pouco, aquelas mesmas salas, arcadas, corredores e vestíbulos por onde corria uma população álacre e divertida, veremos as figuras dos velhinhos vergados para o chão como se quisessem descobrir o lugar do seu túmulo. O «Castelo das Nuvens» muda de destino de maneira surpreendente. De paraíso do mundanismo em refúgio para os que já nada esperam da vida e dos homens. Incontestàvelmente esta notícia vem contribuir para que não se tenha da sociedade humana idéias tão pessimistas, pois ainda há almas generosas como a da baronesa de Icaraí, que nos faz «cair das nuvens»...

★

BRIGARAM OS VIZINHOS



Estêve correndo os seus trâmites letais na Segunda Vara Cível, uma questão muito interessante. Em um prédio antigo de rua central desta cidade, instalou-se um restaurante, ocupando a loja, isto é, o andar térreo. Tudo corria muito bem e a casa ia-se afreguesando. Mas, como em tudo nesta vida há sempre algo que contraria o mais resignado cidadão, os inquilinos do andar superior, estabelecidos com artefactos de lonas e cousas semelhantes, costumavam bater com peças de sua mercadoria no sólo, isto é, no soalho. Como se trata de casa antiga, sucedia que, tantas vêzes batessem lá em cima com as tais peças como cá em baixo, isto é, no restaurante, caiam pequenos detritos, incomodando os seus ocupantes. E' claro que, quando tais fatos ocorriam durante o almôço ou o jantar dos fregueses de comidas e bebidas, os donos do restaurante se viam em apuros. As reclamações não se faziam demorar. Isso vinha causando descrédito para o restaurante, que, segundo os seus proprietários, começou a perder clientes dos mais estimados. Foram lá em cima e reclamaram. Os negociantes nada fizeram para atenuar ou evitar êsse abuso e a cousa continuou como dantes. Não mais podendo suportar a «operação», os donos do restaurante entraram com uma ação em juiz, exigindo multa diária de mil cruzeiros caso lá em cima continuasse aquela dança de batimentos com poeira e sujidades para baixo bem nos pratos dos clientes e nas panelas dos mestres «Cuca». Quando a cousa estava fervendo, os réus entraram com outra ação contra os autores reclamando que a cozinha dos mesmos inundava seus escritórios de fumaça e fuligem. Era preciso que colocassem exaustores, sem o que pagariam quinhentos cruzeiros diários. Ao Juiz Martinho Pinheiro coube descascar o abacaxi e êste, saneando as demandas, determinou, quanto à primeira que se procedesse a uma perícia técnica e, quanto à segunda, que mudassem a ação de reconvenção em cominatória em processo à parte. Vamos ver agora quem sai ganhando: se o restaurante ou a casa das lonas.

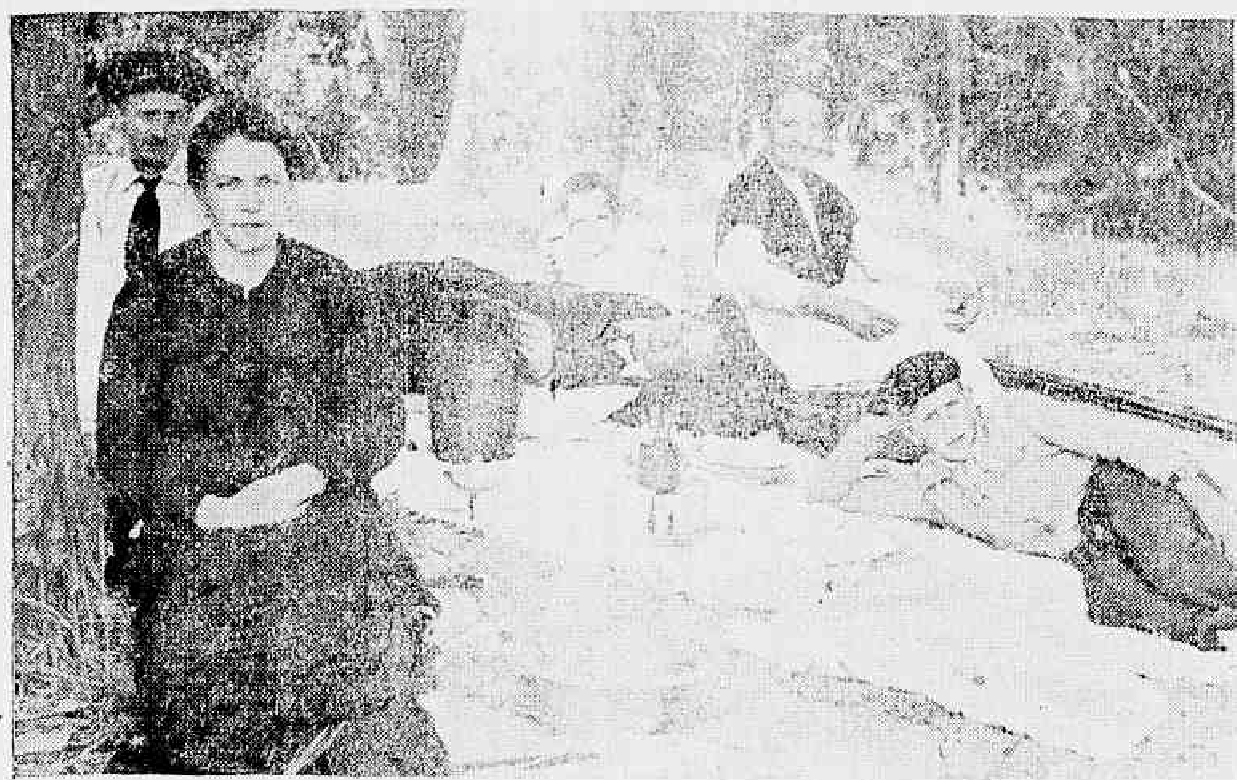
A PERSONAGEM DA SEMANA

TRANSCORREU a 8 de maio dêste ano de 1951, o primeiro centenário do nascimento do General Pinheiro Machado, um dos políticos de maior evidência do Brasil, na nossa primeira República. Pinheiro Machado, tendo nascido e vivido num meio de fortes agitações políticas — o Rio Grande do Sul — desde muito cedo se integrou nas campanhas patrióticas tendo abraçado as idéias republicanas, fundando o "Clube Republicano Acadêmico" e o jornal "A República", em 1876. Nesse mesmo ano contraiu núpcias com a paulistana Benedita Brasiliana, bacharelando-se a 5 de novembro de 1878, pela Faculdade de São Paulo, onde também se havia formado o seu pai, Antônio Gomes Pinheiro Machado, que era paulista e fôra morar no Rio Grande do Sul, por motivos políticos. A patente de general do nosso Exército lhe foi conferida pelo Marechal Floriano Peixoto, a 9 de maio de 1894, em reconhecimento pelos serviços prestados na guerra civil quando correntes contrárias queriam derrubar o govêrno florianista. Pinheiro Machado, que era senador da República, abandonou o Senado e estêve à frente da legendária "Divisão do Norte", por êle organizada e entregue à competência militar do General Rodrigues Lima, que prestou depoimentos altamente abonadores da coragem e bravura de Pinheiro Machado em vários encontros nas coxilhas do sul, especialmente na batalha de Inhanduí. Mas, a guerra não era novidade para o grande republicano de Cruz Alta. Com 15 anos incompletos, abandona os estudos na Escola Preparatória (anexa à Escola Militar da Côrte) e, à revelia dos pais e das próprias autoridades militares, integrava o Corpo de Voluntários da Pátria como soldado do 4.º Corpo de Caçadores a Cavalo e, durante cêrca de três anos, lutou nos pântanos paraguaios contra os invasores do Brasil. Sua trajetória como político e patriota foi das mais brilhantes, mantendo-se fiel aos ideais republicanos, fundador que foi do Partido Republicano Conservador, estando em pleno vigor de sua atuação, quando cai ferido de morte pelo punhal de Manso de Paiva, a 18 de setembro de 1915, no vestíbulo do Hotel dos Estrangeiros. E' a êsse homem, a êsse grande patriota, que o país inteiro rende as mais justas homenagens.



Pinheiro Machado

ÀS MARGENS DO MONDEGO



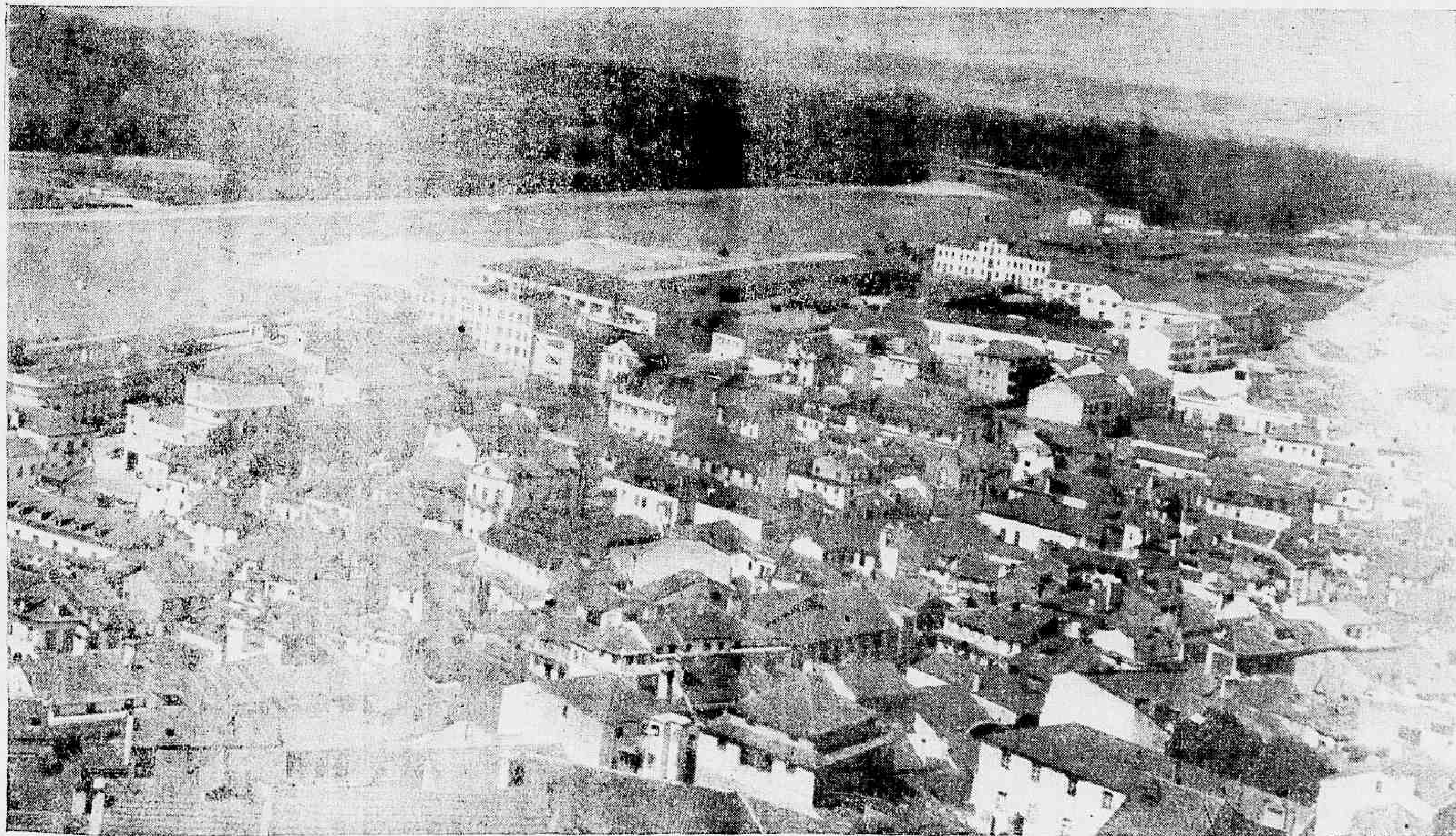
«PIC-NIC NO CHOUPAL, às margens do Mondego. Reunida-se a família, um cabrito foi saboreado, regado a bom vinho da terra e [illegible] jovens, entregues à sesta antes de regressar a casa.



O RAPAZ E A SUA PROMETIDA também descansam depois do repasto, sob os olhos vigilantes da mãe dela. Ao fundo, um estranho lança o anzol nas águas calmas do romântico rio da cidade universitária.

TIRAMOS o domingo, nesta rápida viagem de doze dias, para ir ver de perto o Mondego. E quem diz Mondego, abrange o Choupal, o Penedo da Meditação e o da Saudade — locais de poesia evocadora — depois de uma visita muito reverente à Universidade onde, na Sala dos Grandes dos Atos, se realizava, por feliz coincidência, a cerimónia doutoral de tantas tradições. Vamos à-toa, sem ninguém que nos oriente nem é preciso: Coimbra é para ver assim, sòzinho, descobrindo ao acaso os seus encantos. Na margem direita do rio, dominando a paisagem de uma região de extraordinária beleza, lá estão a Baixa e a Alta, competindo entre si maiores tesouros. Pisamos as pedrinhas miúdas da Lusa Atenas, cidade universitária onde até as vendedoras ambulantes falam irrepreensìvelmente bem, com o prestígio da sua história, as tradições do centro cultural e literário, terra de poetas e de artistas onde as artes e as letras garantem um de seus campos mais férteis.

Falamos da Baixa e da Alta. Dois mundos opostos, tão diferentes quanto a noite e o dia; entretanto, irmãos, vivendo um do outro e completando-se. Não será nestas poucas horas, um dia apenas, que vamos ver e rever a terra de Santa Inês: para conhecer Coimbra a fundo, há que passar alí muitos dias. Cruzar a Portagem, onde campeia a estátua de Joaquim António de Aguiar, tendo à frente a visão de Santa Clara, para além da ponte; passear, sem pressa, pelas ruas do centro, onde o comércio é muito característico. Ver o templo romano de São Tiago, a velha Praça de São Bartolomeu, onde outrora havia fogueiras e eram feitos os autos-de-fé, a Praça do Sansão, a igreja de Santa Cruz, o lugar onde existiu o templo das Donas, hoje transformado em um pitoresco café. Dar um golpe de vista no portal de Santa Cruz, com o seu guarda-vento, as tôrres, a obra de escultura na fachada. Palmilhar a rua da Sofia, tôda de igrejas e conventos, Carmo, São Boaventura, S. Domingos, Graça, São Pedro, São Tomás.



PAISAGEM DE COIMBRA dos amôres da estudantada e das tricanas, tirado dos muros da Universidade, na parte alta. Todo o aro à volta de Coimbra é um deslumbramento de aspectos e motivos de arte: Góis, Arganil, Miranda do Corvo, Penela, Lousã e a maravilhosa floresta do Buçaco. Os arredores da cidade oferecem passeios e excursões de notável aprazimento, a começar, pelo Choupal.



ELAS ESTAVAM entregues aos seus mistéres de lavadeiras, à margem direita do Monego naquela tarde primaveril, quando a objetiva da **REVISTA DA SEMANA** as surpreendeu. Prontamente se dispuseram a improvisar um «vira»», mesmo interrompendo ó serviço. Algumas tem parenaes no Rio, mas não quiseram dar o nome: — «Eles que os advinhem, pois malandros de há muito tempo não escrevem...

Santa Justa... Uns profanados, outros ainda resistindo e todos dando um sinal vivo de sua grandeza antiga e da arte coimbrã de outros dias. Mas ainda na Baixa, percorrer o Jardim da Insua dos Bentos, a praia fluvial...

Sim, a Alta é mais rica de obras de arte. O Arco de Almedina, obra dos mouros, a Casa de Sub-Ripas e a do Arco, a Tôrre de Anto, evocando o poeta do "Só", tudo isso fica ali bem perto da Sé Velha. E a Sé, um esplêndido monumento que faz lembrar D. Afonso Henriques. Depois o pórtico de cariátides do Colégio de S. Pedro, a igreja românica do Salvador, a Sé Nova em estilo jesuitico do século XVII, os museus, os edificios das Faculdades, o Aqueduto de S. Sebastião, os colégios mais velhos, tudo isso requer dias, muitos dias. E nós temos apenas um, que já vai avançado nas horas.

Onde o tempo para atravessar o rio e ir ver, do lado oposto, Santa-Clara-a-Velha com o seu monumento secular seis vêzes invadido pelas águas, como que fundendo no Mondego, e o convento de Santa Isabel, lá em cima, com o túmulo em estilo gótico da Rainha Santa, a urna de prata, o seu belo clausto clássico e tôdas as minúcias de arte — onde?

Onde as horas bastantes para ir ver os arredores que proporcionam passeios de notável aprazimento! A volta da Confraria, a Quinta das Lágrimas, o Choupal, a Lapa dos Esteios, São Marcos do Campo com o seu Panteon dos Silvas em estilo renascença, e Penacova com o seu Belvedere que espanta, espraiando à vista tôda a paisagem dos Campos do Mondego!

Não, decididamente não há tempo; sobram-nos alguns instantes para ir até um pouco adiante.

★

E ali estamos, como por encanto, em palestra com as lavadeiras à margem do rio de tantos amôres imortais ou profa



— «**UM RETRATO** para o Brasil? **Pronto, aqui estamos** E diga àquela gente que muito gostariamos de ir até lá. Mas quem diz!»



A VELHOTA VENDE as deliciosas arrufadas, os bolos de Santa Clara e os pastéis de Tentúgal. O velho faz-lhe companhia, mais nada.



— «**QUEM QUER COMPRAR** um lindo girasól para os miúdos? E' p'ra acabar, olhem só há êstes... Lindos girasóis para os miúdos!»

nos. Mesmo sendo domingo, mesmo ao cair da tarde, filas de raparigas e de velhotas alegres, dobram a espinha, esfregam as roupas muito alvas nas pedras miúdas, fazem montes de espuma, arregaçam a saia acima do joelho — e cantam. Como cantam, as lavadeiras do Mondego! As que não cantam, falam, trocam impressões, bisbilhotando a vida de outras que não apareceram naquela tarde ensolarada. Por onde andam elas, que não foram esfregar as suas peças de roupa!

O aparecimento de um repórter brasileiro não as surpreende: recebem-no com um mundo de pilhérias. Tôdas querem posar para o Brasil e quase tôdas tem nessa terra distante, um parente, um amigo, alguém que um dia partiu pensando voltar no ano seguinte — e não voltou. Ou se voltou, foi apenas para matar saudades e regressar à terra onde se fala o mesmo idioma, embora com prosódia muito diversa.

Prosódia que o português distingue à distância. E o de Coimbra, ainda mais.

Uma dessas lavadeiras alegres, mulher idosa, de semblante cansado, mas sempre alegre, diz-nos que tem o marido no Rio. Não o vê há doze anos, nem dêle recebe notícias freqüentes. Sabe que voltará, há de voltar um dia, para ficar de vez a seu lado. Tem filhos crescidos, suporta com resignação a ausência do companheiro — e trabalha. Trabalha lavando a roupa dos patrões, com aquela disposição de espírito de mulher moça, com resíduos de uma juventude que não anda por muito perto. Mas cantarola o seu fado, triste fado de mulher de servir, enquanto vai batendo a roupa no penedo gasto pelo sabão e pela fôrça de seus pulsos. Não quer ao menos dar o nome e o enderêço do "seu homem" aqui no Rio: Para quê? — vai dizendo. Se êle achar que é hora de escrever, que o faça ou mande alguém fazê-lo em seu lugar...

Mas aquela outra lavadeira, de fisionomia severa, olhos fitos na água, na roupa no sabão, essa não quer conversa. Resmunga palavras que mal entendemos. E quando insistimos para que se deixe fotografar, diz entre dentes que "não tem cara p'ra isso", que será melhor ir adiante, pois raparigas bonitas não faltam. Menos ela, pois tem mais o que fazer. Mas ao sentir que assim mesmo foi colhida pela objetiva, não protesta — nem manifesta o menor interêsse.

À distância, braços se levantam, gargantas se abrem para gritar bem alto e reclamar a presença do repórter.

— Venha até aqui, homenzinho! Tire-nos o retrato, olhe que é só mandar... Quer que dancemos? Pois então vá lá um vira...

E, enquanto nos aproximamos, elas improvisam um bailarico mesmo com os pés na água, um vira em que os quadris vão encontrando-se, em sucessivos meneios, requebros, contorsões que emprestam ao quadro, naquela paisagem banhada pelo sol de um quase-crepúsculo, alguma coisa de privilegiado. Cantam e dançam, gritam e soltam gargalhadas estridentes, como se ali estivessem, não mulheres do povo, que precisam ganhar a vida de corpo dobrado horas e horas — mas as mais felizes, a quem nada faltasse e para quem essa vida fôsse um mar de rosas, não um rio de lavar roupa.

Batem-se as chapas, elas agradecem, o grupo que faz a sua merenda no intervalo do serviço oferece, com a franqueza dos simples, o seu copo de vinho tinto — e lá as deixamos, novamente entregues à sua faina. Os minutos voam. Não tarda a escurecer e o Choupal nos espera.

*

Choupal, em domingo de primavera, quer dizer ponto de encontros dos namorados, famílias reunidas sob a copa das árvores, a toalha muito alva estendida, o bom cabrito assado, o pão de milho, as paneladas de arroz, os copázios de vinho a sucederem-se, esvaziando as garrafas e engorgitando os comilões. Depois do repasto — a sesta. Mas a sesta feita ali mesmo, de corpo estendido junto ao resto da comilança e de copo ao alcance da mão. Quase sempre o grupo é formado pela família — os velhos de pálpebras caídas.



TIA MARIA, tia Joana e tia Angélica, mais a comadre Zéfa, continuam bailando para o repórter. A roupa está secando, estendida ao sól de um poético mês de abril, e a merenda (broa, vinho e chouriço), já foi devorada. Um pouco de exercício antes de dobrar novamente o corpo para esfregar camisas, não é nada mau...



ÀS MARGENS DO MONDEGO



MAIS VENDEDORAS de arrufadas, regueifas e pastéis de Santana. Reparem como estão convenientemente calçadas. Em baixo, a lavadeira que não quis posar: — «Tenho uma cara muito feia para retratos...»





ENQUANTO AS MÃES e irmãs mais velhas dão conta do serviço, esfregando a roupa dos patrões — os «miúdos» tomam banho de sol, jogam a bola e deixam transparecer um sorriso de felicidade.

modorrentos, digerindo o cabrito. E os novos tartamudeando frases açucaradas, êles com a cabeça descansando no regaço das "conversadas", elas de lenço caído pel sôbre os ombros, o olhar vagando à distância, enquanto as mãos se perdiam entre os cabelos anelados do rapaz. À distância um par de namorados; e bem próximo, a velhota, com certeza a avó, de olhar vigilante, sem dormir, sem pestanejar, para colher de flagrante qualquer investida de um beijo, de uma carícia mais audaciosa.

★

Batem-se outras chapas, registram-se outras palavras de aprêço pelo "brasileiro" que, de surprêsa, caiu no Choupal, onde há de tudo — menos tricanas — e volta-se para o centro. À nossa frente, dois grupos de raparigas, os pés descalços, as faces rosadas, os lenços multicoloridos de laço no tôpo da cabeça, vão de passo acelerado. Também apressamos o nosso, para solicitar que posem. Devem formar uma linda dupla... E estranhamos que ainda se furtem ao nosso convite. Talvez interpretassem mal a intenção das nossas palavras — mas o equipamento do fotógrafo se incumbe de esclarecer o seu verdadeiro propósito. E' quando de longe, lá do Choupal, por entre as árvores, rebentam pujantes gritos masculinos de advertência e censura. Correm ainda mais as raparigas coimbrãs... Estateia-se o repórter. De que se trata, afinal?

Vem ao nosso encontro o motorista do carro que havíamos deixado à distância. Tudo mera confusão. Enquanto assediávamos as moças para uma pose, de longe os "conversados", talvez maridos, acompanhavam-lhe os passos, crentes, absolutamente crentes de que se tratava da investida de algum conquistador barato... Por isso elas fugiam, por isso não ouviam nada do que lhes íamos dizendo!

E o motorista, também coimbrão, se incumbe de dar aos vigilantes maridos ou noivos, as devidas explicações.

★

Novamente no centro, admiramos o cair da tarde, o pôr-do-sol maravilhoso por sôbre as águas mansas do Mondego. E o pregão da terra entra pelos nossos ouvidos profanos:

— Arrufadas, bolos de Santa Clara e de Santana, pastéis de Tentúgal, quem quer quem quer?



— «VAI UM GOLESITO, ó seu brasileiro? — e é a tia Cândida, mastigando um naco de presunto, brinda os patrícios e parentes que vivem deste lado do Atlântico. Depois da merenda, a volta à roupa...



QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA, por isso elas entoam os mais românticos fados de Coimbra enquanto vão esfregando cada peça de roupa. Falam alto, gritam, trocam gracejos, falam das que foram lavar roupa naquele domingo ensolarado — mas são prestativas e boas amigas, entre si. Quando souberam que os retratos iam ser publicados no Brasil, a festa foi maior. «Dê lá saudades...»



Nem Cara ...

CASAMENTO ENTRE IRMÃOS

NO SECULO II DA ERA CRISTÃ , DOIS TERÇOS DOS CIDADÃOS DA CIDADE EGIPCIA DE ARSINOE PRATICAVAM ESSA INSTITUIÇÃO ...

BENÉFICO

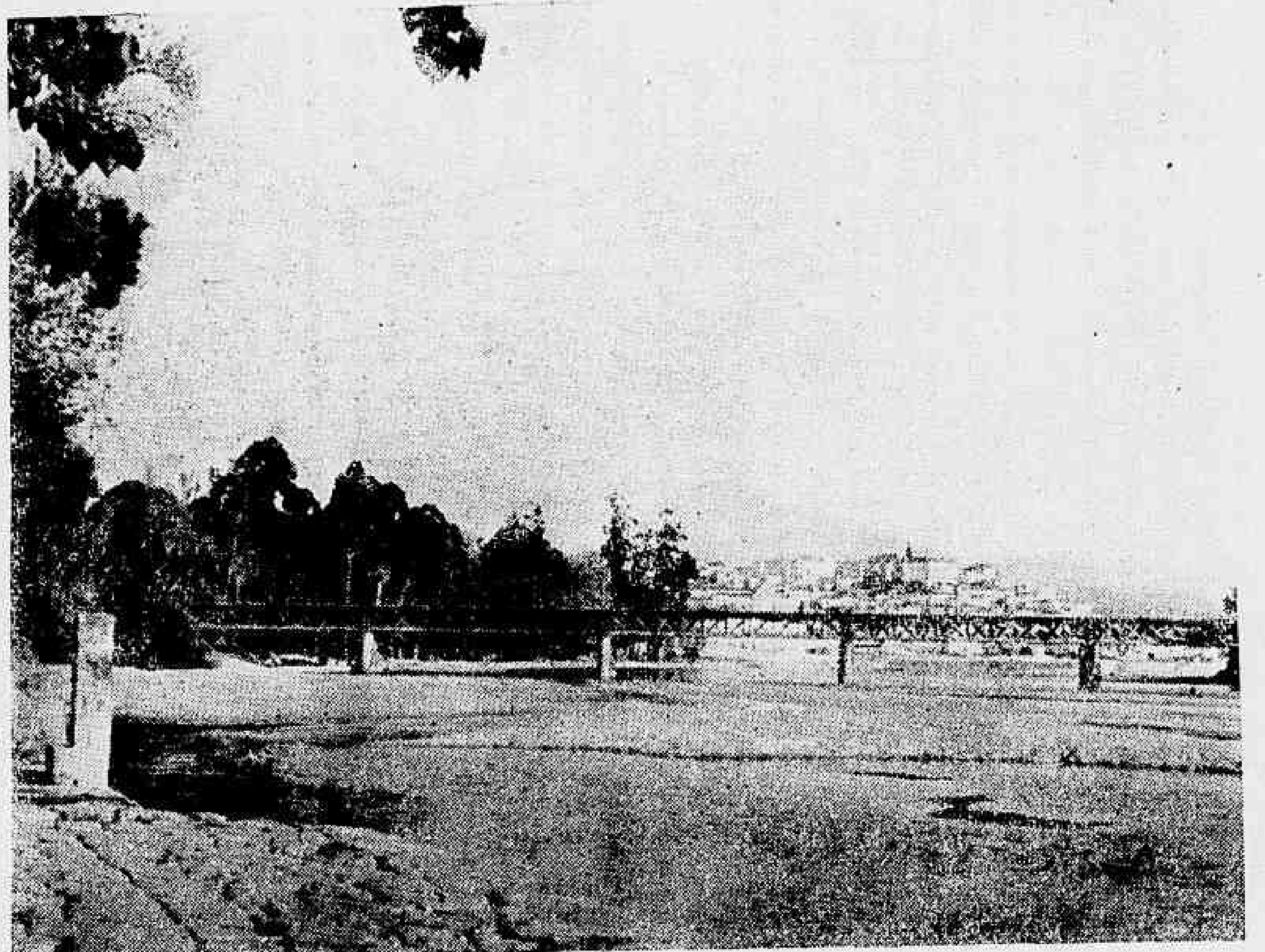
ADJ. BONDOSO, FAVORAVEL, QUE FAZ BEM, SALUTAR ...



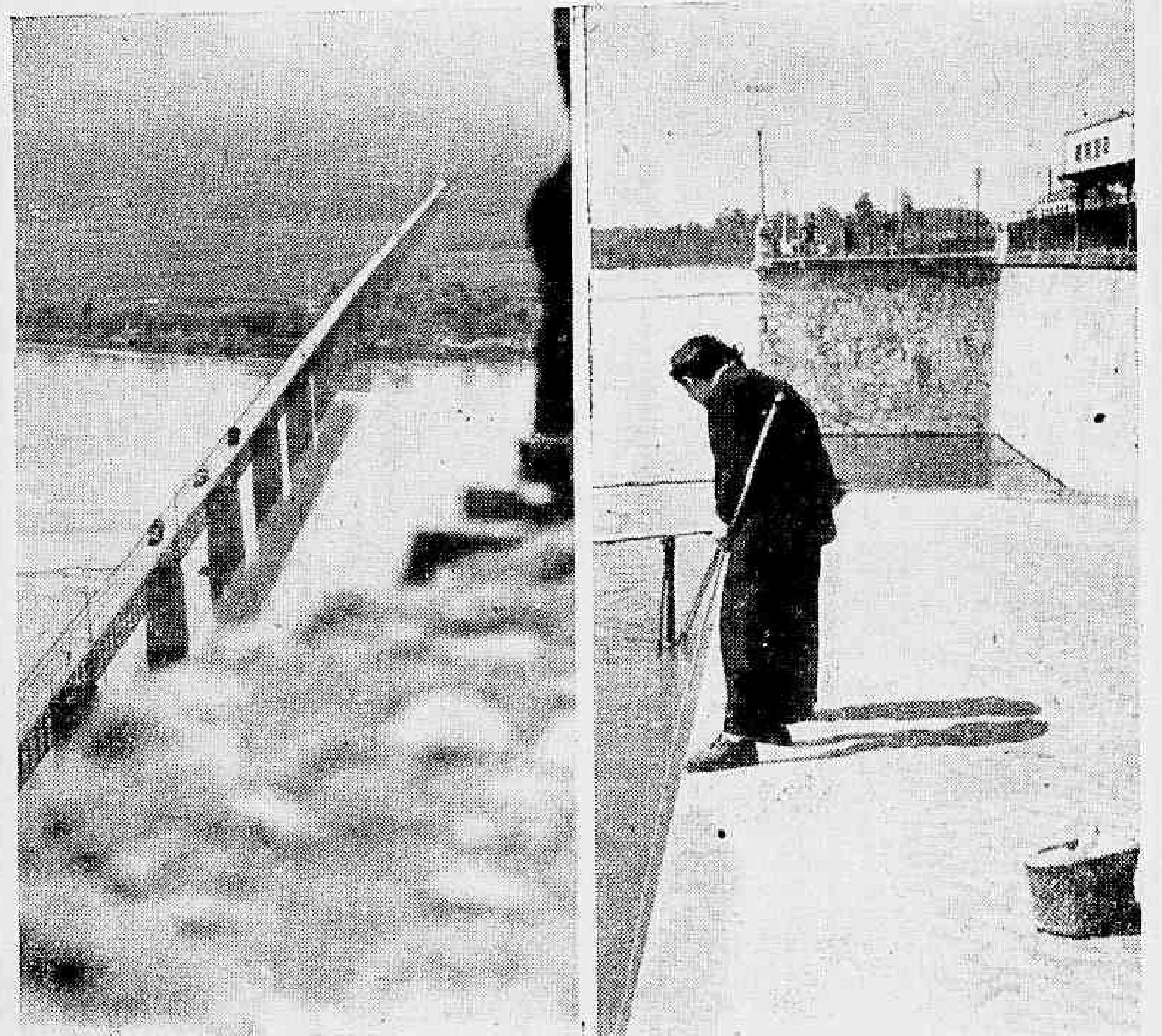
TERTULIANO ATRIBUE AOS ANJOS REBELDES, OS DEMONIOS, A CRIAÇÃO DOS PRINCIPAIS ARTIFICIOS DO VESTUARIO E DOS ADORNOS E DE TEREM ENSINADO AOS MORTAIS A ARTE DE COLORIR O ROSTO ...

PROVERBIO O QUE E' BOM DEPRESSA ACABA ...



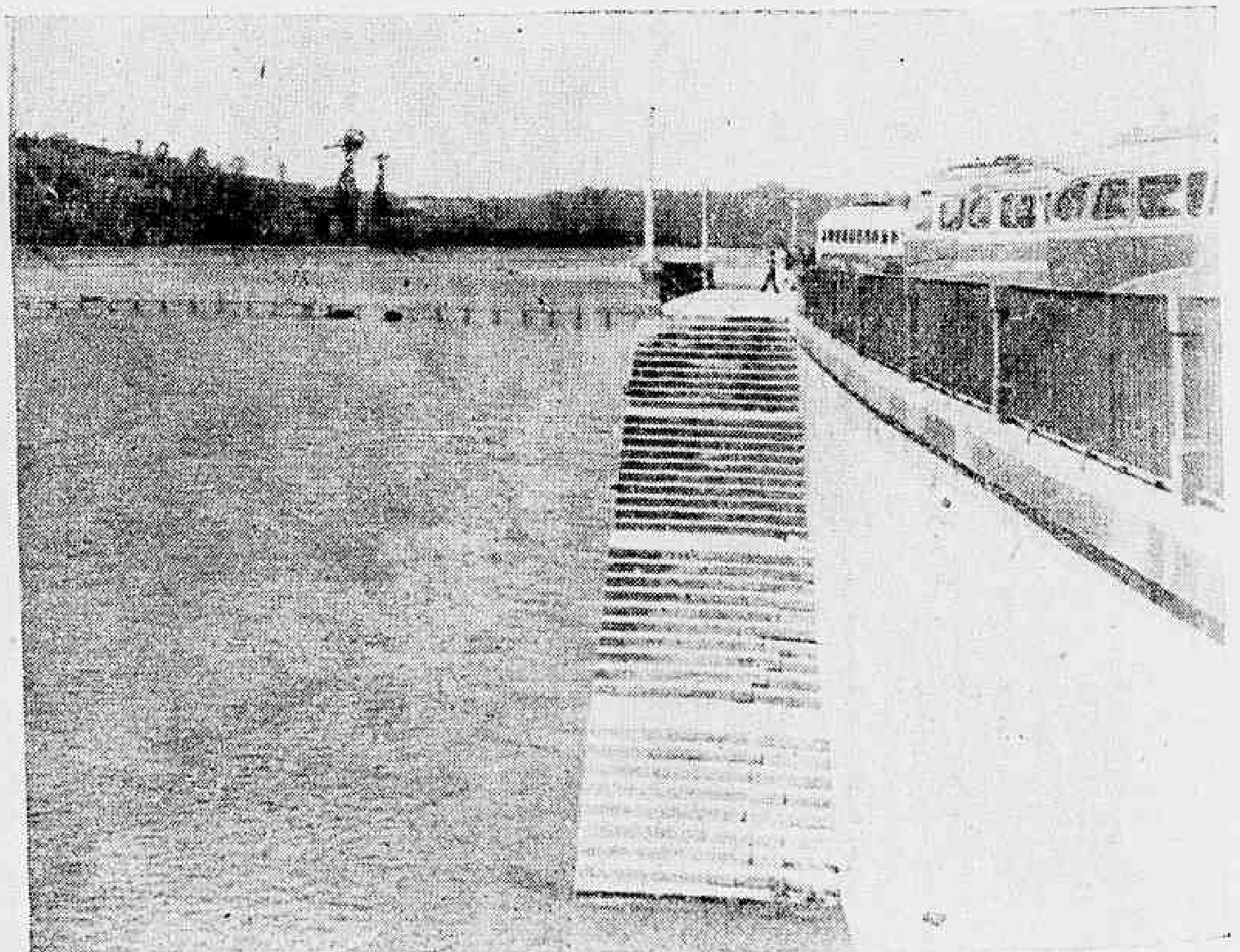


VISTA PARCIAL DE COIMBRA, tirada do Choupal, ainda às margens do Mondego, mostrando a ponte. Ali perto, o Penedo da Meditação, o Penedo da Saudade, com seus maravilhosos e idílicos panoramas.



DOS MUROS da Universidade, a ponte de Coimbra, por sôbre o Mondego, em tôda sua grande extensão.

NÃO É O CÁIS do Sena, como parece, mas do Mondego, também com pescadores de anzol e caniço.



E O MONDEGO se estende, até mais longe, com seus frequentes cáis por onde descem as lavadeiras, os pescadores solitários e a garotada. Tudo é poesia, romance, deslumbramento, nessa região.



NÃO SÃO APENAS fans, mas irmãs e secretárias de Humberto Teixeira. Chamam-se Glaura e Ivanira, tratam da correspondência do baioneiro — e têm a seu cargo o delicado trabalho de controlar o arquivo das composições, antes e depois de gravadas. Quando êle se inspira para um novo número, são Glaura e Ivanira que o auxiliam. Têm parcela nos êxitos do irmão.

ÊLE CONSAGROU O BAIÃO

UM POUCO DA HISTÓRIA DE HUMBERTO TEIXEIRA QUE VEM DE SER CONSAGRADO COMO O MELHOR COMPOSITOR BRASILEIRO DE 1950 ★ O MÉDICO E O MONSTRO ★ O ADVOGADO E O COMPOSITOR ★ O DOUTOR DO BAIÃO REVOLUCIONOU QUATRO SÉCULOS DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA ★ SEUS ÚLTIMOS SUCESSOS E A SUA VASTA PRODUÇÃO PARA 1951.

Texto de **VINICIUS LIMA** e **MARCELO DORIA MACHADO** ★ Fotos de **V. LIMA**

NAQUELA noite tinhamos marcado uma entrevista com Humberto Teixeira num dêsses cafés da Avenida Atlântica que constituem ponto de reunião obrigatória de quasi todos os artistas e também de artistas frustrados que vão buscar refúgio na presença das celebridades. Ainda procuravamos uma mesa estratégica quando nossa atenção foi de súbito despertada por um jovem que falava exuberantemente para um grupo. Atentamos o ouvido. — «Eu vou contar pra vocês, dizia o jovem, como foi que compuz o baião...» Olhamos então para o rapaz, um belo desconhecido, um anônimo qualquer, e conjecturamos: «Ora, nada mal começar a nossa entrevista com êsse que aí está a se passar por Humberto Teixeira, o Doutor do Baião, o homem que, juntamente com Luís Gonzaga, revelou essa música tão brasileira e que de tal maneira caiu no gosto popular, que por si só constitui uma barreira à invasão de músicas estrangeiras, além de colocar sèriamente em risco a popularidade do próprio samba».

Procuramos nos aproximar do falso Dr. do Baião. — Por gentileza, o sr. é Humberto Teixeira? — Perfeitamente, respondeu-nos. — Somos repórteres e gostariamos de fazer uma entrevista com o senhor.

O jovem ficou alguns instantes em silêncio e depois falou. — «Vocês vão me desculpar, mas eu não gosto de reportagens»...

Nós então insistimos. — Mas por que? O sr. é uma celebridade, todo o Brasil o conhece, o país inteiro canta as suas músicas... Por que não fazer uma reportagem? E a satisfação que o sr. deve a milhares de admiradores espalhados nesta terra? — No mundo, interrompeu-nos. — Exatamente, no mundo... (Achamos que seria uma indelicadeza divergir). — Eu sei., eu sei... mas é que o meu temperamento... — E' muito modesto, atalhamos. — Não, não é bem isso... é que... vocês sabem... O jovem «com-



NO LAR, Humberto é um homem calmo, ponderado, às voltas com letras de músicas, sem se preocupar com futilidades.



ÊLE FÊZ «Ai, ai, brotinho», gravado por Francisco Carlos, que muitos consideram o melhor cantor da nova geração. Também produziu «Louca», «Sinfonia do Café», «Terra da Luz», «Poema imortal» e outras músicas de gêneros diversos — mas onde Humberto Teixeira se encontrou a si mesmo, de verdade, foi no baião, hoje exportado para vários países do mundo.



APERITIVOS? «Drinks»? Só depois de cair a noite, numa «boite», entre os companheiros de boêmia. Em casa, êle é da água mineral, do guaraná, do café bem forte e muito açucarado.



NO LAR, todos o consultam para as menores coisas. Problemas escolares são resolvidos com o seu auxílio, ninguém dizendo que ali esteja o notívago das rodas alegres de Copacabana...

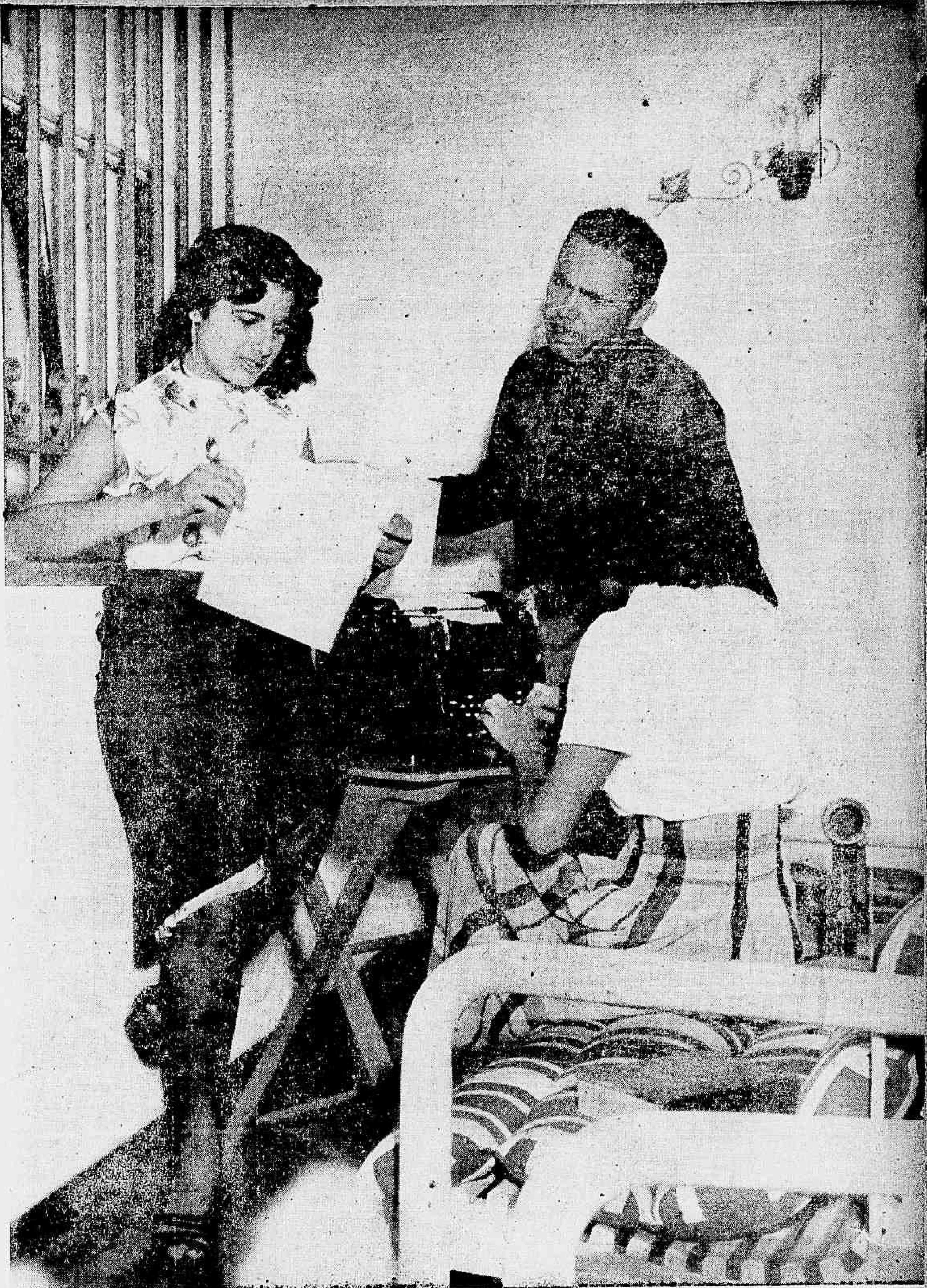


— «O BAIÃO revelou ao Brasil algo de muito precioso que êle tinha e não sabia. Revelou ao Brasil e ao mundo»

positor» já dava sinais de visiveis perturbações e sua voz levava um ligeiro tom irritado. A conversa continuava pontilhada de evasivas, quando percebemos que se acercava de nós o homem que se havia desfeito de milhares de compromissos, figura extremamente simpática, sempre sorridente, e que para nos atender, deixara de ir ao encontro de pelo menos uma dúzia de fans, ou «zabumbas», como diria o Jimmy Lester. Sempre jovial, cumprimentou-nos com o seu clássico — «Alô figuras!» Apertamos então a mão do verdadeiro Humberto Teixeira, o baião no original, e lhe explicamos o sucedido. O Dr. do Baião, com seu fino «sense of humor» gozou a situação bastante equívoca. Para encurtar a história, soubemos que aquêle outro rapaz tinha a mania de se fazer passar por qualquer personalidade em evidência e que se chamava Zé da Silva, ou Zé qualquer coisa. Durante algum tempo Humberto ouviu-o falar, calmamente; lá pelas tantas, tomou o nome do «camelot» de sua glória e despediu-se assim: — «Muito prazer, seu dr. Humberto Teixeira... Zé da Silva, às suas ordens...»

Vocês poderão avaliar o que aconteceu. O coitado do Zé qualquer coisa tomou colorações sucessivas que variaram do branco ao alaranjado e ao prêto, lembrando as reações do ácido sulfúrico. Contado êsse incidente pitoresco, passemos a falar de Humberto Teixeira pròpriamente dito. Fisicamente, Humberto é o que um granfino chamaria de «um rapaz bom». Simpático, bons dentes, cabelos prêtos, limpos e escorridos, tratados um tanto à revelia, e, interessante, um par de olhos tristes dentro de um rosto sempre alegre e sorridente. Fisionômicamente, êle realisa o mesmo paradoxo de sua música que é ao mesmo tempo triste e brejeira, amargurada e contagiante. Abordamos de início um tema delicado e perguntamos a Humberto se possue uma determinada musa inspiradora, embora a sua fertilidade e versatilidade nos levem a acreditar na existência de várias fontes de inspiração. Êle nos respondeu mais ou menos o seguinte: — «Entre muitas musas, encontrei de fato «alguém» cuja influência, seja de forma indireta, in-

(Cont. na pág. 46)



SEMPRE Glaura e Ivanira passando a limpo os trabalhos do irmão cujos retoques êle mesmo faz. Muitos estranham que êle não tenha a seus serviços, como secretária particular uma de suas fans. Poi sim! Não vêem que as irmãs não permitiam!



VIVE para a família, notadamente para as irmãs que desmentindo um conceito generalizado, nunca discutem e sabem trocar carícias. Mesmo porque o irmão impõe respeito e harmonia...



DEBRUÇADOS na varanda, os pais de Humberto, os maiores fans de sua música. Em baixo, êle entre seus irmãos, enquanto as meninas de casa se distráem cultivando a jardinagem.



ESSA senhora simpática, de ar triste, é a mãezinha do compositor, aquela que não se descuida das menores coisas pertencentes ao filho famoso. Seu orgulho maior está ali, a seu lado. Mas o rapaz paga na mesma moeda. Tipo do filho obediente.



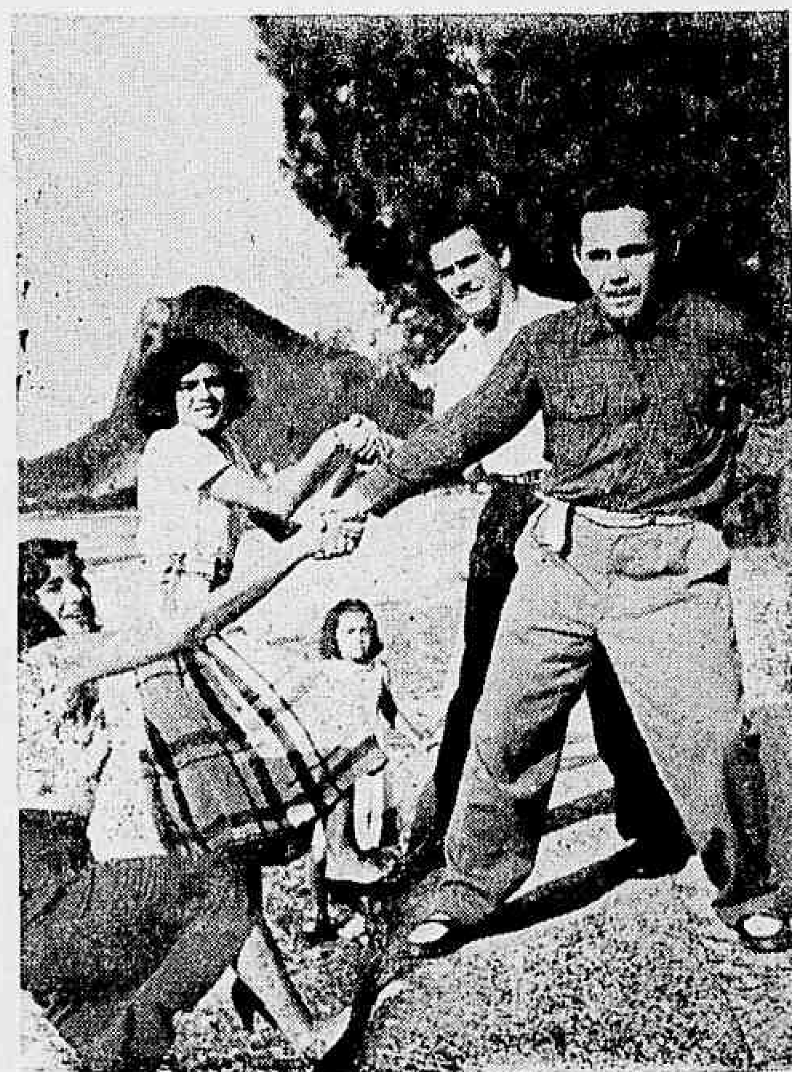
NOVO disco de Humberto! Outro baião que vai correr mundo, que algum dia será reproduzido em «backgrounds» nos filmes de Hollywood, como aconteceu com outros... Os pais de Humberto vivem felizes com a companhia e o amor que êle lhes dá.



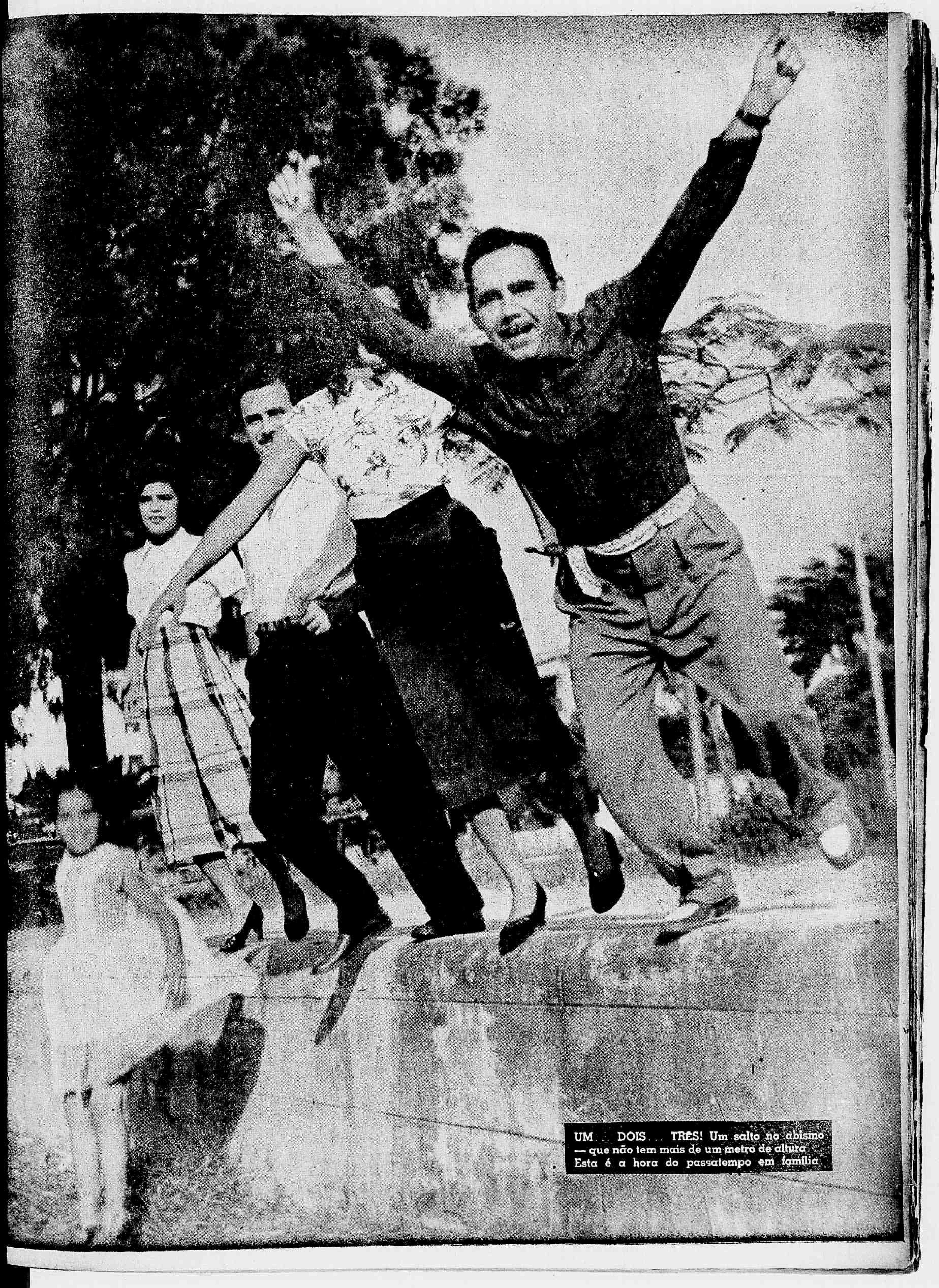
UMA nota peculiar do compositor: usar gravatas à maneira de cinto, como vemos na foto. E cintos? Êsses não usa.



A confortável rêde, o sono dos justos, a musa inspiradora dos sonhos... Tudo é paz bucólica. Mas a noite não tarda!



Muitas vêzes é brincando assim, na praia, com as irmãs, que Humberto Teixeira sente inspiração para uma nova melodia.



UM... DOIS... TRES! Um salto no abismo — que não tem mais de um metro de altura. Esta é a hora do passatempo em família.

Nem CORÔA!



O FETICHISMO
COMO ESTIGMA PSIQUICO
DA DEGENERAÇÃO.

DESCARTES, POR TER GOSTADO EM MOÇO DE UMA ESTRABICA TINHA DECIDIDA INCLINAÇÃO PELAS MULHERES VESGAS.

A LINGUAGEM SIMBOLICA DAS FLORES

AS FLORES TÊM SIDO, AOS OLHOS DOS QUE AMAM, EMBLEMAS, SIMBOLOS, POSSUINDO UM SIGNIFICADO ESPECIAL: CIPRESTE – DESESPERO; AVENCA – SILENCIO; AÇUCENA – VIRTUDE; MADRESILVA – FIDELIDADE ETC.

NOS TEMPOS DA CAVALARIA, UMA CORÔA DE ROSAS, POSTA NA CABEÇA, SIGNIFICAVA "CONSINTO NA VOSSA FELICIDADE". ENTRE OS EGIPCIOS A ROSA SIMBOLISAVA A PERFEIÇÃO; NA MITOLOGIA GREGA, A BELEZA.

ROSA FECHADA,
EM BOTÃO,
REPRESENTA A DONZELA
QUE NÃO ATINGIU A PLENITUDE DE SEUS ENCANTOS
...

PRETO NO BRANCO



LEITE

PENSAMENTO

UM CORPO FORMOSO FAZ SUPOR UMA ALMA BELA.

SOCRATES

ÊLE CONSAGROU O BAIÃO



HUMBERTO é sempre o último a chegar no Astral. Mas no grupo a cadeira vazia espera o retardatário. Jardei Filho, Zé Carlos, Burle, Luiz Delfino, Jonas Garret e outros, esperam.



ENFIM êle chegou. E pede ao garçon Oliveira qualquer coisa no seu linguajar noturno, com o vocabulário próprio do ambiente. Vocabulário que está sistemàticamente proibido no lar.



NO ALBATROZ ou em qualquer outro estabelecimento onde se vive à noite, êle tem sempre o seu lugar certo. Mas reparem que aí mesmo, Humberto não dispensa o cafézinho à moda da casa, na companhia de Carmélia Alves, a «Rainha do Baião».

UMA HISTÓRIA DE AMOR

NOVELA DE **HILLÁRIUS DE OLIVEIRA** ★ ILUSTRAÇÃO **DE OSWALDO DA CUNHA**

ESTA história, amigo leitor, não vos deixará dúvidas de que a realidade, muitas vêzes, suplanta a própria ficção, e de que há dramas reais que escritor algum se atreveria a criar; e se um, mais ousado, a tanto se arriscasse, pecaria pela inverossimilhança folhetinesca das suas palavras.

Escutai, pois, a singular trama em que se viu metido um amigo meu — cujo nome vai, aqui, trocado, bem como o da outra personagem. Peço-vos que, para uma melhor compreensão, tomeis a posição que eu tive — a de ouvinte — enquanto eu tomarei a dêsse amigo — a de narrador. Procurarei desempenhar a minha missão com o máximo de precisão que me permitirem o engenho e a memória:

"Certa manhã, liguei o telefone do escritório para fazer uma consulta a uma Companhia congênere, sôbre um determinado assunto.

Não pequeno foi o meu espanto, ao ouvir, do outro lado da linha, uma voz feminina. Fiquei admirado por uma simples razão: não me constava que trabalhasse lá representante alguma do sexo que se diz frágil; mesmo porque o "chefão" da firma era um acérrimo paladino do seu próprio sexo, costumando dizer que "mulher só nasceu p'ra tomar conta de casa, e nada mais".

Apelando, porém, para alguma eventualidade, ainda perguntei: — E' da Companhia "X"?

— Queira desculpar; penso que houve engano. Aqui é um telefone particular — foi a resposta.

Não tive tempo, sequer, de murmurar uma desculpa, pois a desconhecida já havia desligado. Encabulado, fiz nova ligação: dois, oito, três, sete, nove. Mais encabulado fiquei, ao ouvir a mesma voz:

— Alô?

— E' da Companhia "X"? — tentei, ainda. Mais por ironia, do que irritação, a voz respondeu: — Eu já disse ao senhor que aqui é uma casa particular. Será que a brincadeira vai continuar?...

Senti uma arrepio de raiva e de vergonha, ante a pergunta um tanto indelicada, mordaz e inesperada da desconhecida, mas me contive. Respondi, procurando imprimir, também, um tom de mordacidade à voz: — Não é brincadeira, minha senhora; nunca falei tão sério na minha vida. Não será a senhora, quem está tentando brincar?

Ouvi o "clique" de desligação, no outro extremo do fio. Peguei o fone, e quase o arrebento, tão aborrecido e humilhado me sentia. E demorei um pouco, refletindo.

Dois. Oito. Três. Sete. Nove. Com a máxima atenção. Não, não poderia ter havido engano, desta vez.

Parece que "ela" já estava esperando, desta feita dando-me, claramente, a razão para aquela insistência do meu telefone só estar ligando para o dela: — Vinte-e-oito, três, *meia-dúzia*, nove...

Fiquei olhando para o fone, pensando se eu ou êle estava maluco. Agora, porém, tive mais presença de espírito, e disse: — Começo a compreender, minha senhora...

— Que? E' o senhor, novamente? — disse ela, logo, interrompendo-me. Como eu já estava mais calmo, prossegui:

— Penso que há um truncamento nas nossas linhas: só tenho ligado vinte-e-oito, três, *sete* nove, e, no entanto, só estabeleço ligação com o telefone da senhora. Compreende?...

Agora, a encabulada era "ela". Percebi pela sua voz, ao redarguir: — Compreendo, sim senhor. E daí...?

— Daí...? Telefonarei, de uma outra parte, para "Reclamações", e providenciarei. Queira desculpar-me, mais uma vez...

De um outro telefone, providenciei para que remediassem a situação. Dentro de cinco minutos, o caso estava resolvido, bem assim o telefonema que eu, desde o início, queria dar.

Estava eu, pois, com um número telefônico de uma desconhecida em mãos. Um outro alguém, mais venial, tentaria, logo, obter o seu enderêço, consultando o catálogo. Tal, não fiz. Procurei, antes, esquecer o ocorrido.

Não o pude, porém. E, no dia seguinte, estava ainda melhor lembrado do caso e — o mais importante — do número.

Como seria a desconhecida senhora ou senhorinha? Seria sòmente uma simples empregadinha doméstica, atendendo o telefone na ausência dos patrões? Ou alguma grã-fina, descansando um pouco, em sua casa de praia, um tanto farta da vida movimentada da cidade? Ou seria, simplesmente, vulgaríssima criatura sem responsabilidade social, repousando, pachorrentamente, àquela hora do dia, de transição entre as noites e madrugadas?

Procurei a resposta para essas perguntas: telefonando-se, é claro. Vinte-e-oito, três, *meia-dúzia*, nove: — Alô?

— Bom-dia, minha senhora.

— Ó! E' o rapaz das linhas truncadas... Folgo em ouvi-lo novamente — disse a voz, já minha conhecida, reconhecendo-me, o que me embeveceu bastante. Estremeci, instintivamente. Se havia um momento decisivo, era aquêle: o último instante de que eu tinha, para retroceder. Mas a vaidade masculina deu-me o alento e talento necessários para prosseguir.

— Estará aborrecida, porque lhe telefonei?...

— Não — foi a resposta segura. — Foi até bom, para mim, pois assim tenho o ensejo de agradecer-lhe a solicitude e boa compreensão, e desculpar-me pela minha impolidez, no mal-entendido de ontem...

Seria deveras enfadonha, como o foi para mim, a repetição, integral, de tôda essa conversa, que foi além do que permitem as casas comerciais às pessoas estranhas. Mas, como o meu amigo tinha a seu favor ser um funcionário de regular categoria da firma, pôde usar e abusar dêsse direito.

Impressionou-lhe, deveras, a fina cultura da sua novel amiga. Disse-me êle, haver variado o mais que pôde de conversação, sempre se revelando ser, a desconhecida, de uma prolixidade admirável. Literatura, religião, filosofia, psicologia, história, tudo ela conhecia pròdigamente. Quando êle, porém, ladinamente, procurava saber algo a seu respeito, ela, com mestria e delicadeza, mudava de assunto, deixando-o aturdido.

Foi depois do seu terceiro ou quarto encontro telefônico, que o meu amigo co-

(*Cont. na pág.* 43)





UMA «NURSE» em um dos hospitais-maternidade de Nova York, alimentando uma criança de parto prematuro, isolada completamente do ambiente externo a fim de poder resistir às fatais probabilidades de morte. A enfermeira lhe dá a mamadeira através de uma abertura circular. Êsse leito de nome «isolette» é encortinado de matéria plástica especial.

PARA SALVAR OS PRÉ-NASCIDOS

CRIANÇAS EM INCUBADORAS ★ COMO SE SALVAM OS RECÉM-NASCIDOS ANTES DO TEMPO NORMAL ★ UM BERÇO-INCUBADORA QUE TEM ATÉ BALANÇA



E' ASSIM que no «St. Vincent's Hospital» de Nova York, EE.UU., a enfermeira cuida do recém-nascido prematuro.

A MORTALIDADE infantil, que, em muitos países passa a ser mortandade, vem sendo motivo de estudos e pesquisas permanentes por parte dos maiores pediatras do mundo, no intuito de deter a marcha da morte contra os bebés.

Nos Estados Unidos e, especialmente, na cidade de Nova York, muito se vem cuidando do problema em geral, e, em particular, dos casos de crianças nascidas prematuramente. Os partos normais não oferecem maiores percalços aos que surgem à luz do mundo. A vida placentária se encarrega de preparar a criança para os primeiros embates da existência, dando-lhes a necessária robustez.

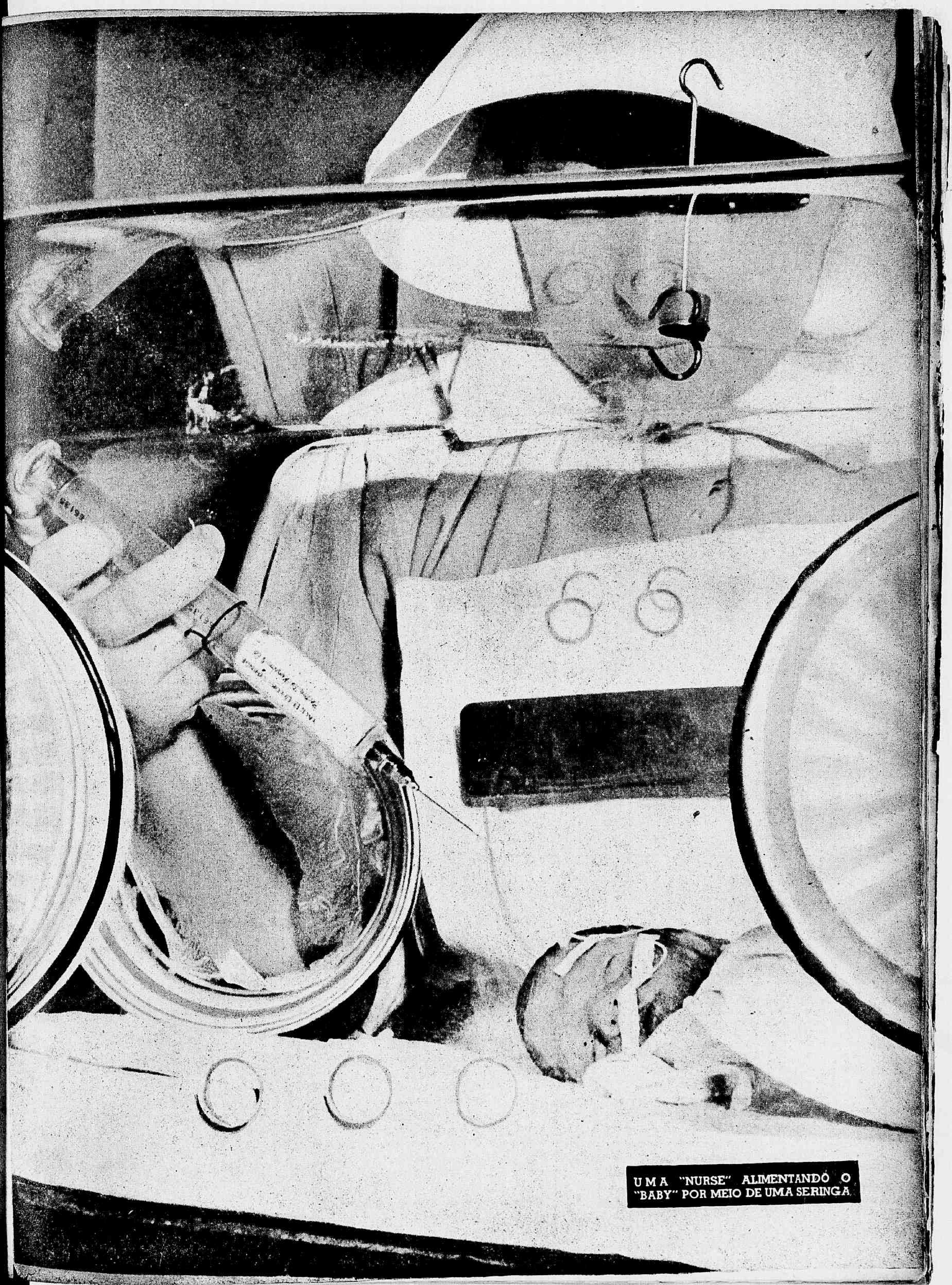
Mas, mesmo assim, não há criança que, durante o seu primeiro ano de vida não esteja sujeita aos maiores perigos de sobrevivência. Ora, se tal fato é sabido em relação aos que nascem em tempo normal, que não sucederá aos recém-nascidos prematuramente?

Foi pensando em todos êstes casos que os maiores especialistas de crianças dos Estados Unidos dotaram certos hospitais de tudo o que há de mais moderno e eficiente em matéria de salvação de vidas para os «babies».

Um dêsses estabelecimentos, o «St. Vincent's» Hospital», de Nova York, instalou em sua maternidade berços-



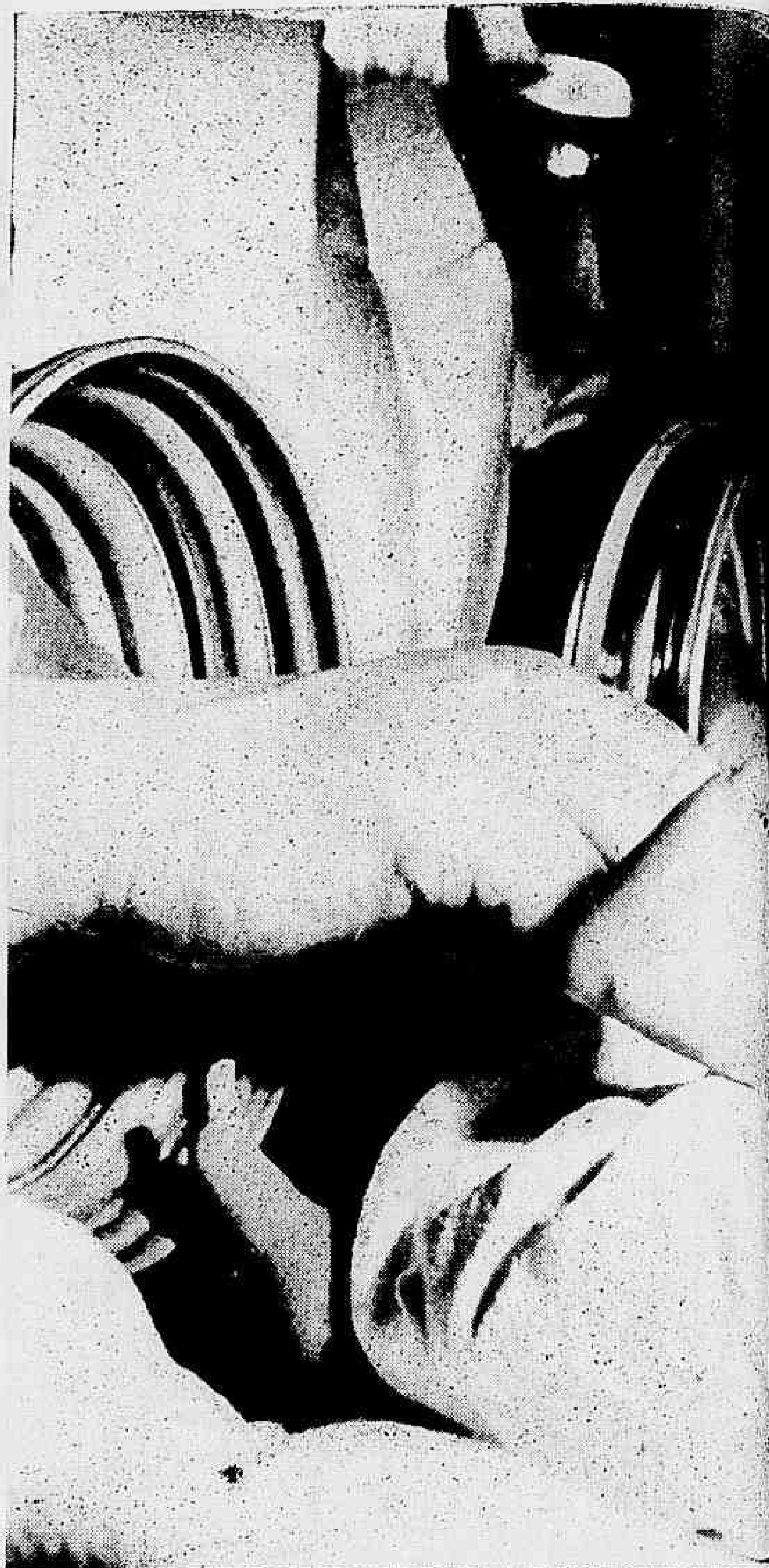
UM DOS bebés nascidos antes do tempo e com o peso de menos de duas libras ao ser colocado em sua «isolette».



UMA "NURSE" ALIMENTANDO O "BABY" POR MEIO DE UMA SERINGA



TUDO ESTA previsto no berço-câmara de oxigênio do St. Vincent's Hospital. E' preciso pesar, de quando em quando, o bebé prematuro, mas sem retirá-lo da «Isolette». Vejam como se faz: há uma balança interna e nela se pesa o «baby».



E O PROBLEMA da mudança das fraldinhas? Tudo isto também [...] com grande precisão. Na outra foto, a enfermeira ajusta a temp[...]



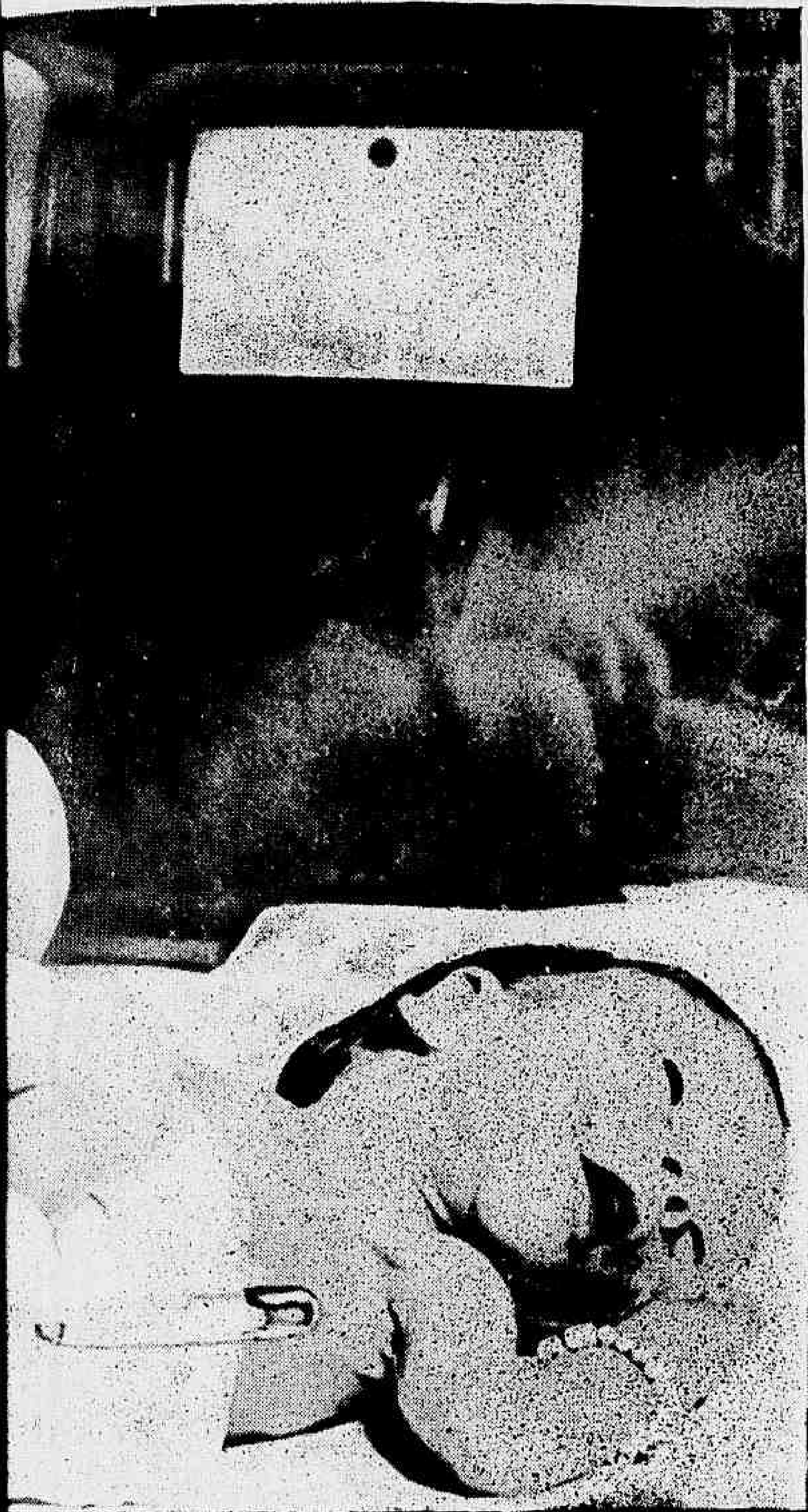
incubadoras dotados de dispositivos aperfeiçoadíssimos para a luta contra a morte dos bebés temporões.

Graças a isso os resultados têm sido excelentes, salvando-se centenas de vidas que, de outra forma, seriam destruidas pela morte, antes de completar o primeiro ano de existência. O «St. Vincent's» encabeça o movimento para a salvação das crianças nascidas prematuramente, pesando menos de duas libras, ou seja menos de um quilo!

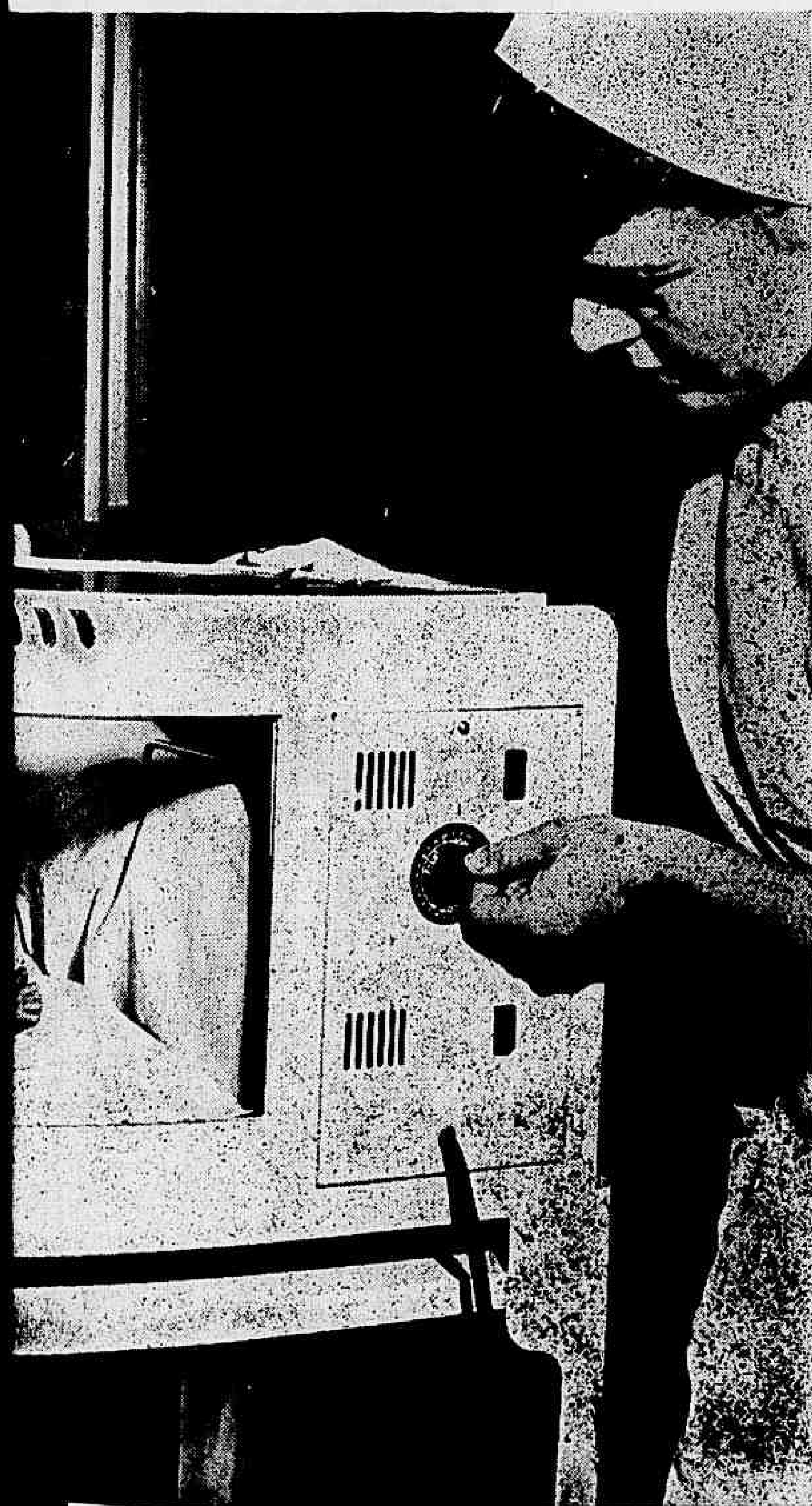
Deram às mesmas o nome geral de «preemies», e logo após seu nascimento, vão «morar» numa incubadora, a «Isolette», caixa dotada de tôdas as condições exigidas pela pediatria, a fim de que o «baby» encontre ambiente capaz de salvá-lo da morte certa.

A «Isolette» está recoberta com cortinas de matéria plástica, de balança interna para pesar a criança e de um dispositivo termal e de oxigênio para manter a temperatura prescrita pelos médicos e o mais puro ar interno. Êsse berço especial evita que o recém-nascido fique exposto aos ares externos, mantendo-se isolado do mundo exterior pelo tempo indispensável à conservação de sua vida em constante perigo.

Para que as «nurses» tratem do recém-nascido prema-



...samente previsto. As «nurses» não se atrapalham e fazem o serviço ...crita pelos médicos, sem o que a criancinha não poderia sobreviver.





MAS, ESSA vida de «Isolette» tem o seu têrmo. Logo que a criança adquire pêso suficiente e resistência prevista pelos pediatras, retiram-na da incubadora e lhe dão excelentes banhos. Está pràticamente vencida a grande batalha.

turamente, há ogivas bem protegidas, pelas quais elas metem as mãos e aplicam na criança a alimentação prescrita, pesam-na, mudam-lhe as fraldinhas, e, quando a mesma está em condição de resistir e já fora de perigos, retiram-na e lhe dão banhos de limpeza geral.

O tempo de duração nas incubadoras varia entre quatro a seis semanas.. Quando as «nurses» e os médicos assistentes verificam que o perigo já passou e que o menino ganhou robustez e pêso suficientes para enfrentar a vida fora do berço-térmico, então a vida passa a ser mais agradável para todos. O bebê é retirado do leito e respira o ar comum a todos os viventes normais. Já se livrou da morte e vai-se libertando daquela prisão amável.

Quando uma dessas crianças crescer, tornar-se adulta e vir, através de filmes e fotografias o que foi o seu início de vida neste mundo, há-de bendizer os homens de ciência e as suas devotadas enfermeiras cujo carinho e dedicação se confundem com os desvelos maternos. Notem os leitores a própria fisionomia dessa «nurse» que cuida de um «baby» prematuro; vejam na expressão de seu rosto o sentimento de ternura que sòmente as mães podem apresentar.

CASTIGO

TODOS os dias era a mesma coisa Miguel levantava-se da mesa com a fisionomia fechada, fumava um cigarro, chegava à porta da casa velha fazendo ranger com o seu peso as tábuas velhas também, cuspia resmungando qualquer coisa que ninguém entendia, depois entrava, com o rosto baixo, alheio à mulher e aos filhos, como se êles não existissem, ou fizessem sòmente parte do mobiliário. Ouvia-se logo após o fechar de uma porta; e êle ficava trancado no quarto o resto da noite. Ninguém sabia o que êle fazia, e ninguém se interessava em saber. Só mais tarde se ouviam os seus passos de novo, e depois, o silêncio.

Na saleta modesta, cheia de móveis velhos a mulher respirava então. A presença do marido irritado causava-lhe, sempre, mal-estar. Ela não compreendia e nem procurava compreender por quê.

Embrutecera. Habituara-se àquela vida que fôra mais ou menos sempre assim, desde que casara.

D. Helena passava, já dos quarenta. Era uma mulher alta, magra, maltratada pelo tempo, pelos trabalhos e pelo gênio irrascivel do marido. Sua alegria única era o filho caçula, o Luizinho, fruto temporão dos seus quarenta anos, um garoto bonito, vivo, e observador, olhando o autor dos seus dias como um ser estranho, espiando-lhe os movimentos, o modo de andar, de comer e de brigar.

O pai, nos raros dias de bom-humor, chegava-se para êle, falava-lhe, sorria-lhe; porém, o homem desaprendera, há muito, de sorrir, e o seu sorriso era um esgar, uma careta.

E o garôto retraia-se; tinha mêdo dêle.

E era nesses raros dias de bom-humor que a mulher se aventurava a tocar no assunto mais doloroso daquela casa, o assunto que fazia sangrar sempre a ferida que o sovinismo do seu dono conservava eternamente aberta, mas que era mistér abordar: dinheiro.

Êle mudava logo; virava-se com os olhos em braza, media a pobre mulher de alto a baixo e gritava:

— Dinheiro? E aquêle que eu deixei há quinze dias? Onde está? Tenho eu por acaso fábrica de dinheiro? Vocês não tem consciência? Mas isto vai acabar! Vou sumir, vou-me embora e vocês que se arranjem Vão para o inferno! Dinheiro Ora esta!

E êle falava, falava, e a mulher encolhia-se ainda mais, procurando os cantos como cachorro acuado, humilde de fazer pena. E calava-se.

Margarida, a filha mais velha, era mocinha já, faceira e vaidosa.

Seus quinze anos arredondavam-lhe graciosamente as formas. Era vistosa, bonita e o sabia. Sentia-se admirada e envaidecia-se.

Talvez, fôsse êsse o motivo do desassombro com que encarava o pai, olhando-o com um ar critico que o desconcertava às vêzes.

— Você fala, fala, mas não lhe falta nada. Quem não quer trabalhos não os inventa — dizia-lhe com máu modo.

— Atrevida! — vociferava o homem louco de raiva.

— E' isso mesmo — tornava a pequena esquivando-se ao braço que vinha em sua direção.

A mãe intervinha, chorava, e a cena terminava por um bater de porta, a da rua; e a mulher lá ficava na cozinha a pensar e a procurar um jeito de conseguir dinheiro. Achou-o, por fim.

Não condizia com a sua posição, mas ainda assim, era bem melhor do que implorar.

E o quintal de d. Helena, transformou-se numa lavanderia. Margarida ajudava-a, de má vontade. Porém, como só assim poderia conseguir mais um vestido ou uns sapatos novos, ela concordava.

O pai sempre alheio, não percebia que a mulher o importunava menos. E êle passava à noite, agora, mais tempo na sala. Chegava-se ao garôto, que, o vendo menos zangado não lhe fugia tanto.

D. Helena definhava dia a dia. Assemelhava-se a um fantasma, mas haviam-se acabado as cenas horrorosas que a matavam há tantos anos.

A morte vinha agora de outra fórma. Mas, embora sentisse o corpo cansado e doente, livraria a sua alma daquele cativeiro e daquela humilhação diária.

Respirava. Já levantava a cabeça. Não se sentia tão pequenina.

Enquanto isso, o Luizinho conquistava as boas graças do pai que o levava, às vêzes, para o pequeno quarto que lhe servia, também, de escritório.

O menino lá ficava a olhar os quadros da parede, a secretária, e com especial carinho um «mapa-mundi» colocado na estante cheia de livros.

— Que é aquilo, papai? — perguntava curioso.

— E' a terra.

— A terra? — Ah! Bonita, não é papai?

— E'. Quando creceres vais estudar numa bola igual àquela.

— Igualzinha? papai?

— E'.

— Hum! Que bom!

E o garôto ficava ali, parado, a admirar a bola no alto da estante; depois, o pai punha-o para fora e êle ia aninhar-se perto da mãe.

(Cont. na pág. 42)

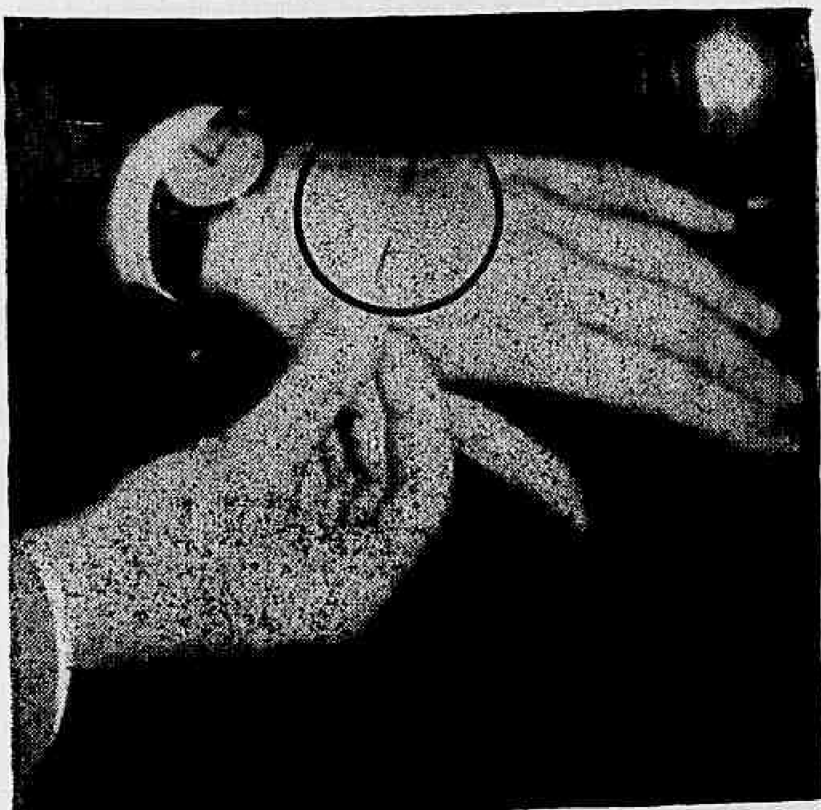
CONTO DE **MARIA ADELAIDE D'AVILA MIRANDA**
ILUSTRAÇÃO DE **ORLANDO MATTOS**

ORLANDO MATTOS



O DR. BASKARAN numa de suas atitudes dominadoras, olhos penetrantes e capazes de fazerem adormecer as mentes mais rebeldes, em tempo recorde. O nosso retratado, além de hipnotizador, é um extraordinário psicólogo de fama mundial.

O DR. BASKARAN, UM HOMEM RARO



OS FAQUIRES não são, de forma alguma, super homens. Qualquer um de nós pode fazer o que êles fazem, costuma dizer.

MISTO DE PSICÓLOGO, HIPNOTIZADOR E JORNALISTA ★ MOÇO DE MAIS NA IDADE, VELHO DE MAIS NA EXPERIÊNCIA ★ UMA VIDA AVENTUREIRA ATRAVÉS DO MUNDO ★ "A DOR NÃO EXISTE", DIZ ÊLE ★ TESTEMUNHOS IRREFUTÁVEIS DE AMARAL GURGEL, CARLOS BRASIL, ATALIBA DOS SANTOS E MARIVONE ★ O REPÓRTER HIPNOTIZADO

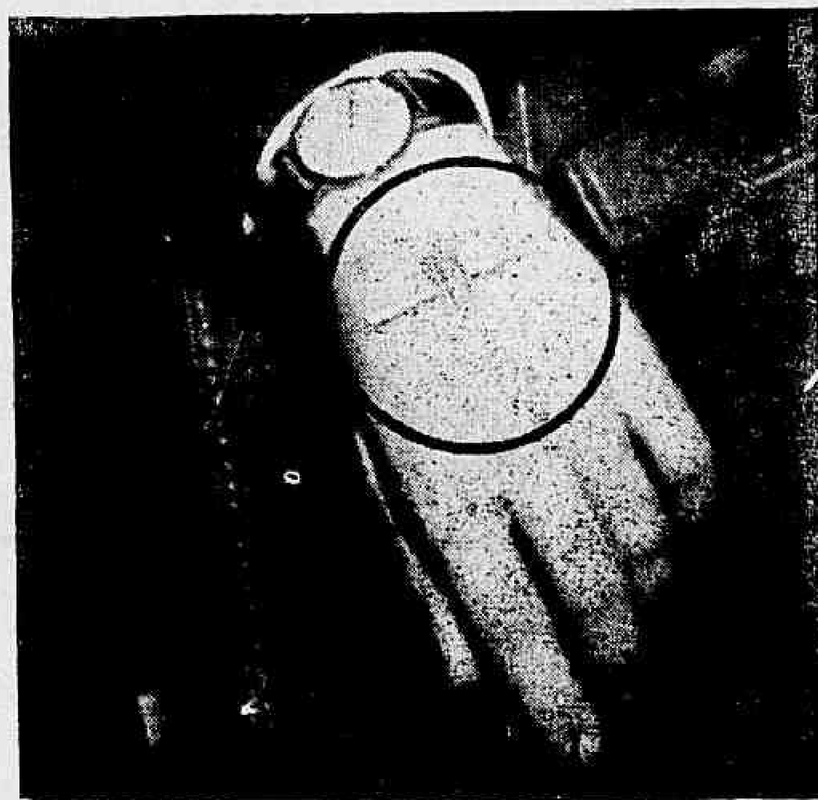
Texto e fotos de JORGE LYRA

ESTAVAMOS em casa, metidos em nosso pijama, despreocupados da vida, quando o locutor da Rádio Globo anunciou:

— No ar, Revelações do Subconsciente, um programa científico que abre novos horizontes no mundo quase desconhecido da mente humana. O dr. Baskaran não advinha o futuro: cientificamente deduz o seu porvir...

— Mais uma baboseira dessas que todos os dias vêm perturbar o descanso espiritual dos ouvintes. Mas o locutor anunciava:

— Com vocês, o dr. Baskaran...



COM UMA AGULHA enterrada no dorso da mão, êle passa mais de vinte minutos, sem qualquer contração de dor estampada no rosto.

A CIÊNCIA A SERVIÇO DO POVO



A CANTORA MARIVONE, da Rádio Globo, completamente dominada pelo estranho homem de ciência, não pôde, em nossa presença, separar as mãos que pareciam grudadas uma na outra. Idêntica experiência foi feita na redação, saindo-se o cientista airosamente.

Com a voz pausada, talvez um pouco cansada pelo pêso da velhice, êle iniciou com sotaque espanhol, seu programa daquele dia. Não era o que pensávamos, tivemos a primeira desilusão, o homem era diferente, inédito em tudo o que conheciamos em matéria de programas radiofônicos. Interessamo-nos pelo homem e à tarde, fomos à Rádio Globo não procurá-lo, mas procurar nosso amigo Amaral Gurgel a fim de que êle nos dissesse quem era aquêle homem raro, aquêle homem de ciência que se dirigia ao povo com palavras simples e, pelo que nos fôra dado ouvir exatas.

— Amaral, quem é o velho que se intitula dr. Baskaran, perguntamos.

— «E' muito moço. Essa a opinião de todos aquêles que onhecem o dr. Baskaran. Também eu, apesar de já haver experimentado uma série de falsos grafólogos e charlatães âdvinhos, consultei-o, apesar de duvidar de sua ciência. Dez minutos de conversa, porém, convenceram-me de que eu estava diante de um rapaz com boa base de estudos de psicologia, com a curiosidade sadia dos que querem aprender, e que, partindo do repúdio às afirmações dogmáticas, andam sempre à procura da verdade. Não aceitei simplesmente os seus tests. Quis experimentá-los. Mais de uma centenas de experiências fiz. Nada de novo. Os símbolos se repetem numa variedade bastante reduzida. O resto compete ao psicanalista. E aí é justamente onde está o verdadeiro trabalho. Não fôsse assim e qualquer um poderia improvizar-se em estudioso da alma humana, dando conselhos a torto e a direito, como, infelizmente, acontece na grafologia, que de uma ciência exata, está a pouco e pouco, sendo transformada por inconscientes e charlatães, em arte advinhatória. O sistema de Baskaran é muito bem estudado, com bases sólidas e a sua cultura e experiência, fazem com que possa afirmar com absoluta convicção, não predições do futuro, mas qualidades e falhas de um caráter. E como tal, acho-o utilíssimo».

Depois de uma curta pausa, balançando a cabeça, entre cético e entusiasmado, Amaral Gurgel completou suas informações sôbre o homem em questão

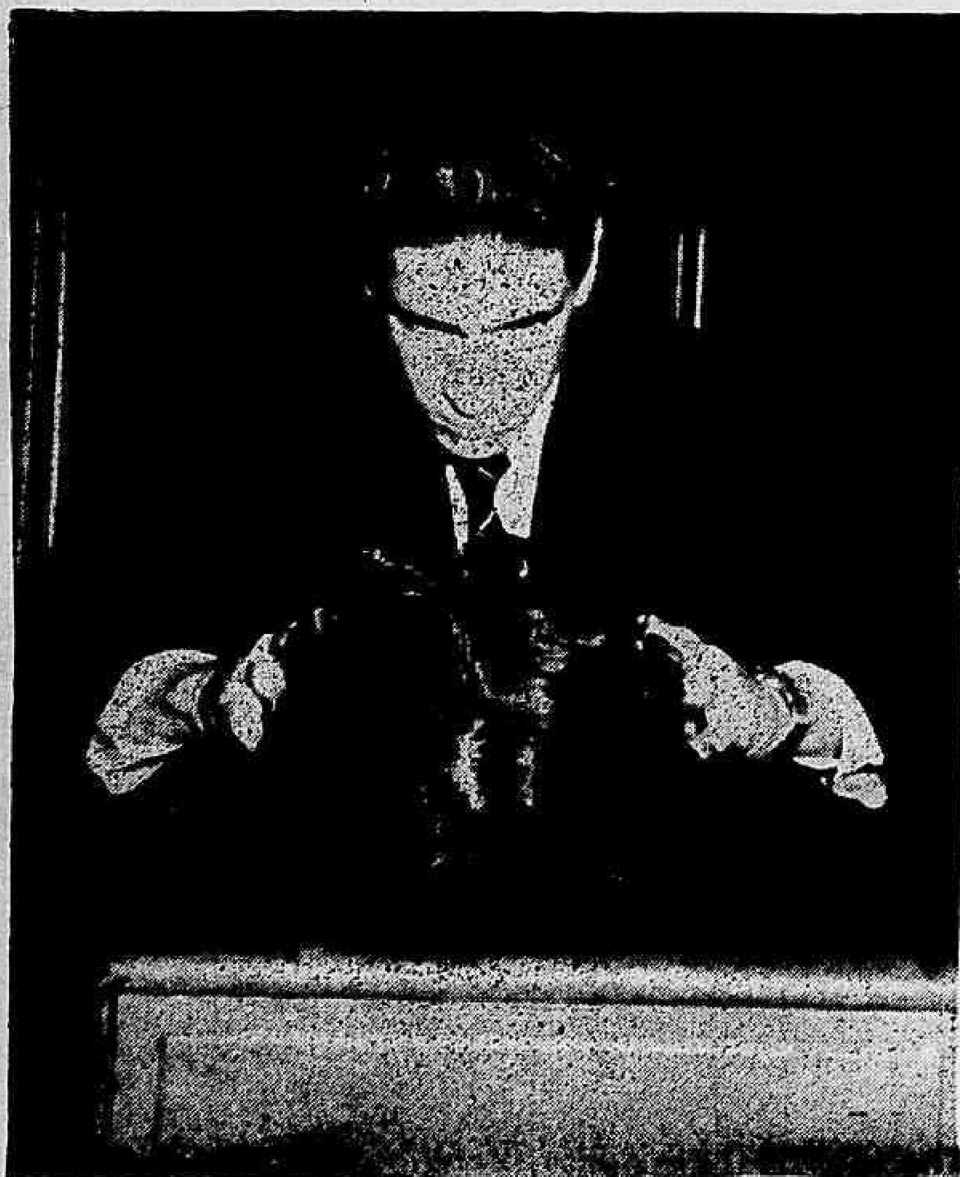
— «E' verdade que qualquer experiência de hipnotismo desperta maior assombro Mas, para os estudiosos, é fascinante o estudo a que se dedicou êsse novo colega do rádio, e inteligente estudioso. Posso afirmar que o predizer o êxito do seu programa da Rádio Globo não será nenhum trabalho que obrigue a consultar os astros ou ler em copos dágua ou montes de areia».

— Quer dizer, então, perguntamos, que êle também se dedica ao hipnotismo?

— «Sim, essa é outra faceta de sua inteligência. Mas, ao invés de conversar comigo, por que não conversa com êle mesmo. Vem chegando, agora».

Segunda desilusão do repórter. Moço, alto, esguio, irradiando simpatia, aproximou-se o dr. Baskaran. Amaral nos apresentou, nossas mãos se apertaram e quando nossos olhos se cruzaram, sentimos um calafrio percorrernos o corpo. Achávamos melhor desistir da reportagem. O homem era de causar arrepios. Seus olhos penetravam até aos nossos mais recônditos sentimentos e parecia quererem arrancar qualquer coisa que nós mesmos desconheciamos.

Pedimos-lhe, então que fizesse algumas experiências de caráter científico. Traçou algumas linhas num papel branco e mandou-nos completá-las com desenhos simples e rápidos. Fizemos o que nos mandava. Desobedecer, pois sim, olhar-nos-ia de novo e aí de nós. Tudo pela profissão...



UMA EXPRESSÃO DE DOMINIO do dr. Baskaran; os olhos e as mãos trabalham ativamente, enquanto a consulente adormece completamente.



ATALIBA DOS SANTOS, locutor da Rádio é um tipo hipersensível. Vemo-lo aqui, com a mão prêsa à mesa, por ordem do dr. Baskaran.



MARIVONE, ADORMECE lentamente sob o domínio dos olhos do dr. Baskaran. Ninguém pode resistir por mais de dez minutos...

Completadas as linhas, mandou que escrevessemos palavras sôltas num papel. Fizemos, assinamos e êle nos disse coisas incriveis de nós mesmos, coisas que só nós mesmos poderiamos saber. Enfim, ficamos satisfeitos, por que Baskaran afirmou que tinhamos caráter. Já era alguma coisa.

Assistindo aos trabalhos de Baskaran, encontrava-se o conhecido «radioman» e diretor da Rádio Guanabara, Carlos Brasil, que também submeteu-se ao test. Ao terminar, virando-se para todos os presentes declarou, entusiasmado:

— «O estudo do dr. Baskaran é realmente extraordinário. Êle me revelou coisas que jaziam no profundo do meu ego, coisas que só eu conhecia e que, aliás, tinha mêdo de revelar a mim mesmo; êsses estudos e essas revelações ser-me-ão muito úteis na vida prática, já que empregarei agora os sábios conselhos dêsse jovem excepcional e, tenho certeza, muitos dos aborrecimentos atuais serão evitados».

REVELANDO-SE O SUBCONSCIENTE

Os tests do dr. Baskaran consistem em simples traços que devem ser completados em forma rápida e individual pelo consulente. Através dêsses densenhos, êle, com a prática extraordinária que possui e guiado pelos regras básicas da psicanalise, faz um estudo minucioso da personalidade, assim como das inquietudes, dúvidas e preocupações que vivem no subconsciente da pessoa analisada. Parece impossivel, mas a nossa personalidade exteriorizada pelo nosso subconsciente se imprime nesses simples desenhos que Baskaran esmiúça com uma rapidez de deixar perplexa a estátua de bronze de Pedro Álvares Cabral.

O dr. Baskaran nos explicava em que consistiam seus tests quando entrou na sala onde palestrávamos o conhecido locutor Ataliba dos Santos. Ao abrir a porta e, vendo o dr. Baskaran, tentou voltar apressadamente. Indagamos do psicanalista se êle e o Ataliba eram inimigos. Enquanto faziamos isto, Amaral Gurgel já trazia o locutor pelo braço e êle nos explicava então:

— «Tôdas as vêzes que encaro o Baskaran, sinto um torpor imenso invadir-me e tenho ventade de dormir».

— Por quê, indagamos do dr. Baskaran.

— «Êsse rapaz é um tipo hipersensivel. Basta que eu o olhe enèrgicamente para que êle fique hipnotizado».

Ante a nossa incredulidade, e acedendo ao pedido do sr. Bhering, diretor da rádio, resolveu fazer algumas experiências, de caráter puramente experimental e estritamente cientificas. Uma série de pessoas desfilaram ante nossos olhos atônitos e a tôdas elas o dr. Baskaran dominou totalmente.

As experiências que mais nos chamaram a atenção foram as que realizou com o locutor Ataliba dos Santos e a cantora Marivone. O dr. Baskaran deixou-os em estado hipnótico, com uma rapidez de espantar e, além do mais, em condições pouco favoráveis, já que o barulho das máquinas de escrever, o ruido dos carros que passavam na rua, deveriam, com certeza, desviar a atenção do hipnotizador.

Perguntamos como conseguia tal façanha e êle nos explicou:

— «O hipnotismo, a sugestão, o contrôle da dor são hoje temas cientificos perfeitamente estudados e conhecidos. Não são fenômenos sobrenaturais. E' comum aparecerem falsos super-homens, fazendo provas de origem psiquica, pretendendo apresentá-las como fatos extraordinários. O

(Cont. na pág. 46)



TODOS OS DIAS, às nove e trinta da manhã, o dr. Baskaran responde às consultas que lhe são enviadas em número astronômico.

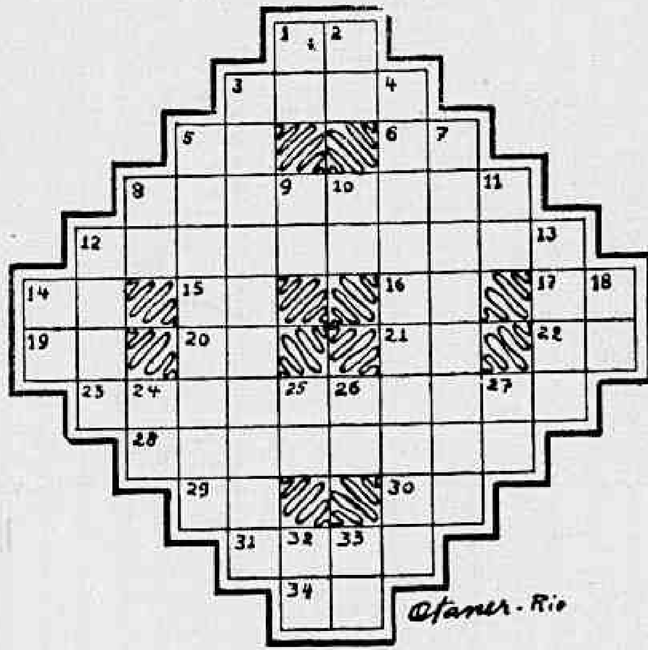


O DR. BASKARAN É UM HOMÉM de ciência, profundo conhecedor da psicologia experimental, tendo-se aperfeiçoado através de viagens por todo o mundo. Em baixo, vemo-lo, dominando o locutor Ataliba dos Santos, tipo hipersensível que entra em trânse em cinco segundos.



PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 52 - PARA VETERANOS

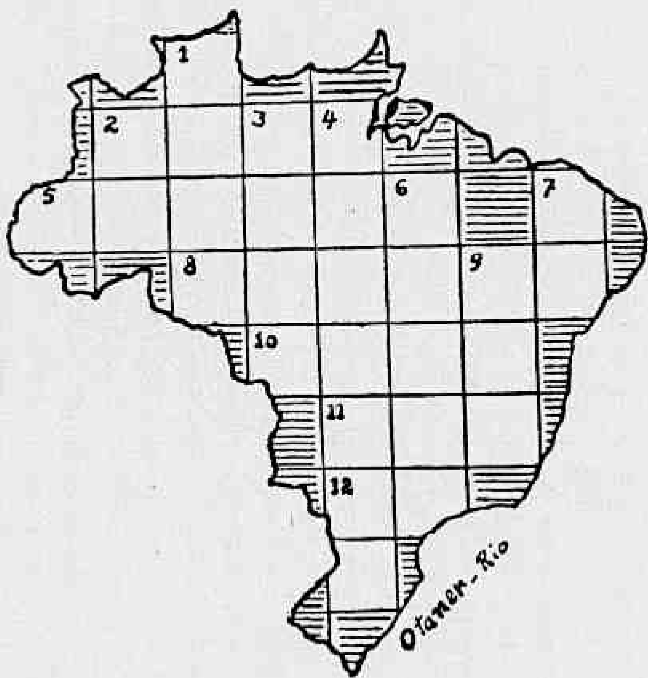


HORIZONTAIS: — 1. A origem dos sêres, na mitologia amazônica — 3. Indígena da tribo do rio Tiquié — 5. Causa — 6. Nome que os antigos egípcios davam ao princípio da energia humana durante a vida — 8. Índio da tribo das proximidades de Joazeiro — 12. Crânio pontiagudo — 14. Pai de Hupim e Supim — 15. Por outras palavras — 16. Vênus dos assírios e árabes — 17. Medida itinerária do Japão — 19. O mesmo que ambi — 20. Desinência verbal — 21. Nota musical — 22. Planta textil da China — 23. Atração. — 28. Espingarda fina, de pequeno calibre — 29. Metrópole — 30. 3ª letra do alfabeto árabe — 31. Coisa sem realidade — 34. Chefe (pl.).

VERTICAIS: — 1. Entre nós — 2. Desinência verbal — 3. Intriga — 4. Falta de ar — 5. Cardeal (pl.) — 7. Ave da família dos Psitacídeos — 8. Mil e cem — 9. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 10. Venha cá! — 11. Sufixo que designa coleção, naturalidade — 12. Recurso — 13. Região dos mortos — 14. Seguia — 18. Filha de Inaco e Ismene — 24. Símbolo do túlio — 25. Decorrer — 26. Nota musical — 27. Uma das quatro sílabas de que se serviam os gregos para solfejar — 32. O substrato instintivo da psiquê — 33. Rio da Birmânia.,

★

PROBLEMA N. 52 - PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 2. Aquêle que possui muitos bens — 5. Amadureça — 8. Lavrador — 10. Grandes — 11. Gemido — 12. Tecido finíssimo, como escumilha.

VERTICAIS: — 1. Trabalho — 2. Batráquio — 3. Sara — 4. Divindade que respondia a consultas — 6. Comestível — 7. Aragem — 9. Sufixo que denota abundância.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 51

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Erg — Mi — Oc — Clã — Fortificaçõec — Ero — Rir — Golcondas — Opor — Dano — Og — Pó — ólio — Ripa — Oas — Eoo — Og — Tom — Da — Ciar — Idem — Ararai — Sósia — Are — Anosa — Grã — Lia — Moras — Azo.

VERTICAIS: — Ef — Ro — Grego — Miologia — If — Oc — Cardápio — Corso — — Lé — As — Tropologia — Imo — Cianopodes — Cr — Nd — Ostrino — Remissa — ócrea — Amiga — Aram — Doas — Ari — Arz — Al — Or — Ao.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Castelão — Rua — Ais! — Boer — Faiscara — Doon — Lua — — Jia — Dasamais.

VERTICAIS: — Crefeld — Au — Sabidas — Laranja — Ai — Ossadas — Oso — Eco — Ué! — II.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

A CIÊNCIA A SERVIÇO DO POVO



O FAMOSO HIPNOTIZADOR, psicólogo e jornalista internacional, recebe u'a média de trinta consultas por dia. Para responder a todos seus consulentes tem em Nair de Barros uma ótima secretária.



O REPÓRTER TAMBÉM FOI DOMINADO, depois de pertinaz resistência. Vêem-se assistindo à experiência as rádio-atrizes Amélia Ferreira e Marilena. Amaral Gurgel também está maravilhado.



O DR. BASKARAN explica a Amélia Ferreira e Marilena o que são seus tests psicológicos. Consistem em simples traços, pelos quais êle analisa tôda a vida do consulente.







BLUSAS PARA O "TAILLEUR"

As blusas usadas com os «tailleurs» são geralmente de sêda e têm os bordados ou pregas na parte da frente, para que apareçam no interior dos casacos. Apresentamos uma coleção variada de modelos em sêda; algumas são bordadas, outras têm trabalhos de aplicações e rendas, mas tôdas são de grande efeito.



POEMAS EM PROSA

JOÃO GUIMARAES acaba de publicar um livro destinado à sensibilidade feminina. Trata-se da segunda edição de seus poemas em prosa enfeixados sob o título — «Beijo, canção de Amor». Oferecemos aqui, às leitoras da REVISTA, estas páginas que bem lhe darão idéia dêsse prosador lírico que rompe dentre os problemas graves da hora que passa, para dizer coisas ternas e caricíosas, tão gratas sempre ao coração das mulheres.

★

Dize, Felicidade, por que és a mentira do sonho, se te desejam para a verdade da vida? Estranho destino será sempre o teu, deusa da fé... e amazona da descrença!

De que te vale o corpo imaculado? A tua alma é um abismo...

Aos que te buscam, Felicidade, ofereces o lábio dulçoroso: é a quimera.

Colhem o beijo teu: é o sarcasmo. Porque êsse contacto parece uma corola doida, em cujas bordas escachoasse o veneno sutil...

Para os simples, Amor é o teu nome.

Chamas-te Glória, para os torturados.

E és apenas, Felicidade! uma lâmpada maravilhosa que inda ninguém acendeu...

★

— Unem-se os nossos pensamentos
em tôdas as músicas de amor,
harmonia da ternura.
Se estou perto de ti, músicas
de amor são teus olhares e tua voz,
quando longe de ti,
minhas saudades são músicas
de amor...
— Tristes?
— Mas felizes... Porque lembras
promessas e alegrias.

Na festa, muito azul, do céu,
a mais bela das estrêlas — à qual
dei teu nome — parecia uma rosa
branca em lago feito de sonhos...

Infelizes os seres que nunca se
lembram das esperanças fenecidas
— porque, antes de morrer, as esperanças
encantam a vida.
Infelizes os corações que
desconhecem as torturas da saudade
— pois a saudade é noite cheia de sonhos.
Infelizes todos aquêles que
não crêem no amor — que o amor é promessa
de ventura.
Infelizes as criaturas que têm ilusões
— e mais infelizes, ainda, as que vivem
sem elas!

LISE



Tailleurs Clássicos

ALGUNS sugestivos tailleurs de linhas clássicas e elegantes estão aqui estampados, apresentando as mais recentes creações no estilo. À direita em lã prêta, casaco bem cintado, saia reta, lapelas arredondadas. Em baixo, à esquerda, modêlo em lã cinza, duas carreiras de botões, gola em veludo negro; finalmente, dois sugestivos modelos em casimira fina.









CASACOS AMPLOS

APESAR dos modelos de casacos apresentarem-se nos mais diferentes feitios, predominam os modelos com corte godê. Êste talhe aparece tanto em casacos inteiros como em modelos três quartos. Dois modelos em lã clara, tendo como adornos grandes golas e originais bolsos. Lindo casaco em lã branca, formando recortes. As mangas amplas, são presas nos punhos por presilhas. Modêlo três quartos, simples, sem gola com grandes bolsos embutidos. Original modêlo, bem amplo com mangas três quartos e grandes bolsos ,embutidos.







Modelos Juvenis







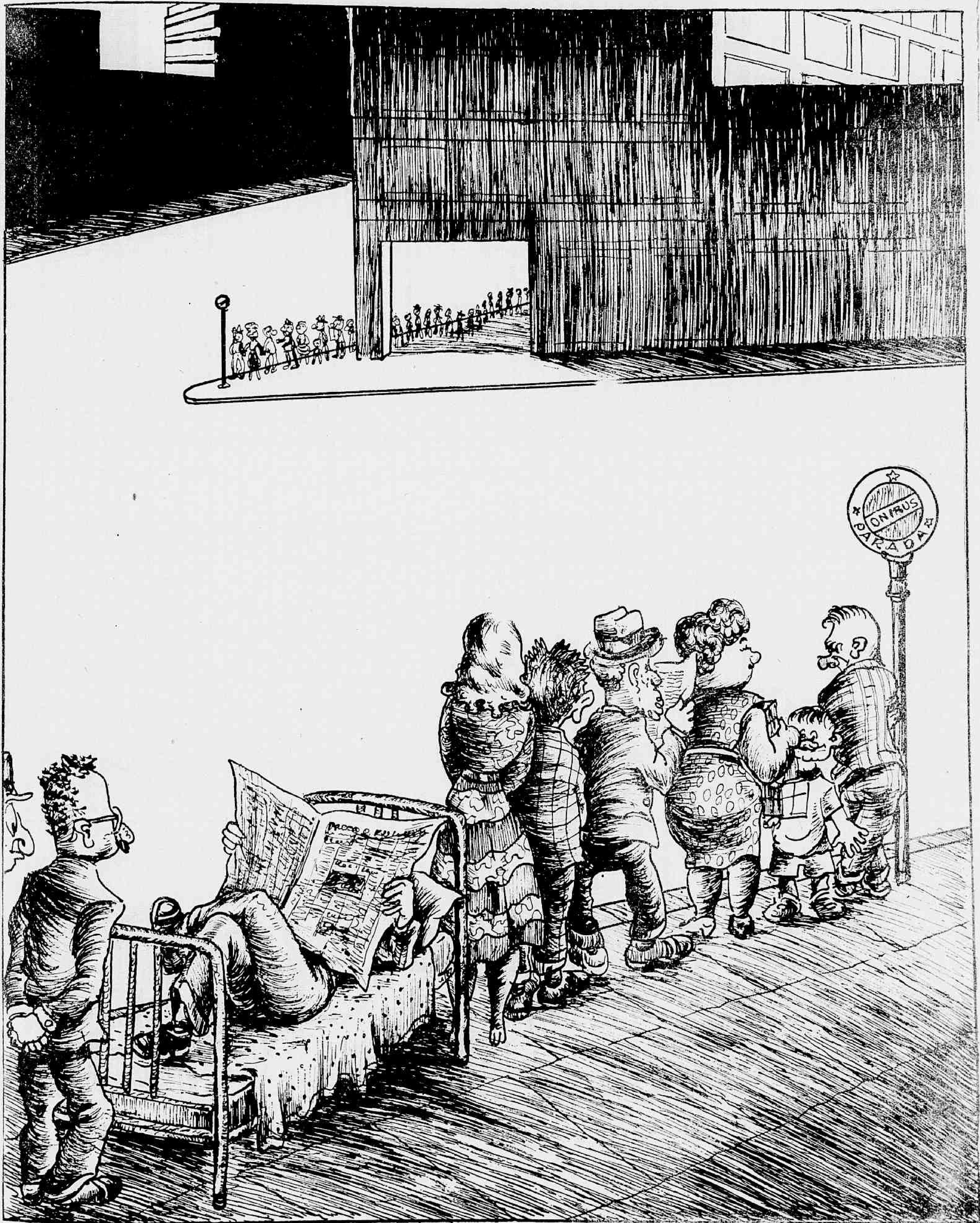


NAS estações frias, como em tôdas as épocas do ano, as jovens distinguem-se pela elegância com que se apresentam. E' sempre um problema a escolha de novas toilettes, elegantes mas que estejam de acôrdo com a idade. São para os adolescentes os modelos aqui apresentados, e por certo agradarão. Saia inteira em casemira cinza, adornada com botões de um só lado. E' usada com blusas de sêda prêta, com mangas compridas. Casaco três quartos solto abotoado apenas no pescoço, punhos virados e amplas mangas. Vestido em lã quadriculada, saia bem franzida e corpo sem mangas com decote redondo. Por dentro uma blusa em lã escura, com grande gola. Dois encantadores modelos de costumes. O primeiro tem o casaco em lã cinza adornado com botões e saia em lã escura. O segundo é inteiramente confeccionado em lã quadriculada. Casaco com gola redonda e originais bolsos recortados.

ESTE MUNDO E O OUTRO

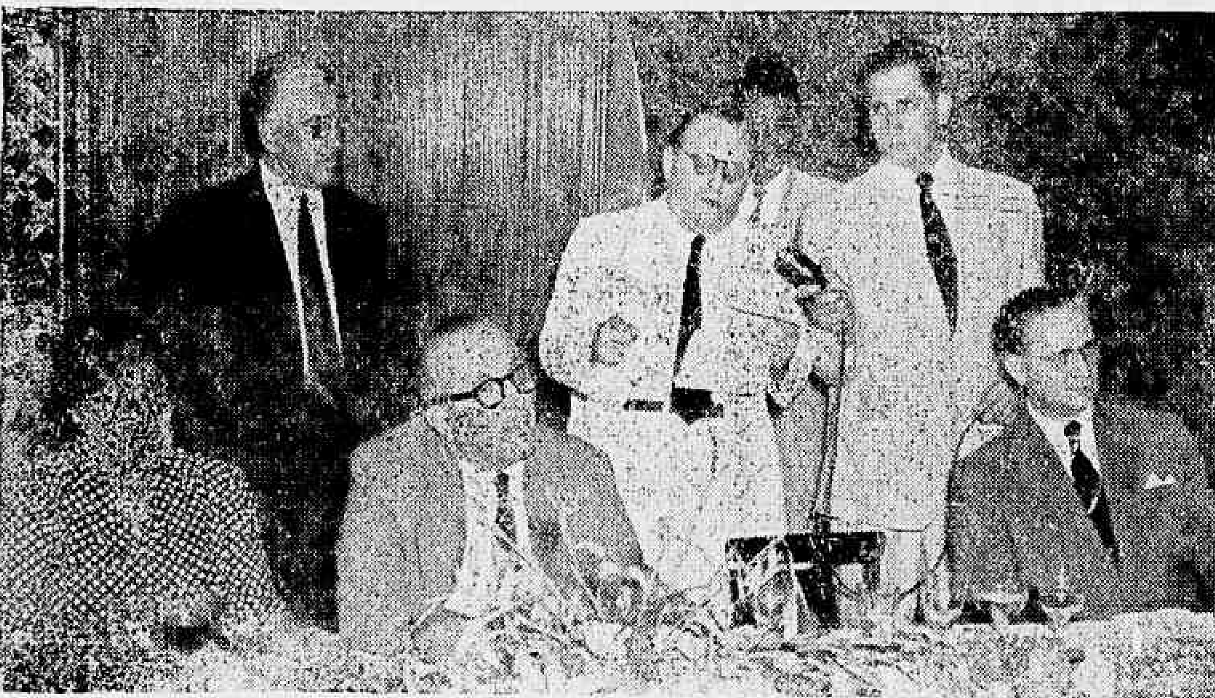
CRIAÇÃO DE DARCY

Uma sujestão para os que esperam longamente nas filas...

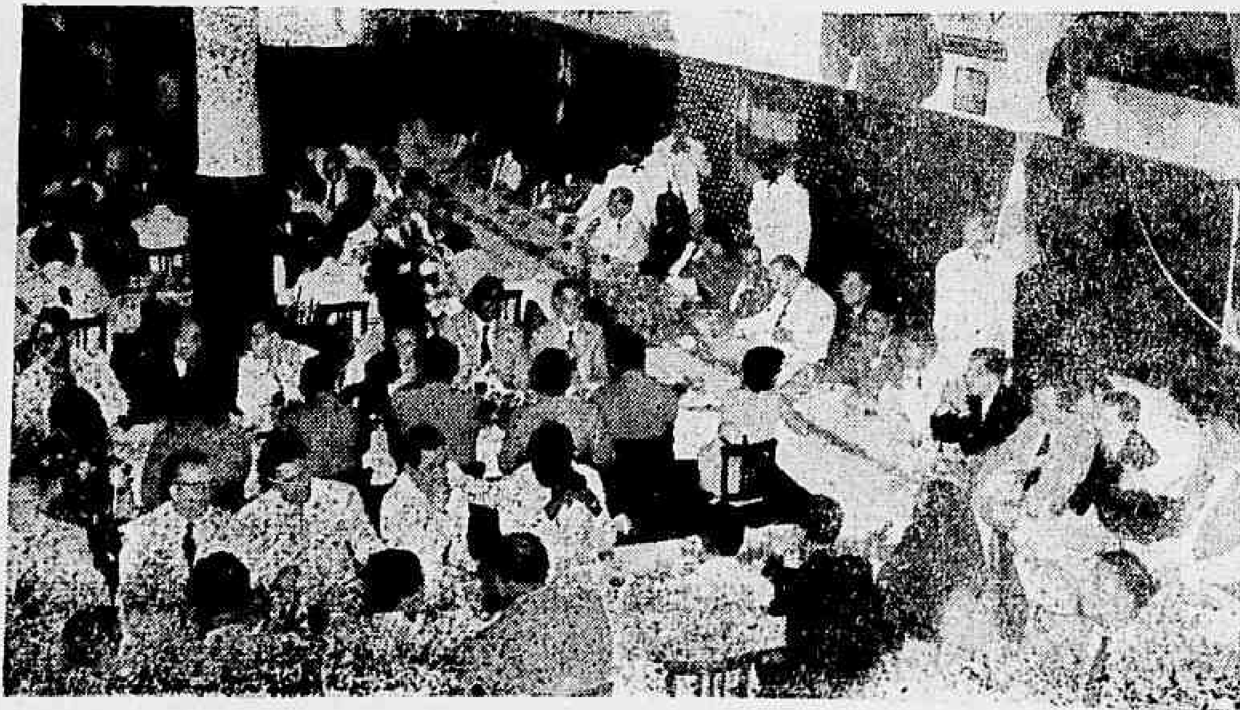




NÚPCIAS: — Realizou-se, em março último, na Basílica Nacional de N. S. Aparecida, o casamento da senhorita Maria de Lourdes Nogueira da Gama, filha do sr. Flávio Delamare Nogueira da Gama, funcionário do Banco do Brasil em São Paulo, e de D. Isabel Pereira Nogueira da Gama, com o sr. Leomir Lopes de Souza, residente em Passa Quatro, Minas, filho do sr. José Vicente de Souza e de D. Tereza Lopez de Souza.



HOMENAGEM: — Constituiu um acontecimento de alta significação política e social o banquete de trezentos talheres oferecido ao sr. José Nestor de Paiva Lima, em regosijo pela sua investidura no alto cargo de Secretário do Governador Regis Pacheco, realizado no Yate Clube de Salvador. Figuras da magistratura, da política, do jornalismo, do comércio, das finanças e do mundo oficial estiveram presentes, destacando-se o Governador do Estado e o secretariado. Saudaram o homenageado o sr. Ranulfo Oliveira, presidente da Associação Bahiana de Imprensa e diretor de «A Tarde», o sr. Áureo Contreiras, presidente do Sindicato de Jornalistas da Bahia e outros. Agradeceu o sr. Paiva Lima, num discurso brilhante. Em cima o homenageado ao fazer o seu agradecimento, tendo à dextra o sr. Regis Pacheco; em baixo, um aspecto do ágape.



A SAÚDE DO BEBÊ

HÁBITO PASTOSO (Criança balofa)

DR. SABOIA RIBEIRO

O HÁBITO pastoso não engana ao pediatra: são crianças vultosas, de carnes flácidas e bamboleantes, isto é, possuindo uma gordura encharcada e mal modelada e destribuida.

A êsse aspecto externo correspondem certas particularidades de seu organismo, maxime uma maior susceptibilidade às doenças e uma menor resistência diante das infecções. Muitas vêzes se confundem, na mesma criança, as manifestações acima, com os elementos clínicos que autorizam o diagnóstico de Diatese Exsudativa e o estado timo-linfático.

O hábito pastoso é, por muitos respeitos, a forma externa que assume na criança o linfatismo (denunciado principalmente pelos gânglios linfáticos em grande número e pundoradamente aumentados, localizados no pescoço), ou do chamado estado timo-linfático, (se ao mesmo tempo está o timo aumentado).

E' de bom aviso excluir a sífiles e a tuberculose, pelos exames apropriados (sorológicos para a sífiles, prova da tuberculina para a última); afastadas ambas, o quadro sanguíneo normal — procede admitir o linfatismo ou o estado timo-linfático, denunciado no hábito pastoso.

A existência de gânglios cervicais e axilares, o crescimento exagerado do tecido linfóideo, (expresso nas vegetações adenoides e amigdalas enormes); infartamentos localizados, não raro, nas paredes intestinais e aí palpáveis, confirmam a primeira impressão, tirada do simples aspecto, balofo e mole, da criança.

A êsses sinais vêm juntar-se, por vêzes, paradas do desenvolvimento de certos órgãos glândulares que inclinam o quadro geral para êsse ou aquêle tipo, ou pelo menos se encontram, também, desvios diversos do sistema vascular, cérebro-espinal, órgãos genitais, etc.

«Nos timo-linfáticos (escreve um autor) a resistência natural está diminuida e por isso êles são extremamente receptíveis para tôdas as infecções e são, assim, mais ameaçados pelas moléstias do que as crianças normais. Além disso ocorre neles a morte súbita, cuja causa desconhecemos e procuramos na constituição, pois que o fator ocasional não corresponde à importância do efeito. Mesmo pequenas excitações, devidas a insignificantes manobras diagnósticas ou terapêuticas, ou uma narcose, podem causar a morte».

Se no hábito pastoso enxerta-se o eczema o mesmo fenômeno pode ocorrer («morte por eczema»). Isso acontece umas vêzes, quando grandes superfícies dêle são recobertas com pomadas, ou após banhos; umas vêzes, quando o eczema se some de repente com grande perda de peso da criança.

Há no hábito pastoso uma retenção anormal de água nos tecidos, particularmente exagerada, e tendência à formação de tecido gorduroso que nela, por assim dizer, mergulha. Daí a gordura frouxa caracteristica. Essa retenção, porém, não mostra nenhuma fixidez diante das causas capazes de trazer a deshidratação do organismo (como, por exemplo, no estado de doença), e sobretudo nas molestias febris e nas diarréas.



Por isso tais crianças, com incrivel rapidez, perdem sua gordura mole e fofa, em poucas horas, quando adoecem de uma ou outra forma.

Se, porém, são alimentadas, erroneamente, com a chamada alimentação «forte», o leite muito açucarado, ou certas misturas ricas em sais, sobe-lhe o peso a alturas espetaculares, mas é uma gordura falsa, mais água do que carne, e onde os dedos afundam como em pasta de algodão.

A principal preocupação diante da criança que se apresenta com o hábito pastoso deve consistir em substituir a natureza flácida da gordura por tecidos firmes e sólidos, de um lado, e de outro, levantar suas defesas orgânicas, sem discrepância, fracas nessas crianças.

Deve-se, antes de mais nada, restringir ao mínimo possível a alimentação lática. Nada de uso excessivo do açúcar.

Nos 2 e 3 primeiros meses, o uso do leitelho (leite pobre em gordura) é um dos bons recursos. Uma mamadeira:

Água, 200 gramas; farinha de arroz, 3 c. de chá; açúcar, 3 c. de chá.

Coser até reduzir a 150 e juntar 3 c. de chá de leitelho, mexendo bem, sem ferver. Cosimentos de cereais ou farinhas, acrescidos de caseinato de cálcio, podem competir com o leitelho: aqui vai uma fórmula para uma mamadeira: 200 gramas de água; 3 c. de chá de caseinato de cálcio; 1 c. de chá de açúcar. — Coser até reduzir a 150 gramas.

Para o 4º e 5º mês já é permitido introduzir uma refeição de sal, como a que segue:

200 gramas de caldo de carne magra, ou de ossos ou de frango bem desengordurado (passado por toalha molhada), 1 pitada de sal, 2 ou 3 colheres de chá de semolina, maizena, arrozina, aveia ou fécula de batata.

Também cozimento de cenouras, passadas por peneiras, engrossando com uma farinha como as citadas.

Ao 6º mês urge suprimi-lo por completo, substituindo-o então pelos cosimentos grossos de cereais, comida sólida e sêca (arroz, pirão de batata, de legumes, caldo de feijão etc. carnes de frango, peixe cosido, miolos, fígado, etc.)

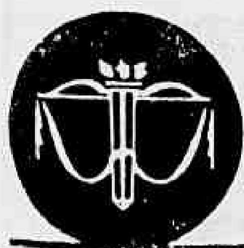
Em suma, o leite integral não convém diante do hábito pastoso, concorrendo de maneira preponderante para as manifestações eczemáticas que nêle costumam enxertar-se.

Compete às vitaminas o papel no levantamento das defesas; logo cêdo, dar-lhe-emos 50 a 100 gramas de caldo de laranja, limão ou uva (rico em vitamina C) e 1 colherinha de óleo de fígado de bacalhau (rico em vitamina A e D).



PÓ DE ARROZ

Promesa



MYRURGIA

A MAIOR EQUIPE

DE CRONISTAS, TÉCNICOS E DIRIGENTES
JÁ REUNIDA NA IMPRENSA ESPORTIVA

PRODUZIU

O ANUÁRIO

DO

Esporte

Ilustrado

DE 1951

TUDO SÔBRE

FUTEBOL

E TODOS OS

ESPORTES AMADORISTAS

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba lião, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 130 gráficos, 530 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros e aprenderem em suas próprias casas em 18 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITE». Aulas particulares, rua da Liberdade 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 843 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo



LYTOPHAN



BOLO FOFO DE BATATAS

250 gr de farinha de trigo, bem peneirada, 75 gr de manteiga, 1 colher-de-chá de sal, um nada de casca de limão ralada, 1 tablete de 14 gr de fermento Fleischmann fresco, 4 batatas regulares. Dissolva o fermento em 1 xícara de leite morno, com a manteiga e o sal. Junte as batatas cozidas e passadas e a farinha. Bata tudo e estenda em tabuleiro pequeno, untado e polvilhado de pó de pão. Deixe crescer durante 3 horas. Regue com manteiga derretida e leve a assar no forno. Sirva em quadrados com o assado.

CREME DE CENOURAS

Cozinhe em 2 ½ litros de caldo comum mas bem claro, 600 gr de cenouras bem vermelhas. Depois de cozidas, tire com a colher de cortar menor, uma porção de pérolas das cenouras e guarde. Deite o resto das cenouras no caldo, junte 2 colheres de fubá de arroz, e leve a ferver. Passe tudo pela peneira, junte 2 xícaras de leite, ½ colher de manteiga, as pérolas de cenoura, leve a esquentar e sirva.

BIFES ESTUFADOS

Cortam-se bifes de tamanho regular. Arrumam-se em camadas, alternando uma de bifes outra de toucinho, cortado mais ou menos do tamanho dos bifes, porém um pouco mais fino. As duas camadas externas devem ser de bifes. Ata-se com barbante e vai para a banha, fritar a fogo lento. Faz-se um môlho e serve-se com farofa cozida, batatas fôfas ou fritas, etc. E' um fiambre muito gostoso, quando comido frio.

PERU APROVEITADO

Com as sobras do peru, cortam-se pedaços que não se separam dos ossos. Deve-se ter cuidado para partir os ossos nas juntas, pois é muito perigoso partir ossos de aves em outros lugares, provocando assim lascas, mais perigosas do que espinhas de peixe, uma vez que se comem as aves sem o mesmo cuidado com que se comem os peixes. Refogam-se os pedaços deixa-se ferver, porém não em demasia, para não despegar a carne dos ossos. Antes de retirar do fogo, engrossa-se com 2 gemas, pondo as claras no môlho e mexendo bem. Desmancham-se as gemas com uma colher de vinagre, põe-se no refogado, que se mexe, depois, com um pouco de farinha de mandioca.

REPÔLHO ENROLADO

Escolhe-se um repôlho novo e dá-se uma pequena fervura. Tira-se do fogo e separam-se as fôlhas, sem desmanchar o repôlho. Em cada fôlha, enrola-se um pouco de recheio de camarão, galinha, ou carne. Arruma-se numa panela, que já deve estar com um bom môlho de tomate e cebolas. Deixa-se ferver o repôlho neste môlho, conservando a panela um pouco afastada do fogo. Retira-se da panela com o auxílio de duas escumadeiras, coloca-se no prato de servir, e cobre-se com o môlho. Enfeita-se com ovos cortados, azeitonas, etc.

MAIONESE

6 gemas cruas, azeite, 2 batatas cozidas, 6 ou 4 gemas cozidas, alho, mostarda e sal.

Batem-se muito bem as gemas com o azeite, que se vai adicionando aos poucos, até ficar um pouco grosso. Quando estiver batido, ou mesmo antes, misturam-se 2 batatas bem esmagadas, como para purê, 6 ou 4 gemas cozidas e bem desmanchadas. Mistura-se tudo muito bem. Fica mais consistente, menos indigesta e presta-se melhor para frios. Tempera-se com mostarda, alho e sal.

BOLINHOS CAMPONESES

80 gr de manteiga, 3 ovos, 60 gr de açúcar, 3 colheres-de-sopa de amêndoas descascadas e raladas, 3 colheres-de-sopa de passas sem sementes, 4/10 de litro de nata ou de leite, 375 gr de farinha de trigo, 1 pitada de sal, 4 colherinhas de fermento em pó.

Bate-se bem a manteiga, o açúcar e os ovos, juntam-se os demais ingredientes e forma-se uma massa lisa que se estende na grossura de 1 cm. Cortam-se pequenas rodelas e fritam-se em banha quente.

BISCOITOS PÉROLA

210 gr de açúcar, 7 ovos, casca ralada de limão, 180 gr de farinha e 100 gr de maizena.

Bate-se bem o açúcar com as gemas, mistura-se a casca de limão, a farinha, a maizena e por último as claras batidas em neve. Põe-se a massa em um cartucho de papel, fazem-se filetes com 10 cm de comprimento e polvilham-se com açúcar. Depois de 10 minutos, polvilham-se de novo com açúcar e assam-se em forno médio.

CASODINHOS DE NOZES

125 gr de açúcar, essência de baunilha, 5 ovos, 100 gr de farinha.

Bate-se o açúcar com 3 ovos inteiros e 2 gemas durante 20 minutos e junta-se a farinha.

Com o auxílio de uma colherinha-de-café fazem-se montículos numa assadeira untada e polvilhada com farinha e assa-se em forno moderado.

ORELHAS DE COELHO

500 gr de farinha de trigo, 50 gr de açúcar, 75 gr de manteiga, 2 colheres de nata, uma pitada de sal, casca ralada de limão e um pouco do caldo, e canela.

Com êstes ingredientes forma-se uma massa que se estende na grossura de uma faca; cortam-se em losangos mais ou menos grandes, fritam-se em gordura quente, polvilham-se com açúcar e canela e servem-se com compota.



ACAÇÁ

Pôr de môlho em água até amolecer, milho picado. Quando êle estiver bem crescido, passe na máquina ao mais fino. Junte sal e leve ao fogo com água. Deixe

A COZINHA

cozinhar até ficar no ponto cremoso, podendo ser embrulhado como bolinhos, em fôlhas verdes de bananeira. Deixar esfriar e servir nos próprios embrulhos. Êsse prato é usado na Bahia para acompanhar o caruru.



ARROZ À MODA DE PROVENÇA

Tome um frango novo bem molinho e deixe de véspera (se quiser para o jantar, desde bem cedo) no seguinte môlho:

Uma cebola batidinha, uma fôlha de louro, um ramo de salsa, outro de cebolinha bem picada. Fure os pedaços do frango com garfo de pau e esfregue-o bem nesse tempêro. Junte o sal necessário e aos poucos um copo de vinho branco sêco. Abafe bem e deixe até o dia seguinte.

No dia seguinte na hora do preparo, retire os pedaços do frango com uma escumadeira, limpando-a numa panela com gordura bem quente em fogo forte, que é logo abrandado.

Mexa bem depressa o frango, tampe e sacuda. Quando o frango estiver corado, junte o môlho do tempêro em que êle estêve desde a véspera, deixe secar êsse môlho acurando o frango. Abafe o fogo e deixe cozinhar com o fogo brando no próprio vapor.

Não colocar água. Se fôr necessário, ir juntando ao frango mais vinho; pode servir-se êste frango com purê de batatas, de cenouras e de hervilhas, explorando o efeito decorativo das côres ou então quando estiver quase cozido, juntar uma xícara e meia de arroz, deixar fritar bem, juntar o môlho em que êle estêve, refogado um pouco mais, colocar água necessária e meio copo de vinho, sal à vontade. Pode-se ainda colocar o frango já pronto num prato que vai ao forno, cobrindo-o com três claras batidas em neve e levar ao forno, até corar as claras. Nesse caso, juntar ao frango, antes das claras, duas colheres-de-sopa de vinho.

TORTA DE NATA BATIDA E PÃO DE LÓ

9 ovos, 9 colheres de farinha, 9 colheres de açúcar, frutas cristalizadas, nata batida.

Faz-se um pão de ló com os ovos, a farinha e o açúcar. Cozinha-se em duas fôrmas. Une-se com a nata batida, pondo-se o resto da mesma sôbre o bôlo. Enfeita-se com frutas cristalizadas e com desenhos de nata, feitos com o auxílio do saquinho de enfeitar.

CREME DO CÉU

2 litros de leite, 500 gr de açúcar, 18 gemas. Ferve-se o leite com o açúcar até ficar um pouco espêsso. Tira-se do fogo, acrescentam-se as gemas e um pouquinho de açúcar de baunilha. Vai ao forno, em fôrma untada com açúcar queimado e cozinha-se em banho-maria. E' também um creme delicioso.

BOMBOM DE LEITE

2 litros de leite, 4 barras de chocolate, 2 kg de açúcar, confeitos prateados.

um quilo de açúcar, dando-se o ponto de rapadura. Noutra vasilha coloca-se 1 litro de leite, 1 kg de açúcar e as barrinhas de chocolate. Dá-se o mesmo ponto. Arruma-se em camadas e deixa-se esfriar para se poder cortar com a faca. Enrola-se a tira cortada e põe-se confeito prateado.

BIFES À JARDINEIRA

Fritam-se os bifes em frigideira com pouca banha. Faz-se um môlho com bastante cebola, massa de tomate, pimentão, tomate e nêle se deitam os bifes. Cortam-se 2 ou 3 batatas em quadradinhos, faz-se o mesmo com 2 chuchus, 2 fôlhas de repôlho, 2 ou 3 cenouras e deixa-se cozinhar em pouca água, antes de fritar os bifes. Depois que êste e o môlho estão prontos, arrumam-se os vegetais na mesma panela e deixa-se ferver um pouco até a hora de servir.

ARROZ COM MAIONESE E SARDINHA

Cozinha-se o arroz como habitualmente. Retira-se do fogo e acrescentam-se 300 a 400 gr de sardinhas, sem pele e sem espinhas, o azeite das sardinhas, vinagre e sal. Arruma-se num fôrma bem apertado, retira-se depois do molde, cobre-se com maionese espêssa, batida com 4 gemas e 4 colheres de azeite e temperada com sal e 1 colherinha de mostarda. Enfeita-se com ovos cozidos, azeitonas e fôlhas de alface.

COMO CONSEGUIR EM CASA O VINAGRE TINTO

Tome uma garrafa de vinho tinto, junte 5ou 6 uvas verdes partidas, 1 xícara de café de vinagre comum. Arrolhe novamente. Agite todos os dias e deixe assim durante uma semana.

SALADAS DE PIMENTÕES

Fazer um refogado com carne, cebola, partidinha, azeitonas em pedaços, ovos cozidos picados, cheiro verde picado, sal, tomate. Ponha pouca água e deixe o refogado ficar bem sêco (se fôr preciso, juntar 1 colher-de-café de farinha de trigo para secá-lo bem, engrossando). Rechear os pimentões e refogá-los, quando estiver pronto, tirá-los do refogado com uma escumadeira e levá-los à uma geladeira até ficarem bem gelados e endurecidos. O môlho do refogado pode ser aproveitado noutro prato. Corte o pimentão endurecido, em fatias. Coloque num pratinho uma colherada de maionese e fatias de pimentão sôbre elas.

ARROZ À MANEIRA DE MADRID

Preparar o arroz, à maneira comum. Arrumar em 1 travessa: 1 camada de arroz, 1 camada de camarões refogados, outra de arroz, 1 camada de ovos desmanchados na manteiga, com ervilha, 1 camada de arroz e finalmente, cobrindo o prato, 1 camada de pimentões fritos no azeite.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O AFAMADO FREIO CONTRA-PEDAL



O NOVO PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

N.º 108 DO ANO XXXIV — EU SEI TUDO — N.º 11 — 1951 MAIO

Sumário dos principais assuntos apresentados em **EU SEI TUDO** no seu número de maio.

FRONTISPÍCIO
2.ª Lua de Mel (Conto — Côres) 7
ARTIGOS ESPECIAIS
Perdemos, fatalmente, em todos os jogos! 12
Menino ou Menina? 15
Neurose Erótica 18
Os Inglêses no Egito 21
Hitler, revelado pelas fichas do Exército norte-americano — (Os generais de Hitler procuram criar um Perigoso Mito — História ou propaganda?) 57
ROMANCES
As Provações de Raïssa (Continuação) 27
Uma Estranha Família (Continuação) 59
CONTOS E NARRATIVAS HISTÓRICAS
2.ª Lua de Mel — (Conto — Côres) 7
Terraço Alpino — (Conto — Côres) 27
Martin, o Visionário (Continuação) 43
A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS
E' possível determinar o sexo? 15
E' certo que os casados vivem mais? (Côres) 32
Os cegos terão uma televisão no cérebro 34
REVELANDO O BRASIL AOS BRASILEIROS
Aquidauana — Estado de Mato Grosso 67
NO MUNDO DOS SELOS 71
VIDA DO CAMPO
O Abacá 73
COMO E' FÁCIL SABER TUDO
Memento E USEI TUDO — Março de 1951 81
Cartomancia 93
Nos Domínios da Gramática 74
A NOSSA CASA
A tradição clássica 30
DIVERSOS
O Big-Ben de Londres 10
O "Liberdade" passa diante do "Liberdade" 10
Faça a sua escolha 11
Lá se foram a realeza... e os cabelos! 16
A maior "quase-catástrofe" do ano 17
A corda indiana 20
A casa fronteira 20
A arte de vender salsichas americanas 20
A "Ciência" marcha 20

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

"Êle depende da Sra..."



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



UM MUNDO À MARGEM

(Cont. do número anterior)

Há muito mais para dizer. Eu poderia encher páginas e páginas sôbre a nossa felicidade. Mas a noite lá fora desce sôbre as ruas e o asfalto reluzente da breve pancada de chuva de há pouco, faz resplender os faróis dos automóveis que passam buzinando, enchendo a cidade de bulicio.

E' preciso que eu saia, que deixe êste mundo maravilhoso, êste paraíso de tranqüilidade e ternura, e volte a me integrar no outro mundo lá de fora. Devo assemelhar-me aos outros, procurando ser, em meio das obrigações que me chamam, uma alma a mais no torvelinho de inquietações das outras almas que se agitam lá fora. Mas, saindo, levo comigo a certeza de não ser como êles. E êste é o meu consôlo...

★

Faz tempo que encerrei a leitura do estranho manuscrito de Virginia. Há qualquer coisa de fantástico no ineditismo desta narrativa. Se foi mesmo verdade tudo o que acabei de ler, na certa ainda deve existir aquela sala, que foi o mundo à margem da vida de minha amiga.

Levanto-me e saio. Tenho o enderêço do prédio. A chave, conservo-a na carteirinha do manuscrito, sob meu braço. Enquanto tomo a condução e me locomovo para o local, vou pensando na história singular daquele amor. E minha imaginação me faz criar uma tragédia completa de embos os personagens. Na certa, ao entrar no apartamento, hei de deparar com alguma cena dantesca. Quem poderá dizer que aquêle homem que soube completar a vida de Virginia, ao sentir-lhe a falta e o abandono em que o deixara, não terá lançado mão de um meio drástico para fugir ao desespêro da partida de sua amada? E os olhos de meu pensamento defrontam-se sùbitamente com um corpo caído sôbre os tapêtes, revólver ao lado, a penumbra e o silêncio...

Já perturbada com minha própria imaginação, salto do ônibus e me dirijo ao edifício indicado nas minhas anotações. Premo o botão, entro no elevador. Em cima, o corredor é amplo, meio sombrio, mas muito fresco. Estaco diante da porta, experimento a chave. A porta se abre para trás e eu, coração pequenino no peito, esperando defrontar-me com a cena criada há pouco em minha própria mente, tenho a grande surprêsa, a mais decepcionante das surprêsas: a sala está vazia! Vaz...! Dentro não há nenhum vestígio de todo aquêle encantamento, de tôda a felicidade descrita nas anotações de minha amiga. Torno a trancar a porta, desço ao vestíbulo. O porteiro me esclarece sem rebuços:

— Não, madame, lá não mora ninguém, faz tempo que está vazio. O último casal foi despejado há uns três anos. Desde então a proprietária não quis mais alugar. Vinha aqui de vez em quando, arejava a sala, demorava um pouco, depois se ia

Eu me admirava:

— Mas como era essa... a proprietária do apartamento vazio? Como era o jeito dela?

O homem cofiou a barba:

— Bem, madame, não era velha, não senhora... Mas tinha sempre um ar tão triste e falava tão manso, que dava mais a impressão de uma sombra do que de uma criatura humana mesmo... Sabe, madame? Eu sempre achei aquela dona muito esquisita... Uma vez me disse que não falasse a ninguém sôbre a sala vazia... Que o marido passara a ela os papéis de propriedade e não se envolvia nos seus negócios...

Eu estranhava. Agradeci e sai para a rua com uma sensação dolorosa, um gôsto amargo na alma... Que se teria passado com Virginia? Seria verdadeiro o seu relato? Ou quem sabe, apenas resultado de uma imaginação doentia? Teria mesmo existido o homem que ela mencionara no manuscrito? Ou tudo aquilo fôra apenas causado por um forte desejo de fuga dentro da vida, desejo êsse nascido de uma sensibilidade exagerada que fizera minha pobre amiga ambicionar com um fervor doentio aquêle mundo utópico da sua descrição.

Apertando agora o manuscrito nas mãos, vou descendo a rua para o ponto do ônibus. E, pela primeira vez, nasce em meu cérebro a dúvida sôbre a morte de minha amiga. Pela primeira vez, presumo que Virginia se tenha suicidado, vítima do pêso de uma imaginação excessiva... Mas... não poderia mesmo ter existido aquêle seu mundo ideal?

CASTIGO

(Cont. da pág. 28)

— Papai hoje está bom, mamãe — dizia êle na sua linguagem infantil.

— Está? — O marido, porém, não a interessava; interessava-lhe, isso sim, a conta da venda que aumentara naquele mês assustadoramente, interessava-lhe a filha que via cada vez mais exigente e vaidosa.

— Eu fico maluca! — murmurava a pobre mulher desesperada. Que fazer, meu Deus?

Enquanto isso o marido saia, fazia os seus negócios, voltava trancava-se no quarto e lá ficava às voltas com o seu globo. Devia gostar imenso de geografia, a avaliar pelo cuidado e pelo carinho que dedicava ao mapa- mundi. Ficava às vêzes parado, a olhá-lo.

Luizinho, por sua vez não podia, também, esquecer aquela bola enorme. E um dia, imitando a irmã, pôs-se a espiar para dentro do quarto pelo buraco da fechadura.

Lá estava o pai sentado à secretária, mexendo na bola grande, porém, partida em duas.

Naquele dia Luizinho quase não falou nem brincou; ficou preocupado.

E no dia seguinte, a uma distração do pai, correu para o quarto. Lá estava o globo na estante, de novo; inteiro. Inteirinho!

Respirou contente.

Que bom! Seu pai consertara aquela bola bonita!

E dêsse dia em diante a distração do menino era espiar, quando o pai permitia, o globo que êle não se cansava de admirar.

A casa entrara numa fase de relativa calma.

O homem pagava, agora, sòmente, o aluguel; e êle sorria a tudo alegre e disposto. O resto da despesa era custeado com o sacrifício da mulher, sacrifício que lhe arrancava, aos poucos, a vida que ainda tinha.

A filha, a quem a mãe cansada, sem ânimo, nem estímulo, não podia reprimir, demorava-se na rua, fazendo sabe Deus o quê. D. Helena trabalhava, não temia tanto o marido, mas deixava que as coisas corressem. Esgotara-se-lhe a coragem, com os desgostos e com aquêle trabalho para o qual não fôra habituada.

E a pequena andava solta.

— Que horas são estas de chegar em casa? — berrou o pai um dia. Já passava das dez.

— Fui ajudar o garôto a entregar a roupa de um freguês.

— Roupa? Que roupa?

— Ora papai! Não se faça de ingênuo. Donde pensa você que sai o dinheiro com que se come nesta casa? Daquêle que você dá? Você, aqui, só paga o aluguel.

— Vocês gastam de mais — resmungou êle. Economizem, ora essa! E terminou o assunto. O que se gastava não o interessava, contanto que não lhe pedissem... E a vida continuou como sempre.

Êle sabia, portanto, do sacrifício da mulher e permitia-o.

— Sovina é o que êle é. — murmurava a pequena à mãe. Consentir uma situação destas!

— Não diga isso; seu pai não pode, anda mal da vida.

— Mal de vida o que, mamães! Que faz êle do dinheiro que ganha? Você não teve sorte. Merecia outro marido!

— Minha filha, por que, então, não me ajuda? Porte-se bem, seja o meu consôlo, a minha alegria. Tenho tido tão poucas alegrias na minha vida...

E d. Helena pôs-se a chorar.

A pequena comoveu-se. Qualquer coisa até então oculta, patenteou-se aos olhos. Sua mãe era uma heroína. E ela levara anos para o descobrir.

— Minha mãezinha! — murmurou. Está certo; você não precisará mais se aborrecer comigo; vai ver. E abraçou-a com ternura.

Começou nesse dia, para d. Helena, uma nova vida; não era uma vida pròpriamente de felicidade, porém, de tranqüilidade graças ao afeto daquela filha sempre autoritária e esquiva, mas que agora se convertera à sua amizade.

E d. Helena continuou a trabalhar ajudada pela menina nos intervalos dos estudos.

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com óleo de peroba.

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

Miguel prosseguiu, também, na mesma vida misteriosa de sempre. E Luizinho a sonhar com aquela bola enorme e cheia de rabiscos que o fascinava.

Se êle pudesse comprar uma! Porém, apesar de pequenino, notara já a dificuldade que havia naquela casa para conseguir dinheiro.

Um dia a mãe foi encontrá-lo a cortar umas cédulas de reclame.

— Eram poucas, mamãe. Agora veja, que monte!

E apanhou com as mãos gordinhas aquêles papeizinhos e deixou-os cair.

— Quanto dinheiro, mamãe!

D. Helena riu-se e guardou a tesoura que esquecera na mesa. Porém, quando se descuidava ia encontrar de novo o menino pelos cantos a picar as tais cédulas.

— E' dinheiro, mamãe! — dizia êle sempre convencido. E' dinheiro

— Êsse dinheiro não presta, disse-lhe um dia um garôto com quem brincava; isso é dinheiro de mentira!

— Não presta?

— Não. Pede um de verdade à tua mãe.

— Ela não tem.

— Não tem porque o teu pai é pão-duro. Mamãe é que disse. Ela disse, também, que êle tem uma porção de dinheiro guardado.

— E'?

— E' sim. E se nós procurassemos? Vamos procurar?

— Vamos — respondeu Luizinho entusiasmado.

E os dois garôtos puseram-se em campo, a procurar o dinheiro tão difícil naquela casa.

Luizinho e o amigo, garotinho como êle, porém, bem mais avançado em idéias, aguardaram a ocasião, e penetraram no quarto do pai, naquele quarto que se tornara para êles uma obsessão.

D. Helena ocupava-se no tanque. Na rua silenciosa só se ouvia um ou outro pregão, e o latido longínquo de um cachorro. A tarde estava morna, abafada, prometia chuva, e ela apressava a roupa e o jantar, também.

Espalhava-se pela casa um cheiro bom de refogado.

D. Helena torcia agora os lençóis com os olhos no longe, a recordar a mocidade que lhe fugira, o confôrto que tivera, a vida boa que desfrutara.

Ela não fôra sempre assim, tão humilde. O marido, porém, quebrara-lhe o orgulho. Casara contra a vontade dos pais pensando, é claro, conquistar a felicidade. Não fôra, no entanto, êsse, o seu destino. E por isso sofria calada.

Não se queixava.

D. Helena tirara a tarde para pensar no tempo bom que ficara para trás, sem se lembrar de Luizinho que deixara a brincar, com o amigo, na sala.

Êstes não haviam perdido tempo.

Aquela bola gigantesca que tanto seduzira o nosso herói, achava-se, agora, no chão, partida em duas. Caíra. E os garôtos, com os olhos brilhando como brasas, risonhos e contentes, sentaram-se no meio do quarto a cortar com a tesoura, uma porção de cédulas novinhas, cédulas, porém, de verdade, que o bloco ao cair espalhara pelo chão. Estava assim explicada a reclusão do homem naquele aposento, junto ao seu dinheiro. E explicado, também, o carinho de Miguel por aquela bola grande, como dizia o Luizinho.

D. Helena pôde ainda evitar que se consumasse, de todo, aquêle desastre. Pouco dinheiro, porém, se salvou. Notas e mais notas de mil cruzeiros, enchiam já duas caixinhas vazias.

Miguel teve um insulto cerebral.

Está no hospital. Talvez se salve, talvez não.

Luizinho tem agora, muitas notas, pequeninas, verdadeiras...

Encheu com elas, três caixinhas. Não consegue, no entanto, comprar nem uma bola com aquêle dinheiro.

Não compreende por que. Está tão bem cortadinho!

Também não pôde compreender, por que guardava o seu pai tanto dinheiro naquela bola. Havia tanta gaveta em casa. Seu pai era esquisito...

UMAHISTÓRIA DE . . .

(Cont. da pág. 23)

meçou, impressionado, a narrar-me esta história, com ares de confidencial. E as palestras se sucediam, com diária freqüência.

As coisas estavam nesse pé quando, dias depois, êle voltou a procurar-me:

— Hoje, às horas de sempre, voltei a telefonar para a "tal". Digo assim porque ainda continuamos, tanto ela como eu, anônimos. Liguei o seu número, porém, decidido a saber, de qualquer maneira, alguma coisa a seu respeito. Ela atendeu, prazenteiramente. Depois dos cumprimentos habituais, disse-lhe eu, de chôfre:

— Minha cara amiga, hoje estou resolvido a, de qualquer maneira, desvendar o mistério que há sôbre a sua pessoa!

Previ um estremecimento em sua voz, mas esta se mostrou mais clara e suave do que nunca:

— Isso era de esperar — respondeu-me, calmamente. — E tenho uma proposta a fazer-lhe. Se há insistência, da sua parte, em chamar-me por um nome, que tal se eu chamar-me de Eva?... Você, eu poderia chamar de...

— ...Adão — completei. — Mas não é essa questão de sumária importância. Você deverá convir que eu não posso mais continuar a conhecê-la, imaginando-a assim como uma coisa etérea... Conhecer-lhe, apenas, o timbre de voz...

A sua resposta foi a mais desconcertante:

— E ainda se diz que as mulheres é que são curiosas... Eu também estou na mesma situação, e ainda não me preocupei dessa maneira... E você já deverá ter compreendido que há uma razão para essa minha aparente indiferença, não?...

Fiquei calado. Ela, notando o meu visivel embaraço, mudou de assunto. Prosseguimos a nossa conversa, não muito calorosamente.

Já no fim, ela me prometeu que no dia seguinte marcariamos um encontro. E não pude nem me refazer da surprêsa, pois o telefone foi imediatamente desligado.

No dia seguinte, que eu esperei ansiosamente, tão interessado já estava, nos encontramos novamente.

Roberto estava exultante. E não era para menos, pois naquela noite êle iria encontrar-se com a desconhecida, após tantas esquivanças. O encontro — que seria num cinema da cidade — pela sua singularidade, merece ser descrito. As bases eram as seguintes: Êle deveria entrar no cinema — trajando um determinado terno, já conhecido pela estranha — às dezenove horas, em ponto. Deveria percorrer todo o corredor central, até à tela. Lá acenderia um cigarro, e, andando bem devagar, voltaria pelo mesmo caminho. Se a ela agradassem o seu aspecto fisionômico e maneiras, ela o chamaria, dizendo-lhe à meia-voz: — Aqui está o seu lugar. Caso contrário — desculpava-se ela, dizendo que essa precaução era necessária, não que ela almejasse algum "bonitão", de apolinea figura, mas que seria imprescindivel evitar o lugar-comum dum tipo vulgar e desavisado — caso contrário, não o chamaria e... o meu amigo é quem sofreria a decepção. Seria mesmo excelente prova para a sua aparência — e eu o antevi, logo, vitorioso, que o Roberto possuia mesmo um aspecto de homem inteligente e circunspecto, não o de um "tipo qualquer".

Muito embora as adversas condições, o meu amigo estava satisfeito e muito bem disposto. Convidou-me para acompanhá-lo nessa aventura, e eu notei, em sua atitude, uma ponta de nervosismo. Dizendo, com os meus botões, que êle seria melhor sucedido indo só, aleguei um outro encontro inadiável, e me despedi, estimulando-o e desejando-lhe boa-sorte.

Mais ansioso ainda, estava eu no dia seguinte. Esperei-o, no local costumeiro, até um pouco depois das Ave-Marias. Nem sombra do Roberto, porém. Fiquei fazendo tôda sorte de pessimistas suposições. Tive ganas, até, de ir à sua casa. Graças, porém, à minha habitual timidez e à fome que já me apertava, não me atrevi a tanto. No outro dia, ao chegar, já o encontrei no local, louco para desabafar. Nem chegou a explicar-me por que não viera, no dia anterior. Sendo esta, todavia, a ocasião propicia, explico-vos eu, amigo leitor: fôra um acúmulo de serviços que o fizera ficar até mais tarde, no escritório — segundo me disse êle próprio, posteriormente. Mas, passemos ao encontro, sem mais delongas. Darei ao Roberto a palavra:

— Às dezoito-e-quarenta, já eu estava de ingresso comprado, à entrada do cinema, perguntando-me, ao avistar qualquer mulher: — Será esta?

Desnecessário dizer-lhe que, nessas ocasiões, o tempo parece que fica parado. Depois de uma demora irritante, faltando um minuto para as sete, entrei. Fiquei ali pelo "hall", até que fôsse dezenove horas em ponto.

Entrei. Logo ao começar a andar, lentamente, procurei observar os lugares de ponta das filas. Naquele dia, porém, parecia que só havia mulheres, em todos êles... E "ela" deveria estar num dêles, para poder sussurrar-me: — "Aqui está o seu lugar".

Procurando fazer-me de calmo, percorri todo o corredor, como quem estivesse à procura de um lugar — o que não deixava de ser o meu caso... Ao chegar na última fila, acendi um cigarro e voltei, displicentemente.

— E' agora! — pensei. Agora, ela estaria me olhando de frente. Que impressão teria?

Cumprimentei um ou outro amigo, enquanto continuava a andar, bem lentamente, e olhando disfarçadamente para os dois lados. Já estava eu na metade do corredor e do cigarro. Assaltou-me, de leve, a idéia de que "ela" não viera. Mas afastei-a da mente, pois tinha quase certeza de que "ela" estaria numa das últimas filas. Dei um último trago no cigarro, e joguei-o fora.

Neste momento: — "Psst! Aqui esta o seu lugar". Sim, era a frase convencionada. Parei extasiado. Olhei para a esquerda, e vi um homem grandalhão, com um ar absorto. Olhando para o outro lado, "a" vi. Estava, realmente, na ponta da fila, com o braço esquerdo apoiado no espaldar da "minha" cadeira. Cheguei-me mais para perto e murmurei: "Eva?"

— "Pode sentar-se, Adão" — foi a resposta, também num murmúrio quase imperceptivel. Não podia haver mais dúvida alguma, era "ela". Entrei, espalhafatosamente. Dei graças a Deus que nesse mesmo instante as luzes se apagaram.

Sentindo o odor penetrante do seu perfume e a frescura da sua mão sob a minha vivi momentos de indescritivel prazer. Conversamos, como velhos amigos que já éramos.

Aos poucos, fui procurando acostumar-me com a escuridão, para descobrir-lhe melhor os traços fisionômicos, tão rápida e fugaz fôra a visão que de sua pessoa eu tivera, quando ainda às claras. Ela não mentira, ao dizer-me, tão admirávemente sincera, que "já não era tão jovem", como eu, com os meus vinte anos. Não era, também, nenhuma sereia encantadora, mas tudo em sua figura irradiava simpatia. O que mais me preocupava era a sua calma e naturalidade: parecia estar habituada a ter, tôdas as noites, um encontro daqueles.

Nessa noite, depois de mais alguma relutância, vim a saber que se chamava Silvia. De que, eu não sei. Muito embora já estarmos tão mais intimos, ela continuava ainda bastante retraida. Nada de mais soube, à respeito do seu passado, nem sequer se era solteira ou casada...

Ao terminar a sessão, fixamos, tàcitamente, os olhares um no outro. Examinei, então, mais minuciosamente, as suas feições. Seu rosto, sem maquilage alguma, era simples e comum. Os seus olhos, porém, é que nada tinham de vulgares: eram curiosamente buliçosos e inteligentes, revelando a lucidez de espirito da sua dona.

Do cinema, por insistente convite meu, fomos à uma casa de chá, onde procuramos um lugar bem discreto e reservado, como nós próprios. Notei, sem dificuldade, que a fisionomia de Silvia estava sombria, revelando tristeza. Que mistério se esconderia por trás daquele rosto que revelava uma alma tão boa? Que preocupação anuviava a fisionomia da minha amiga, tão inteligente e pura de sentimentos?

Depois de muito pensar, de alguns rodeios, perguntei-lhe sinceramente, tomando-lhe a mão: — Será que a minha companhia não lhe apraz?

Ela sorriu com amargor. Ficou calada algum tempo, olhando para o seu copo. Olhou depois para mim, agora quase desesperada:

— Quisera que você pudesse compreender, ou adivinhar, a razão de minha tristeza... Mas, creia-me, será melhor que você não se esforce para fazer essa descoberta...

Enigma. Eu poderia ter aproveitado a ocasião, para perguntar-lhe, ao menos, se havia um outro homem entre nós. Não sei por que, porém, não o fiz. A fisionomia altiva daquela mulher parecia impedir-me a tomar qualquer iniciativa dessa natureza. Naquela noite, eu estava com a mesma timida postura de uma garôta interna em colégio de freiras.

Acabamos o lanche, e saimos, tão silenciosamente como entramos. Ao chegarmos à rua, perguntei-lhe:

— E agora? Levá-la-ei a sua casa?

Ela sorriu, um sorriso que revelava amargor e ternura, quase compaixão pelo meu tácito sofrimento.

— E' impossivel — respondeu. — Aqui nos despedimos.

Apertou simplesmente a minha mão, não sem antes fazer-me jurar que não a seguiria para ver que ônibus tomaria.

Aí está, meu caro, o que foi o nosso encontro...

— E hoje? — perguntei-lhe. — Telefonaste, às mesmas horas?

— Telefonei — respondeu-me Roberto. — Mas ela não atendeu...

— Ânimo, rapaz! — disse-lhe eu, jocosamente, sorrindo. — Quem sabe se ela não está doente? Você sabe... O amor é um bichinho que rói...

A fisionomia do meu amigo estava anuviada, porém, e êle parecia ausente. Despedimo-nos, então, êle contrafeito e eu animando-o.

Vinte-e-quatro horas depois, encontrei-o, sentado no mesmo banco de praça de sempre. Estava macambúzio, e com um papel na mão que parecia... Previ logo o desfecho da sua aventura.

Aproximei-me. Roberto levantou a vista e, sem uma palavra, deu-me o que era — como supunha — uma carta. Olhei ainda uma vez para êle, interrogativamente. Depois, desdobrei a carta e li. E que eu agora utilize o máximo da minha boa memória, leitor, para que tenhais dessa carta uma real idéia. Era mais ou menos assim:

"Roberto:

Hás, de certo, de ter estranhado a minha atitude de ontem, e, ainda, a de hoje, ao não atender o teu telefonema. Não leve em conta a minha descortesia — coisa que incomumente faço. Fico sentida, sim, Roberto, é porque te magoei. Magoei-te e e te causei um transtôrno tão grande, sem que tivesses culpa alguma. Assim, utilizo-me da última arma que me resta, que é escrever-te. O teu endereço, já m'o havias dado, certa vez, lembras-te, quando me disseste onde trabalhavas?

Mas, assim estou fugindo ao assunto principal destas linhas. Di-lo-ei, sem mais perifrases:

Quero fugir, Roberto, quero esquivar-me de ti!

Sim, é isso mesmo que eu quero dizer-te. Quero evitar-te, e quero esquecer os diabólicos planos que já idealizara, para

(Cont. na pág. 46)

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Beleza fácil
Em sua casa

LIMPEZA DA PELE
1.º Pasta de Amêndoas
2.º Água de Limpeza
3.º Creme de Massagem
RAINHA DA HUNGRIA

Mme Campos

Em nossos salões

Assembléia, 115, 1.º - Rio
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clinicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA DA CONCEIÇÃO, 58 — 1º ANDAR — SALA, 102 — FONE 36-6718

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensavel à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA

LEITE DE ARROZ

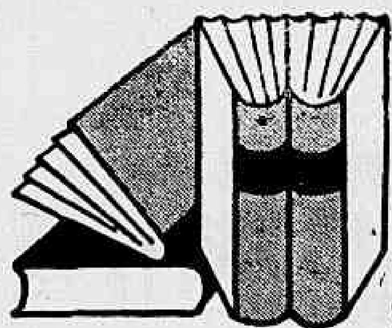
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

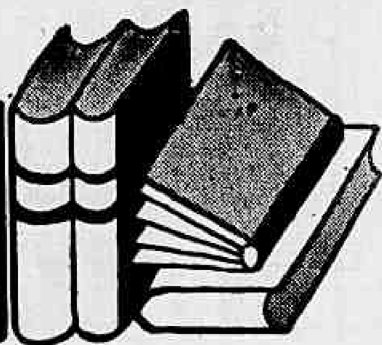
MULTIFARMA

Praça Patriarca, 36 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



LYTTON STRACHEY — 1880 a 1932 — é, sem dúvida, o pai da biografia moderna. Um dos maiores escritores inglêses contemporâneos, êle tirou à biografia, com "Eminent Victorians", seu ar meramente cronológico, deu-lhe vida, palpitação, interêsse. Sua influência, nesse território, é imensa. Essa influência pode ser mais sensível nos escritores de sua nacionalidade, mas outros biografados herdaram-lhe muito. O retrato de Strachey que estampamos é um desenho de Nina Hamnett.

ÁGUAS PASSADAS

Antero de Alencar

Eu venho caminhando há muitos anos
Sem encontrar na estrada, ao léu dos ventos,
Água, que mate a sêde aos desenganos,
E pão que mate a fome aos meus tormentos!

Meus sonhos, como um bando de ciganos,
Sem pátria, vagabundos e ciumentos,
Andam perdidos, vagos e profanos...
São dores nos meus próprios sofrimentos!

E sigo tropeçando na saudade,
Dentro da noite escura dos caminhos,
Na ausência do luar da mocidade!

Como a água que não volta e não reflui,
Depois que move as rodas dos moinhos,
Também passei... sou ruinas do que fui...

(Inédito — Do livro a sair: "Dentro de Mim Mesmo")

O LEGADO DE GIRAUDOUX

O editor Bernard Gasset tenta uma ação contra a viúva de Jean Giraudoux e seu filho, herdeiros do grande escritor morto, pelo fato de terem êles assinado um contrato com a livraria Gallimard, para a publicação recente de "La Française et la France", de Giraudoux.

Pouco antes de seu falecimento, em 1943, Giraudoux havia assinado um contrato de exclusividade de sua produção literária, com a livraria Gallimard.

★

ESCOLA DO GÊNIO

— O romance está morrendo, o romance está morto...

Foi pelo menos o que constataram vários jovens escritores franceses, assegurando que os costumes literários atuais desmoralizam a arte.

Por causa disso, segundo se informa de Paris, êles arrumaram as malas e seguiram para Vence. Ali, estão estabelecendo as regras das obras-primas. Depois, pretendem produzi-las, naturalmente.

Um comentarista parisiense interroga, a propósito dos anacoretas do Vence, se não se trataria de uma Escola do Gênio. E lembra que há algum tempo a idéia já ocorrera a Jules Romain, que fizera um curso de poesia, destinado a salvar o gênio poético que Paris parecia estar perdendo. Acontece, lembra o articulista, que dessa escola de poesia não saiu nenhum grande poeta... O que provàvelmente acontecerá com os exilados do romance, pois o gênio é um acidente da natureza, como o Himalaia.

★

QUE E' A GLÓRIA?

Colette teve necessidade de tomar um táxi, em Paris e, ao chegar ao destino, verificou que não havia levado dinheiro consigo. Pediu ao "chauffeur" que fôsse à sua casa receber o preço da corrida, dando-lhe um bilhete, com as instruções necessárias. O "chauffeur" leu o bilhete e a assinatura:

— Colette... Colette... Não seria melhor a senhora assinar o nome por inteiro?

★

Em um hotel de Veneza, Hemingway estava à varanda, trabalhando em seu último livro, quando apareceram ali alguns turistas americanos, falando ruidosamente. O gerente do hotel chegou-se a êles, pedindo-lhes que não fizessem barulho:

— Estão vendo aquêle senhor ali? E' Hemingway e está terminando um romance!

— E de quem é o romance que êle está terminando? — perguntou uma das moças do grupo de turistas.

★

Falava-se em Flaubert, na sua terra natal, Rouen, e um colaborador do jornal literário da provincia, interrompeu:

— Flaubert, sim, sim, o homem das espingardas!...

As espingardas "Flobert" haviam sido lançadas há pouco.

★

• A MODERNA POESIA BRASILEIRA

Alcides Pinto, que organizou a "Antologia de Poetas da Nova Geração" em parceria com Raimundo Araújo e Ciro Colares, anuncia para breve o lançamento de um novo livro intitulado "A Moderna Poesia Brasileira". A seleção dos poemas que se destinam ao referido livro está o critério do mesmo. À Av. Treze de Maio n.º 23-20.º andar-Salas 2025/6 reune-se a Comissão diàriamente das 14 às 18 horas.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

No "Jornal de Noticias", de São Paulo, está saindo todos os domingos uma nova e magnifica seção, a cargo do desenhista Darcy Penteado. Esta seção intitula-se: "Sucesso Teatral da Semana".

★

Anuncia-se para êste ano a publicação das "Obras Completas", de Guilherme de Almeida. Edgard Braga lançará em breve o seu segundo livro de versos: "Odes". Cyro Pimentel, que estreou em 1948, publicará dentro de dois meses, dez elegias intituladas: "Elixio". Pedro Morato Krahenbuhl fará a sua estréia com "Bagagem Avoenga". Enquanto Vicente Augustus Carnicelli prepara "Hora Consumada", a poetisa Radhá Abramo se prepara para uma viagem à Europa, via Paris. Aliás, continuam em estudos, na Cidade Luz, o conhecido gravador Livio Abramo e o jornalista Cláudio Abramo (d'"O Estado de São Paulo").

Maria de Lourdes Lebert, a romancista de "Estava escrito!", fará em maio um recital de poesia interpretada teatralmente, que está sendo muito aguardado. Constará o programa de poemas de Jorge de Lima, de Carlos Drummond de Andrade, de Ascenso Ferreira, de Mário de Andrade, de Manuel Bandeira, de Alfonsina Storni, de Garcia Lorca, de Nicolau Guillén, de Rossini Camargo Guarnieri, de Henrique Lisboa e de Reynaldo Bairão.

Com grande sucesso, está em cartaz, no Teatro Cultura Artistica, a peça psicanalitica: "A Porta", de Clô Prado. Inteligentemente dirigida por Silveira Sampaio. "A Porta" foi premiada em 1950, num concurso patrocinado pelo Teatro Brasileiro de Comédia.

★

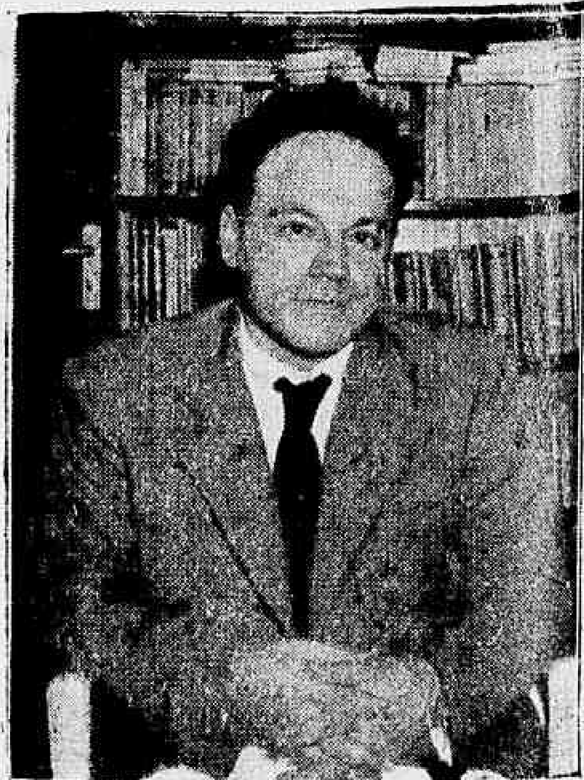
E, por falar em teatro, Maria de Lourdes Lebert, escreveu uma peça intitulada: "Augusta, a prostituta", cuja trama psicológica se passa dentro da alma de sua personagem feminina. As demais personagens não foram batizadas com nomes comuns, mas obedecem a cognomes, tais como: Alegria, Ciúme, Ódio, Vaidade, Amor, etc., etc.

★

A capital bandeirante recebeu a visita de dois ilustres poetas: Murilo Mendes e Maria da Saudade Cortesão. Durante alguns dias, aqui estêve também o jovem poeta e ensaista Renato Jobim, que faz parte do grupo da Revista Branca, editada no Distrito Federal.

JOAO GUIMARAES

O escritor e poeta João Guimarães, autor de «Beijo, canção de Amor», de que a Eitôra Minerva acaba de dar a público uma segunda edição, o que demonstra o sucesso desta coletânea de poemas em prosa.



Fora do Prelo

EDUCAÇÃO DOS FILHOS - Constâncio C. Vigil - Edições Melhoramentos - S. Paulo

Intelectual uruguaio que, há muito, está radicado na Argentina, é Constâncio C. Vigil um dos escritores mais queridos da infância e da adolescência das Américas. De inspiração delicada, estilista singelo, manejando sempre temas de grande elevação, os seus livros encontram acolhida simpática, de que é novo exemplo êste «Educação dos Filhos», já, em segunda edição feita pela Melhoramentos. A tradução, de resto muito boa, é de Eduardo Tourinho, e as ilustrações de Frederico Ribas.

O título da obra exprime perfeitamente o seu objetivo: fazer melhor, mais humana, mais natural, a «Educação dos Filhos». Quase todo em forma de diálogo, essencialmente poético, em sua aparência, mas de sentido prático, o trabalho de Virgil é uma bela colaboração aos que, nestes penosos tempos, procuram preparar um futuro mais claro, dias menos incertos para as futuras gerações, para a humanidade futura.

★

A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS — Henri de la Vaux — Editôra Minerva — Rio.

Decorar datas e nomes de lugares é o melhor processo para qualquer pessoa continuar ignorando a História e a Geografia... O meio ideal é que a matéria seja apresentada em forma de narrativa, pondo em realce os fatos e as figuras — e, do tempo, apenas o ambiente em que surgiram e trabalharam os valores humanos.

Daí o encanto que envolve o livro «A volta ao mundo por dois garotos», justamente afamado em vários países. Da lavra do conde Henri de la Vaux e Arnald Galopin, atualizada por Francisco Aquarone (desenhos e mapas) e, quanto ao texto, por Afonso Várzea, a obra ensina e empolga, porquanto os meninos vão viajando e descobrindo coisas novas, atraentes, inesquecíveis. Tão grande é a aceitação que encontra o variado e curioso trabalho, que a Editôra Minerva já o está oferecendo ao público ledor pela oitava vez.

Muitas qualidades positivas indicam «A volta ao mundo por dois garotos» como leitura de extraordinário valor — pela soma de conhecimentos que proporciona em linguagem fluente.

CONTOS DO APRENDIZ



CARLOS DRUMOND DE ANDADE

Acaba de aparecer o livro de contos com que estréia na prosa o poeta Carlos Drumond de Andrade: «Contos do Aprendiz», um dos atuais sucessos de livraria. (Caricatura de Di Cavalcanti).

DOCUMENTOS DO ARQUIVO — Barbosa Lima Sobrinho — Secretaria do Interior e Justiça — Recife, Pernambuco

Essa questão da Comarca do Rio São Francisco é um dos «casos» brasileiros que, interessando à nossa geografia, ao mesmo tempo interessa à nossa História. O senhor Barbosa Lima Sobrinho vem de publicar (1950), como governador de Pernambuco, por intermédio da Secretaria do Interior e Justiça do Estado, um alentado volume de documentos do Arquivo Público Estadual, dizendo respeito a essa questão, e a que êle após introdução esclarecida e bem informada, pleiteando os direitos de Pernambuco ao território dessa Comarca.

O prefacista dêsses documentos é um conhecedor do assunto e um combativo, movido pelo espírito de justiça. Anteriormente, êle nos dera, no livro «Pernambuco e o São Francisco», a demonstração da obra pernambucana na colonização são-franciscana, assim reivindicando, para seus coestaduanos, uma tradição que lhes era negada. Agora, Barbosa Lima Sobrinho esclarece completamente o caso da Comarca de São Francisco, analisando e comentando a copiosa documentação que nos oferece, neste livro.

Estamos em face de mais uma questão inter-estadual, no domínio político, onde ela deverá ser debatida. Ao mesmo tempo, enfrentamos uma questão de ordem histórica que não poderá ficar despercebida, por um dever comezinho de restabelecer verdades que interessam à gente pernambucana e, pois, ao Brasil. De fato, os motivos políticos que conduziram ao desmembramento, do sólo pernambucano, do território da Comarca, criaram noções erradas, tanto no que diz com a origem do fato, como no que tange à própria história do Brasil, como seja o capítulo da importância da obra dos pernambucanos no desbravamento da região do grande rio. Encontramos no livro agora aparecido todos os elementos necessários a uma reabertura dos debates para que a injustiça não permaneça, criando na harmonia nacional motivos de azedumes e rivalidades. As boas contas fazem os bons amigos. Está o país no dever de acertar as contas histórico-geográficas com Pernambuco, a respeito da Comarca, a fim de que não permaneçam motivos de inúteis ressentimentos, inúteis e justos, por parte dos pernambucanos, tanto mais que o desmembramento da comarca foi ato reacionário do Império, visando estancar, nas fronteiras nordestinas, a onda revolucionária que nos traria, em seguida a 1824, a libertação pela República.

★

GOETHE — Albert Schweitzer — Edições Melhoramentos — São Paulo.

Uma das mais complexas e fascinantes personalidades de nosso tempo é êste singular Albert Schweitzer, teólogo, filósofo, escritor, médico, musicólogo, filantropo. Podendo viver nos grandes centros da civilização, entre as palmas e as sugestões de admiradores, preferiu internar-se na África e, em Lambarene, fundar um hospital, para combater a chamada «doença do sono». Para levantar êsse nosocômio, percorreu a Europa e, ao órgão, interpretava Bach. O produto de seus recitais foi inteiramente encaminhado para a construção e instalações daquele maravilhoso hospital. E' de tal maneira empolgante a sua figura, que a universalmente conhecida organização ianque, «National Art. Foundation», lhe deu o título de «o homem do século», enquanto «Life» o considera «o maior homem do mundo».

De fato: êle possui inteligência vigorosa, cultura vasta, sensibilidade artística e é um florão da medicina. Não parece extraordinário que abandone as seduções das cidades fascinantes e se dedique ao bem do próximo em plena África? Não nos leva a evocar êsses vultos, lendários ou reais, que se afastavam do confôrto e dos prazeres da convivência social das urbes para se consagrar à salvação, física e espiritual, dos outros sêres?

Albert Schweitzer está, em verdade, acima da maioria dos contemporâneos, mercê do conteúdo luminoso de abnegação e singeleza que é a sua existência. O seu estudo «Decadência e Regeneração da Cultura» é uma página robusta de pensador e crítico. Não menos sólido, não menos belo, o seu «Goethe», discurso comemorativo proferido nas solenidades do primeiro centenário da morte do gênio alemão, em 22 de março de 1932, em Francforte do Meno, berço do poeta. E' um opúsculo elegante, volume 1 da Coleção Goethiana, publicada pelas Edições Melhoramentos. Êste «Goethe», que exibe as nobres qualidades de Albert Schweitzer, foi traduzido pelo professor da Universidade de S. Paulo, e escritor, Pedro de Almeida Moura. Aproveitemos o ensejo para assinalar que as Edições Melhoramentos fizeram, em excelente papel, para emoldurar, a apresentação dum retrato de Goethe, com autógrafo, de que recebemos e agradecemos.

★

OUTROS LIVROS

«El-Rei Dom Sapo», de Teles de Andrade, é o vol. 2 da série «Encanto e verdade», que as Edições Melhoramentos vêm apresentando em novo formato. Leitura e ilustrações de inteiro agrado da garotada.

A mesma editôra envia, a quem o solicitar, o útil folheto de 30 páginas «Receitas Selecionadas», com um apêndice de Dietas infantis, interessante presente, bascado nos livros «O Cardápio Nacional», de Constança Melo Dias, e «Nutrição», de Fern Silver.

FIANDEIRA



EVA REIS

A poetisa Eva Reis, que vem de publicar um livro de trovas, «Fianeira», em um desenho de Reis Júnior.

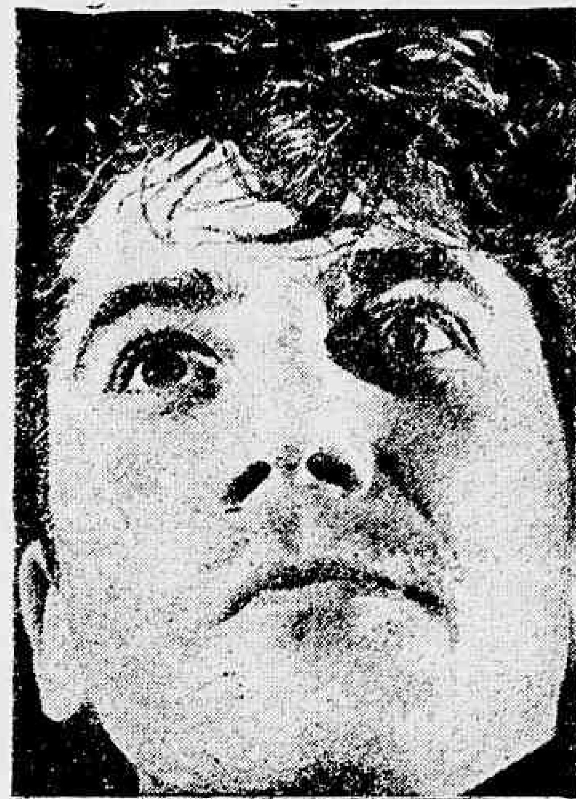
★

REMESSA DE LIVROS:

— Rua Sá Ferreira, 234, apartamento 36, Copacabana.

— Redação da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa.

SIMENON NO TEATRO



GEORGES SIMENON, o romancista policial que mereceu a admiração e o louvor de André Gide e é o criador do famoso inspetor Maigret, acaba de estrear como autor teatral. Realmente, seu romance "La Neige était Sale", acaba de ser transposto à cena, tendo como principal intérprete o jovem e vitorioso ator Daniel Gélin(que há pouco o Rio assistiu na sua esplêndida criação em duas histórias do filme "Conflitos de Amor"). Com o seu papel na peça de Simenon, Gélin obteve tão grande êxito que, segundo um malicioso crítico de Paris, deixou de ser — "o Senhor Delorme"... Como se sabe, o ator é espôso da brilhante atriz cinematográfica Danièle Delorme, igualmente um nome já famoso nos palcos franceses. No clichê, uma impressionante expressão de Gélin, na peça de Simenon.

★

POEMA

VINCENTE AUGUSTUS CARNICELLI

Estaria alguma luz a brilhar
N'algum ser que estou a ser?

Seria alguém a viver
O que viver esqueci?

Luz ou nada,
Consola-me saber,
Que não há além de mim
Outro viver.

O resto, pouco importa.
Batam-me a porta.
Pois, o que fui e vou ser,
Sou eu.
Resta mais a dizer?

★

LETRAS MINEIRAS

BELO HORIZONTE — O vereador Ney Otaviani Bernis acaba de apresentar na Câmara Municipal desta Capital, um projeto de Lei, no sentido de intensificar a cultura em todos os seus aspectos, como sejam: o restabelecimento do Salão anual de Belas-Artes; realização de um concurso de artes fotográficas; criação de prêmios para literatura infantil; concurso de música popular, afinal, tudo o que diz respeito ao incentivo da Arte em Belo Horizonte.

Essa iniciativa do jornalista e vereador Ney Otaviani Bernis encontrou apoio de tôdas as bancadas políticas e da imprensa local. Estamos certos de que o Prefeito da cidade, o Dr. René Gianeti, dará o necessário apoio, prestigiando o plano.

★

O lançamento do livro de estréia da poetisa Mercês Maria Moreira, "Guirlanda de Magnólias", foi brilhantemente comemorado, na Confeitaria Tirosa, com a presença dos intelectuais mineiros, aos quais a autora ofereceu um coquetel. Falaram, saudando a poetisa, José Alcino Bicalho, deputado estadual; Nilo Aparecida Pinto, Sebastião Noronha, Celso Brant, Ramiro Lage, Antônio Ribeiro de Avelar, Da Costa Santos e outros intelectuais.

O AMOR ERA SEU JÔGO



Um jovem professor morava diante do meu apartamento. Deve ter lido meu nome na caixa postal de minha porta. Êle me cumprimentavá e eu correspondia. E era só.



Eu sentia desejos de conhecê-lo mais intimamente. E êle parecia desejar o mesmo. Mas eu detestava tomar iniciativas dessas. Êle poderia julgar-me inexperiente em questão de traquejos sociais.



SERA' BOB O ELEITO DE ELISA?

Hoje é sexta-feira. Tive uma longa e isolada semana. Estou pensando em voltar para minha terra.



Conheci vários homens na cidade. Havia também Cláudio Sawyer na Contabilidade do meu estabelecimento. Era triste e sisudão. George Moss, de meia-idade, era divorciado e gostava de aperitivos excessivos. Frank Lee sustentava a mãe. Não poderia gastar. Isso tudo me desencorajava.



A moça que me falava era Sara Stanton. Trabalhava na mesa vizinha, e nunca me prestara a menor atenção antes.







Foi o primo de Sara o primeiro homem que me despertou a atenção, desde que chegara àquela cidade. Caí de amores por êle desde êsse momento.



TUDO ISTO



O SONHO HUMANO DA ETERNA JUVENTUDE

está sendo pôsto em prática em várias partes da Europa pelo dr. Victor Bogomo'etz, professor da Universidade e Kiev. Êsse médico é primo e colaborador do conhecido cientista Alexandre Bogomo'etz, a quem se deve o descobrimento de um ingrediente destinado a dar juventude aos velhos ou envelhecidos. A cena que estampamos nesta página é um flagrante da aplicação dêsse medicamento numa paciente que está muito satisfeita com o processo e esperançosa de que suas rugas desapareçam da face, dando-lhe a aparência de uma jovem em plena mociade. Victor Bogomoletz é o da esquerda, auxiliado por um assistente, em seu consultório de Paris. Quanta esperança, hein, amigos?

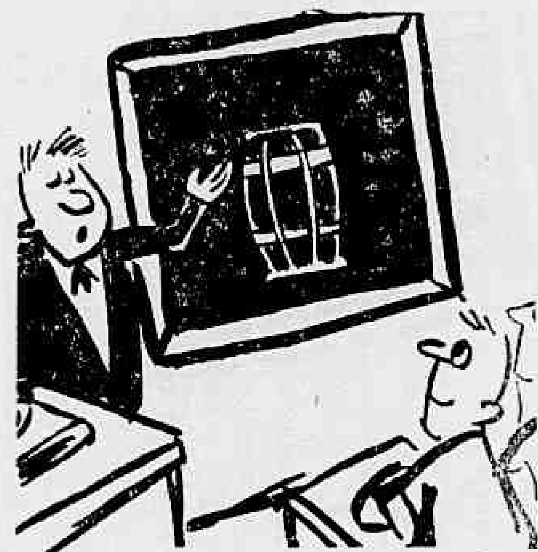
O CULTO DA CERVEJA

CADA país tem suas tradições. Na Alemanha há verdadeira idolatria pela cerveja. Com especialidade na Baviera. Cerveja defeituosa é afronta aos brios da raça, à dignidade do país. No Brasil devia fazer-se o mesmo com o café. Devemos à chamada "preciosa rubiácea" oitenta por cento de nosso progresso social, industrial, bancário e administrativo. Govêrno que não ajuda o café, é govêrno destinado a fracassar em suas iniciativas.

Já temos procurado substitutos para o ouro verde. O algodão, o açúcar, até frutas. Mas tudo isso empaca no meio do caminho e o café prossegue em sua marcha triunfante. Entretanto, quem já se lembrou de tornar o café-bebida uma tradição de dignidade nacional do Brasil? Diz-se mesmo que é aqui onde se bebe o pior café!

Há quem tenha descoberto fraudes clamorosas em nosso café moído. Até palha de milho cuidadosamente queimada, fazendo as vêzes de café. Mas isso já é outro assunto. Queremos falar do que faz a Alemanha com a cerveja.

Vejam os leitores o que acaba de realizar-se na Baviera. A Repartição Bávara de Provas Químicas notou que, em muitos barris de cerveja havia impurezas, ou que não estavam abertos com a necessária técnica. Então, de comum acôrdo com autoridades policiais, passou a fiscalizar a cerveja.



Mas, povo essencialmente prático, os alemães da Baviera fundaram uma Escola para formar técnicos em abrir barris de cerveja! Na verdade, para aquêle povo, abrir um barril dessa bebida é verdadeira ciência. Não basta meter a pua, colocar a torneira ou a bomba e retirar o líquido espumoso. Não. A coisa deve ser tratada com tôda a técnica e o ato se reveste de aspectos quase litúrgicos.

Só agora, com a Escola para formar abridores de barris de cerveja, estarão os bavarenses tranqüilos. A cerveja não terá mais impurezas em chopes simples ou duplos...

UM ESPETÁCULO

O Distrito Federal é hoje campo de atividades de hordas de malandros da pior espécie. Isso, naturalmente, é conseqüência do crescimento dinâmico da metrópole, que, como uma das maiores do mundo, tem de tudo: gente boa, gente ruim, pobreza, opulência, palácios e casebres, gente descalça e outros que têm cinqüenta pares de sapatos.

A evolução de uma cidade portuária como esta, com uma população que caminha para a casa dos três milhões, oferece oportunidades para todos: tanto aos que trabalham como aos que dão trabalho... à polícia.

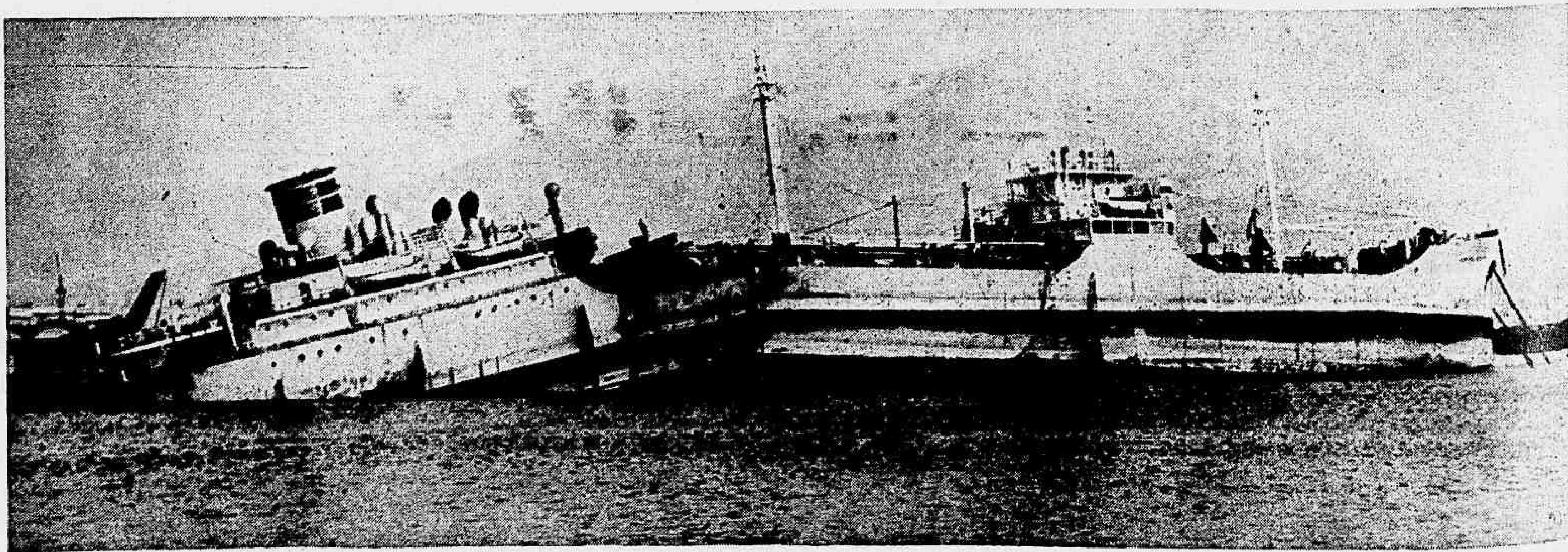
Dentre os mais perigosos e ágeis meliantes do Rio há um de nome Walter Feliciano, gatuno dos mais ardilosos, com o seu campo de atividades ilícitas em Vila Isabel, onde tem cometido vários crimes de furto.

Desde muito que a polícia andava piançando para deitar-lhe a mão. Entretanto apesar do cêrco policial, o malandro conseguia fugir e desaparecia da órbita das diligências. Uma tarde dos últimos dias de abril passado, recebeu a polícia a ansiada denúncia: "Feliciano estava localizado na rua Barão de Mesquita".

A turma saiu disposta a prendê-lo. Certificados de que a notícia era verdadeira, cercaram a casa e o rapaz foi prêso, sem a menor resistência. E' que êle sabia daquele samba que diz: "Malandro não estrila". Como levá-lo ao distrito? Feliciano já fôra campeão de corrida, era hábil fujão das mãos da polícia e capaz de sumir outra vez. Algemá-lo, não era possível, pois nossas leis penais não admitem o emprêgo de tais processos. Então os policiais tiveram uma idéia: meteram o prêso despido no tintureiro. Não era possível que êle fugisse em tal estado.



Mas Feliciano fugiu. Saiu louco a correr pela Avenida Vinte e Oito de Setembro, a maior e mais movimentada artéria de Vila Isabel! Sòmente mais tarde foi agarrado. Vestido e muito bem perfumado...



O PÔRTO DE NÁPOLES, na Itália, foi teatro de um sinistro que emocionou os meios marítimos e a população daquela cidade. Tendo aportado ao molhe o petroleiro «Montallegro», foi o mesmo prêsa de um incêndio cujas causas ainda não puderam ser definitivamente determinadas. Contudo, os peritos e técnicos chegaram à conclusão de que o sinistro fôra causado pelo grande acúmulo de gáses de petróleo, tendo-se inflamado em face de alguma imprudência de pessoas de bordo. O navio não suportou a ação do fogo, partindo ao meio, como vemos.

ACONTECEU

ESQUECIMENTOS



É enorme, neste mundo, o número das pessoas distraídas. Quem fala em distração, falará, obrigatòriamente em esquecimento. Veja-se o que ocorre, diàriamente nos ônibus desta capital: um cidadão toma um dêsses veículos e recebe a ficha quando é o caso. Ao saltar coloca a moeda da passagem. O chofer reclama a ficha que secionou o trajeto. O cidadão replica que não tem ficha nenhuma. O motorista lhe diz então que, nesse caso, é passagem inteira. O passageiro protesta. uma vez que tomou o carro na Lapa...

Intervém o cobrador e declara que lhe entregou a ficha. Então o nosso herói começa a remexer nos bolsos, meio afobado a resmungar, enquanto os passageiros reclamam a demora. E... lá estava a ficha no bolsinho do cós da calça.

E nos Correios? Já viu o leitor a tragicomédia dos clientes postais? Nas caixas coletoras de nossas Agências acontecem coisas de matar de rir. Quando abrem aquêles coletores, muitas vêzes há cartas em abundância, mas, de permeio com a massa de correspondência, encontram, óculos, canivetes, pencas de chaves, carteiras com dinheiro, lápis, canetas, luvas, e se não metem pares de sapato é porque as aberturas são insuficientes. Do contrário, quando abrissem as caixas haveria lá dentro até cachorrinhos de estimação...

Agora, no campo da medicina. Lembra-se o leitor do que se passou, há alguns anos já, com um paciente operado em Barbacena? Depois de operado, o médico deixou lá dentro uma porção de ferrinhos da intervenção cirúrgica. E o caso de Newton, o grande sábio, que, precisando tomar ovos "a la coque", colocou o relógio na chaleira e ficou a olhar, calmamente, para o ôvo...

Agora mesmo aconteceu uma dos diabos a uma pessoa que sofreu uma operação em Turim, na Itália. Foi o ex-combatente Carlo Trufolo, operado de vários ferimentos recebidos na guerra. Depois que recebeu alta, começou a sentir violentas dores nos rins. Tiradas radiografias, descobriram os médicos que o homem estava com um par de pinças à altura dos rins.

MANTENA



SABE o leitor o que significa esta palavra? Há quem diga que se trata de uma espécie de feijão; mas, verdadeiramente, quer dizer isto: pomo de discórdia entre Minas e Espírito Santo há muitos e muitos anos.

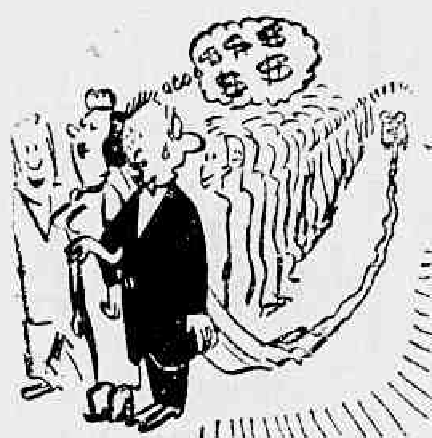
Mantena é o município que está encravado no terreno litigioso da serra dos Aimorés que divide a Leste os dois Estados de nossa federação. O caso já estava liquidado há muitos anos, quando volta novamente à baila e provoca novos atritos verdadeiramente antipáticos para nossa fraternidade nacional.

Minas se julga com direitos definidos e definitivos àquela região; o Espírito Santo, por seu lado, alega que é a êle que cabe a zona contestada. Ora, minha gente, êste nosso Brasil é enorme, muito grande é o Estado de Minas, embora o território do Espírito Santo seja um dos menores de nossa anômala divisão territorial. Por que, então, não chegam êstes dois Estados a um acôrdo definitivo?

Minas podia entrar em acôrdo com o Espírito Santo e, em troca de boa faixa de terra lá para aquelas bandas que ainda está em pleno estado selvagem, obter uma saída para o mar. Ou então, na hipótese de ser isso impossível, que tôda aquela região fôsse entregue ao Govêrno Federal, que, ali, instalaria uma poderosa Colônia Agrícola para localização de nordestinos e emigrantes europeus de boa origem e especializados em agricultura e pecuária.

A zona de Mantena é ubérrima; entretanto, situada numa verdadeira "esquina do Planêta", está abandonada, sem transporte, sem fiscalização, sem supervisão administrativa, sem futuro. A lei é a da violência, cada vez mais agravada com a disputa interminável Minas-Espírito Santo. A melhor solução era esta: Colônia Federal para Mantena. E veríamos como voltaria a paz e o feijão mantena dobrava de valor, em lugar de estar novamente convulsionada a região com pedido de tropas...

DE VÉU E GRINALDA



MARIAZINHA estava triste. Todos de sua família se sentiam constrangidos com a melancolia da moça. Mariazinha é uma jovem de dezoito anos, de olhos negros e vivazes, sombreados por umas sobrancelhas que mereciam uma tela de Da Vinci. Seu rosto meio oval, dava a impressão de que é obra de algum artista da Idade Média. Expressão de doçura e personalidade. Mariazinha está noiva. Mas, inexplicàvelmente, começou a ficar triste, triste, triste. Que seria? Ela mesma confessou a causa de sua desdita: quando fôsse aos pés do altar para receber seu noivo como espôso, em agosto, já não poderia emoldurar-se com os trajes tradicionais e tão lindos da noiva: véu, grinalda, bouquê, vestido branco de cauda, luvas brancas, tôda envolta num mar de beleza cândida como uma nova Anfitrite saindo da espuma das ondas. Ela teria que casar-se em agosto, e, conforme lhe disse uma amiga íntima, a Igreja Católica ia determinar que os velhos trajes de noivado seriam reduzidos ao mínimo E ela estava acabrunhadíssima com a notícia. Seus pais ficaram perplexos. Não sabiam de nada. Pensaram em antecipar o enlace para junho. Mas, achando preferível sondar essa história direitinho, foram falar às autoridades da Igreja. Resultado: o boato era falso. Falsíssimo. Houve, em verdade, um bispo lá da Europa que fêz tais recomendações aos seus fiéis. Mas isso não é ordem do Vaticano abarcando o mundo. Foi uma cousa muito local. Aqui mesmo, nesta Revista já tivemos oportunidade de comentar o fato. Podem, pois, ficar tranqüilas as noivas do Brasil. Os vestidos continuarão a ser os mesmos que vieram de nosses maiores. E se as caudas não podem ser tão longas, isso, evidentemente, se justifica diante do alto preço das fazendas. Nem todos os pais ou todos os noivos têm panos para as mangas, nem querem meter-se em camisas de onze varas...

★

O ROCEIRO DE CARANGOLA



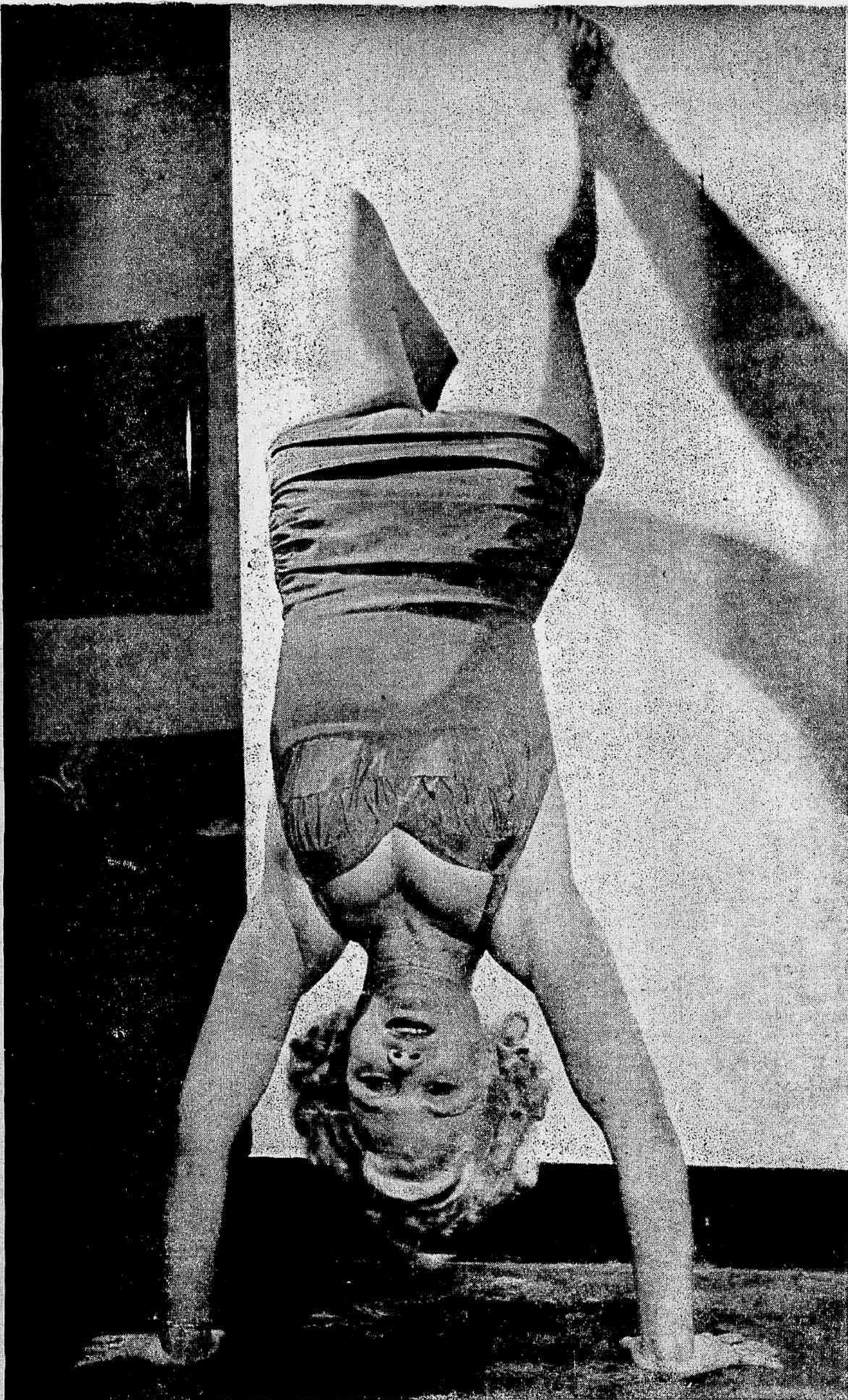
O sr. Evaristo, casado com d. Gabriela, mora num dos nossos subúrbios da Central do Brasil. Gente modesta, trabalhadora, tem o casal um filho já rapaz que também exerce profissão honesta e colabora para a harmonia do lar e tranqüilidade doméstica. O sr. Evaristo possui depósitos na Caixa Econômica, seu pézinho de meia bem guardado e, sempre que sobram alguns cruzeiros, êle reforça o monte na prevenção do futuro. Mas um dia, próximo a sua casa, um cidadão se aproximou dêle e da espôsa e, efusivamente, relembrou a vida passada entre êles, amigos que de infância. O sr. Evaristo não se recordava muito dêsses episódios, mas, homem correto e cortês, admitiu que tudo aquilo fosse verdade. Estavam conversando animadamente, quando se aproxima do grupo um senhor e maneiras amatutadas, conhecido do outro velho amigo de Evaristo. Era a nova personagem um digno mineiro lá de Carangola. Que queria êle? O homem de Carangola contou esta história: um seu amigo daquela cidade da Zona da Mata, muito rico, falecera. Dentre as doações que fizera, deixara setenta mil cruzeiros em metal sonante para a Fundação Laureano. Sucedia que, coubera a êle, o homem de Carangola, a incumbência de vir ao Rio entregar a importância. Mas êle, homem inexperiente, sem conhecer o Rio, estava em apuros. O encontro do seu amigo naquele momento era salvador. Depois de muita conversa, o tal amigo de infância indicou o sr. Evaristo como a pessoa talhada para tomar conta do dinheiro, fazendo-o chegar às mãos dos diretores da Fundação. O homem de Carangola se mostrou retraído, o que estimulou o Evaristo a por-se em brios e dizer-lhe que era homem de posses e capaz e tomar a incumbência. Resultado: o sr. Evaristo foi com os amigos à Caixa Econômica e entregou cinqüenta contos como garantia dos setenta; mas, ao abrir o pacote, a caminho de casa, só encontrou papéis velhos...



ROSA E ANITA ITÁLIA GARIBALDI, sobrinhas do herói da independência italiana, habitam em Roma um modesto apartamento no qual conservam religiosamente numerosos objetos que pertenceram ao conhecido revolucionário tão vinculado ao Brasil pela sua união com Anita.



LERAM OS LEITORES O CASAMENTO do Rei Farouk, do Egito há dias. Esta é sua espôsa, Narriman Sadek, de 17 anos. Teve ela que mudar seu nome de batismo por um que comece pela letra F, como manda a tradição do país, uma vez que Narriman não é de sangue real.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Às margens do Mondego (Celestino Silveira) 3, 11/16
O "show" dos Globetrotters (Sabino Canalini) 4/7
Êle descobriu o Baião (Viníciu de Lima) 17/22
Para salvar os pré-nascidos . 24/27
O Dr. Baskaran um homem raro (Jorge Lyra) 29/31

HUMORISMO

Os Malabaristas (Théo) 8
Nem cara... Nem coroa (Nicodemus) .... 16 e 22
Êste mundo e o outro... (Darcy) 37

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 9
A semana em revista 10
Personagem da semana 10
Palavras-cruzadas 32
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 38
Tudo isto aconteceu 48/49

FOLHETIM

O amor era seu jôgo 47

FEMININAS

Blusas para o "tailleur" 33
"Tailleurs" clássicos 34
Casacos amplos 35
Modelos juvenis 36
Week-End na Cozinha 40/41

LITERATURA

Uma história de amor (Hilarius de Oliveira) 23
Castigo (Maria Adelaide d'Ávila Miranda) 28
Semana Literária (Edmundo Lys) 44/45

CURIOSIDADE

Será isto sexo fraco? 50

FOTOGRAFIAS



Celestino Silveira — Sabino Canalini — José Santos — Vinícius de Lima — Keystone — Jorge Lyra — Avulsas.

ILUSTRAÇÕES

Oswaldo da Cunha — Orlando Matos — Rafael.

★

NA CAPA:

Giana Canale

(Foto M.G.M.)

Respostas ao teste

1—De Confúcio
2—Dante Alighieri
3—Caixeiro-viajante
4—De um padre que o criou
5—«Dom Quixote»
6—Equador e Chile
7—Pireneus
8—Obras de Platão
9—Visúvio
10—Masaccio
11—1499
12—Fred Astaire
13—Silva Jardim
14—O avestruz
15—Metamorfose
16—Para fecundação das plantas
17—Látex
18—Um século
19—Kaieteur (¼ de milha, rio Potaro, Guiana Inglêsa)
20—A de Santa Maria do Iguaçu (Brasil).

Será isto sexo fraco?

MAS será mesmo? Sob a capa de uma suposta e já desmentida debilidade própria da mulher, ela se aproveita para assumir, nos dias que passam, as mais violentas atitudes. Atitudes de ordem espiritual e física, bem entendido. Um "team" de façanhudas senhoras, pêso pesado, andou se exibindo em renhidas pelejas de luta livre, faz meses, aqui no Rio, e muito rapaz que se julgava forte, passava de largo quando as via mais de perto. Ninguém teria coragem para lhes dirigir um galanteio... Nem de galanteios elas vivem, mas de luta-livre. E esta que se vê na gravura acima, serve de outro desmentido formal e positivo, da tão decantada fragilidade feminina. Outros flagrantes da mesma série, integrando uma palpitante reportagem sôbre o sempre momentoso tema — o sexo fraco será fraco realmente? — serão publicadas em nosso próximo número. Convém adiantar que essa edição próxima servirá também para comemorar o 51° aniversário da REVISTA DA SEMANA, apresentando-se com número maior de páginas, inclusive algumas em côres, ilustradas com novos e sugestivos flagrantes panorâmicos e pitorescos da terra portuguêsa. Continuaremos, assim, divulgando o material ali recolhido pelo nosso companheiro Celestino Silveira, em abril último.

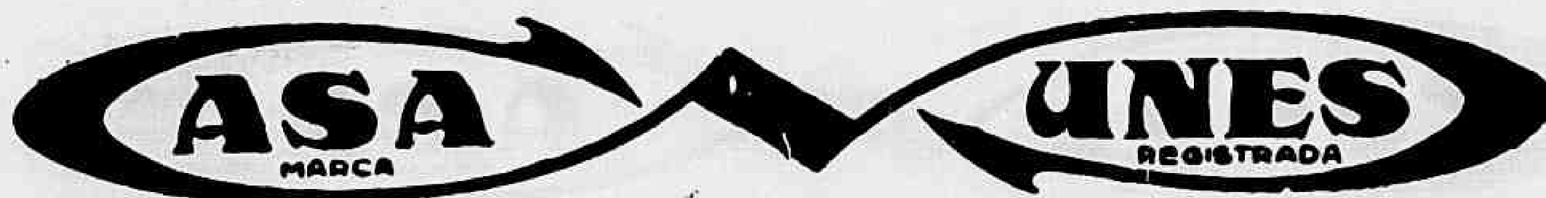
MÓVEIS E DECORAÇÕES



ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

GRANDE SORTIMENTO DE
Tapêtes e Passadeiras
DE FORRAÇÃO, DE TÔDAS AS CORES
E DIMENSÕES.

Grupos estofados
— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA.



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua harmoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



um produto SOUZA CRUZ